



PROJECTO FINAL DE ARQUITECTURA

A Cidade e a Música: A Escola do Conservatório Nacional

Trabalho Prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura | Tutor: Arquitecto José Neves | Candidato: Tiago de Figueiredo ISCTE-IUL | 2015





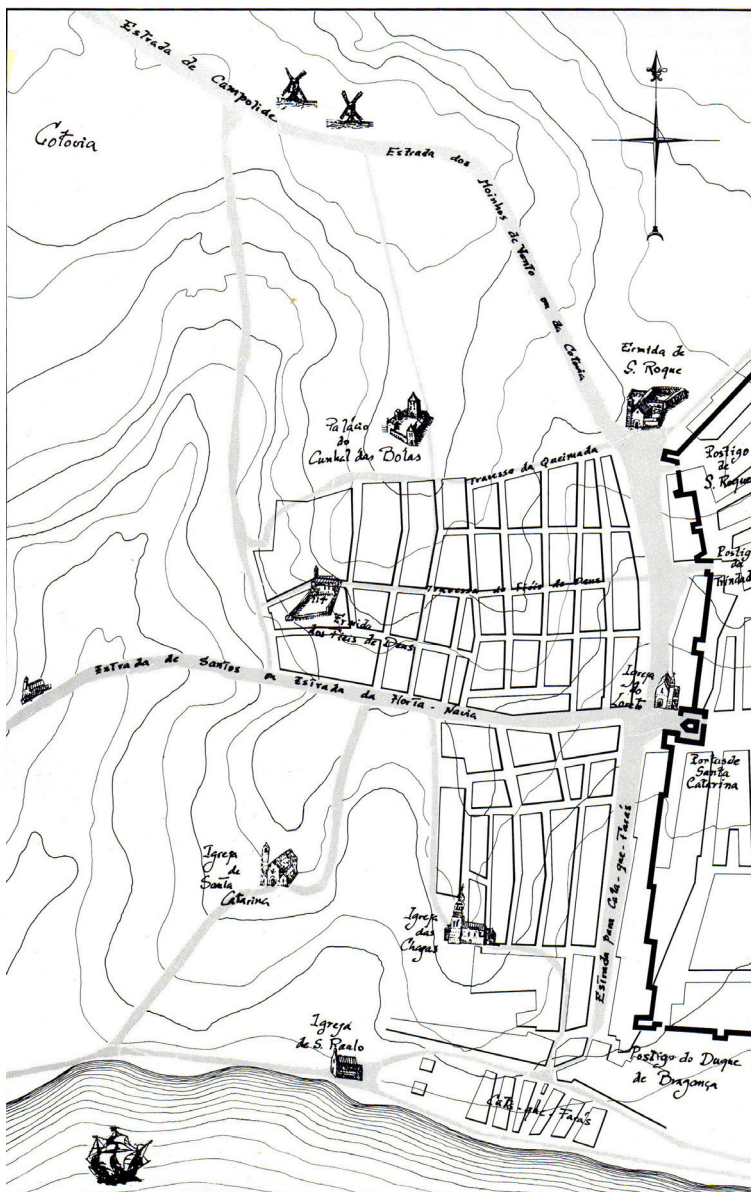
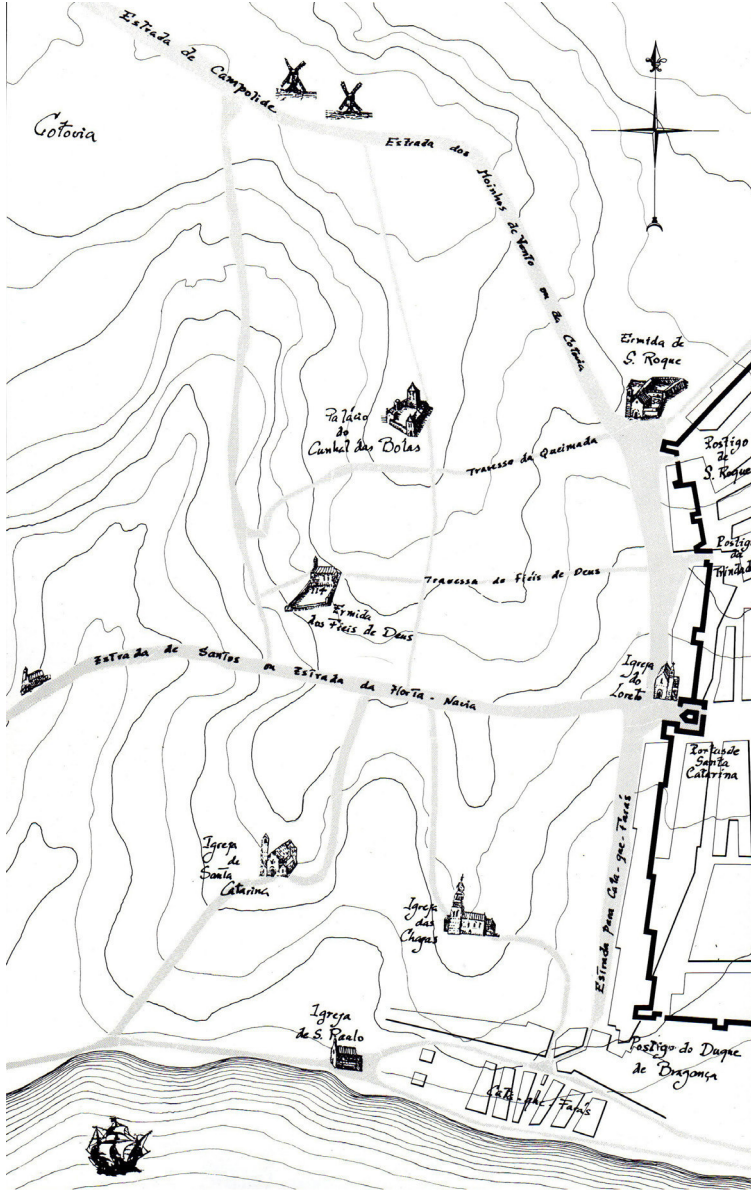
Filipe Folque - 1856-02



Júlio António Vieira da Silva Pinto - 1909-15



Edifícios Históricos - 1951-1953



Enquadramento Urbano

Proveniente do aforamento de vários terrenos a oeste da muralha Fernandina da cidade de Lisboa, em 1437, nasce assim, fora dos limites da mesma, a área que vem dar origem ao Bairro Alto, Cais do Sodré e Rua do Alecrim.

A extensão da cidade para esta zona acabou então por ser organizada segundo uma malha ortogonal, a mando de D.Manuel, que tentava na altura desenvolver a cidade e favorecer a nobreza. As ruas ainda nos dias de hoje contém restias de características de quando foram realizadas a divisão das propriedades em talhões e hortas, originando assim nomes de ruas como a Rua das Chagas, da Horta Seca...

Devido ao elevado crescimento demográfico verificado na época bem como à falta de praças ou largos estruturadores da malha urbana, dá-se a construção da Vila Nova de Andrade, hoje em dia o Bairro Alto, numa grande operação urbanística. Nasce assim o mote para as várias praças e largos que hoje em dia o caracterizam, como o Largo Barão Quintela, o primeiro a surgir, já no século XIX, na sequencia da grande intrenvenção pombalina na cidade, bem como o Largo de São Roque.

Mas desde dos primeiros anos do séc. XVI que existem duas ruas com o nome de Cata-que-Farás fora das muralhas que formavam umas casas frente ao rio. Entre esta rua Cata-que-Farás e as muralhas, às portas de Santa Catarina, desenvolveu-se a Vila Nova de Andrade que imediatamente se expandiu em 1513. Era notório e natural que os limites da Vila não se afastassem muito da Estrada de Santos nem ultrapassar o Alto de S.Roque, visto ter sido polarizada às Portas de Santa Catarina.

E devido ao seu rápido crescimento demográfico esta Vila ganhou novos sentidos como a poente e a norte, estes a norte da Estrada de Santos e na zona das Chagas a sul. Vai ser entre 1528-1551 que este crescimento se vai multiplicar vinte vezes. A Estrada de Santos vai dividir duas malhas urbanísticas diferentes remetentes a épocas diferentes, vindo a malha urbana localizada a sul se alterar depois do Terramoto de 1755.

É visível na panorâmica de Lisboa a zona da Rua Formosa (Rua do Século) perpendicular à Estrada de Santos a ser constituída por quintas e hortas de maior área.

Em 1551 aquando a chegada dos Jesuítas, o Alto de S.Roque veio rapidamente a ser alterado, pois as oliveiras existentes na época ao seu redor rapidamente se tornaram em casas. Vindo a alterar o percurso do crescimento da Vila Nova de Andrade que seguia o eixo da Estrada de Santos numa primeira fase partindo das Portas de Santa Catarina chegam os Jesuítas ao Alto de S.Roque iniciando uma nova fase de urbanização polarizada à volta de S.Roque que recebe o nome de Bairro Alto de S.Roque.

Apresentando-se este como um centro de difusão de novas culturas e comportamentos, a zona ocupada pelos Jesuítas veio a destacar-se das restantes. assim numa comparação entre as duas zonas, à medida que a Vila Nova de Andrade se via culturalmente superada pela inovação e pela novidade proveniente do Bairro Alto de S.Roque, esta começou a perder caracterização bem como lentamente deixou de dar o seu nome à zona.

No início do século XVI as portas de Santa Catarina deixam progressivamente de funcionar como um conjunto ao eixo da Estrada dos Santos o que vem a resultar a favor da Igreja das Chagas que vem a atribuir o nome ao Bairro das Chagas. Assim a Estrada dos Santos passa a dividir a zona da Vila Nova de Andrade - Chagas da zona do Bairro Alto de S.Roque.

Os Jesuítas vêm disseminar uma arquitectura racionalista com linhas maneirista sólidas e depuradas através da sua influência que tiveram perante a jovem aristocracia, esta companhia de grande cultura e conhecimento adaptou-se positivamente com os pressupostos da Vila Nova de Andrade aquando se iniciou.

A tentativa de adaptação da nova malha aos terrenos pré-existentes estabeleceram uma melhor abertura do Bairro ao Alto de S.Roque, e as suas ruas permanecem com a mesma orientação do rio norte/sul mantendo esta regra até ao período pombalino. Entre a Rua da Rosa e a Rua Formosa encontravam-se terrenos que caracterizavam esta zona voltada a poente e com um declive considerável com um ambiente mais rural constituído por quintais, hortas e casas. E notório foi o ambiente que a segunda fase da urbanização ganhou com a nobreza que mandou eregir grandes casas neste bairro adaptando-se aos quarteirões sem quebrar a malha urbana, todos queria desfrutar deste novo bairro.

Contribuindo para o alargamento das ruas da malha ortogonal traz D.Filipe II nos finais do séc.XVI o coche vindo a tornar-se num meio de transporte importante.

Este bairro bai-se situar nas zonas mais afastadas como a Rua Formosa e Cotovia onde se situa o Convento dos Caetanos e a quinta dos Condes de Soure, mesmo nos limites da cidade.

O Terramoto de 1 de Novembro de 1755 não afectou em grande escala o Bairro Alto, devido às suas paredes grossas e de baixa altura veio a contribuir para o bom estado em que este bairro se encontrou após este abalo sobre a cidade, o que não se pode afirmar do Bairro das Chagas que foi completamente destruído. Os edifício religiosos e palácios também foram poupados apresentando no entanto fissuras e zonas destruídas.

Apesar das obras do pombalino este bairro não vai alterar quase nada, mas com estas grandes obras a decorrer na cidade e ao bom estado em que o bairro se encontrou, as Ruas da Misericórdia, Formosa (actual rua so século) e Camões, vão redefinir as novas relações entre o Bairro Alto e a Cidade pelo alargamento das suas ruas. Grandes obras foram realizadas na Rua Formosa, como as duas meias-laranjas como muros de suporte, e na Calçada dos Caetanos está um conjunto de elementos urbanos monumentais, assim a ligação entre estes dois espaços urbanos revela a atenção cuidadosa que houve na integração do Bairro Alto com a cidade.

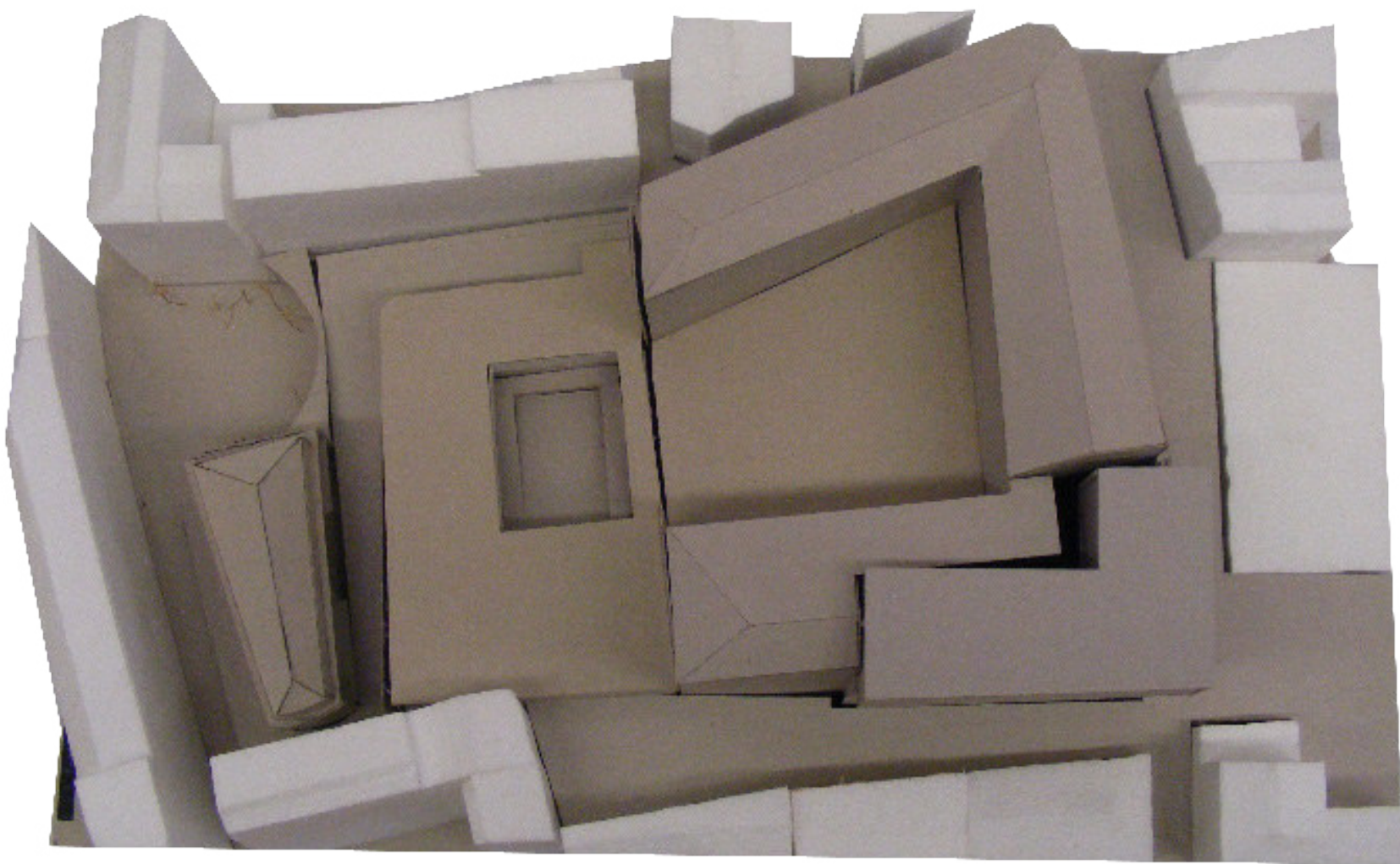
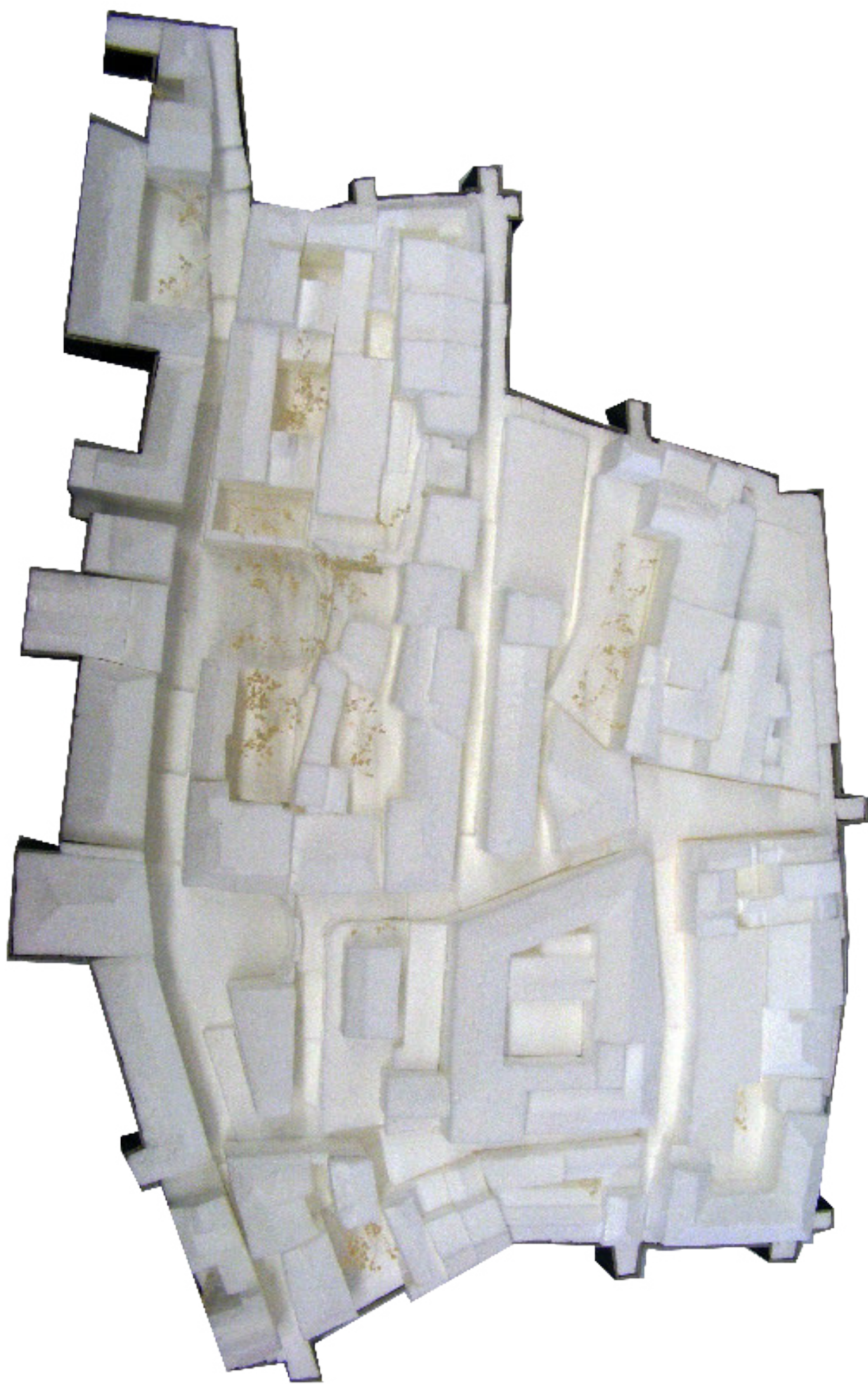
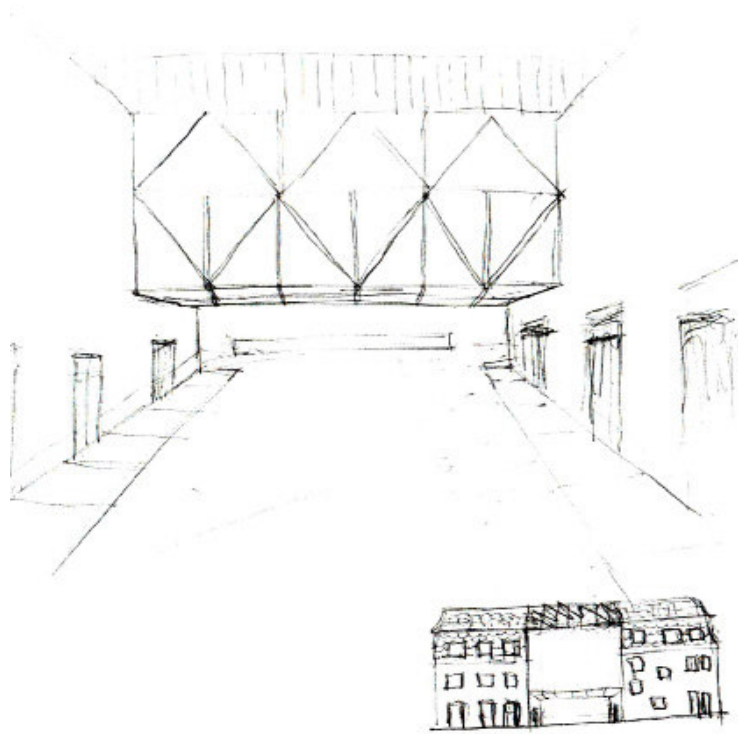
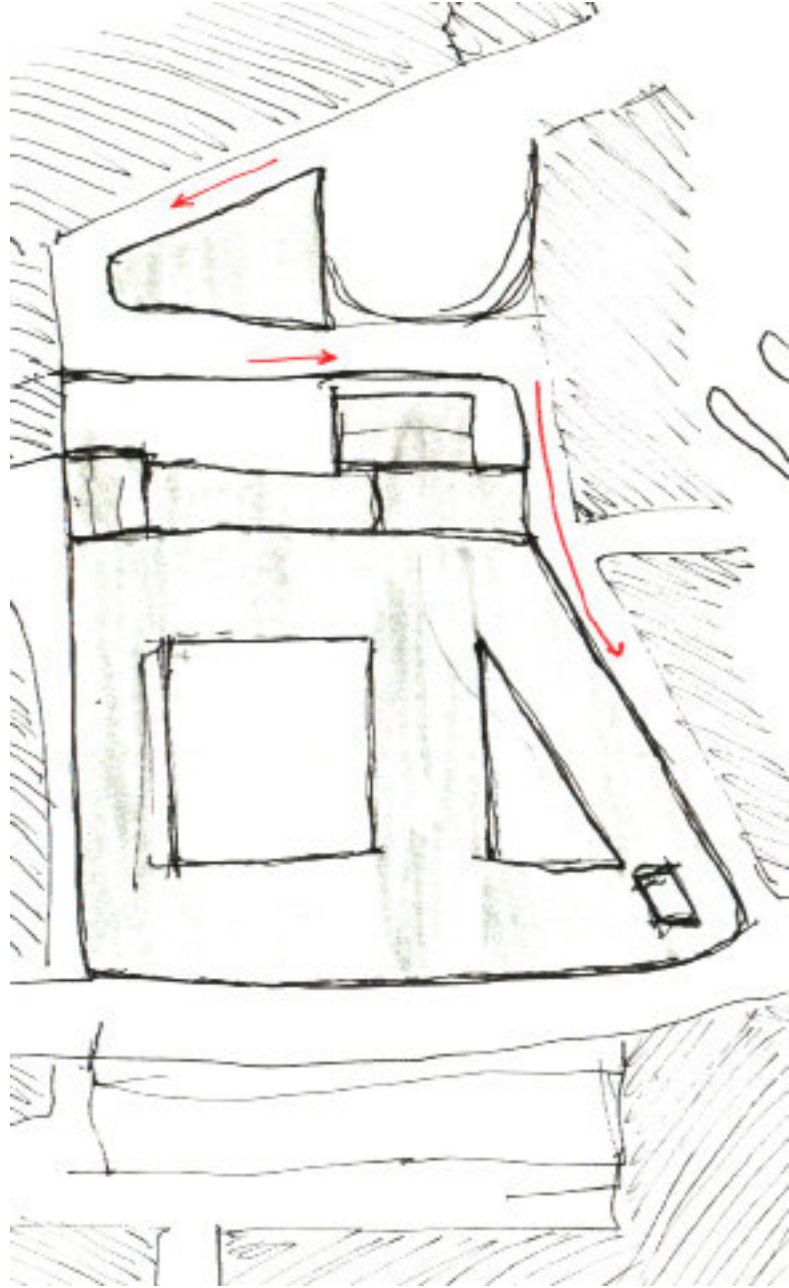
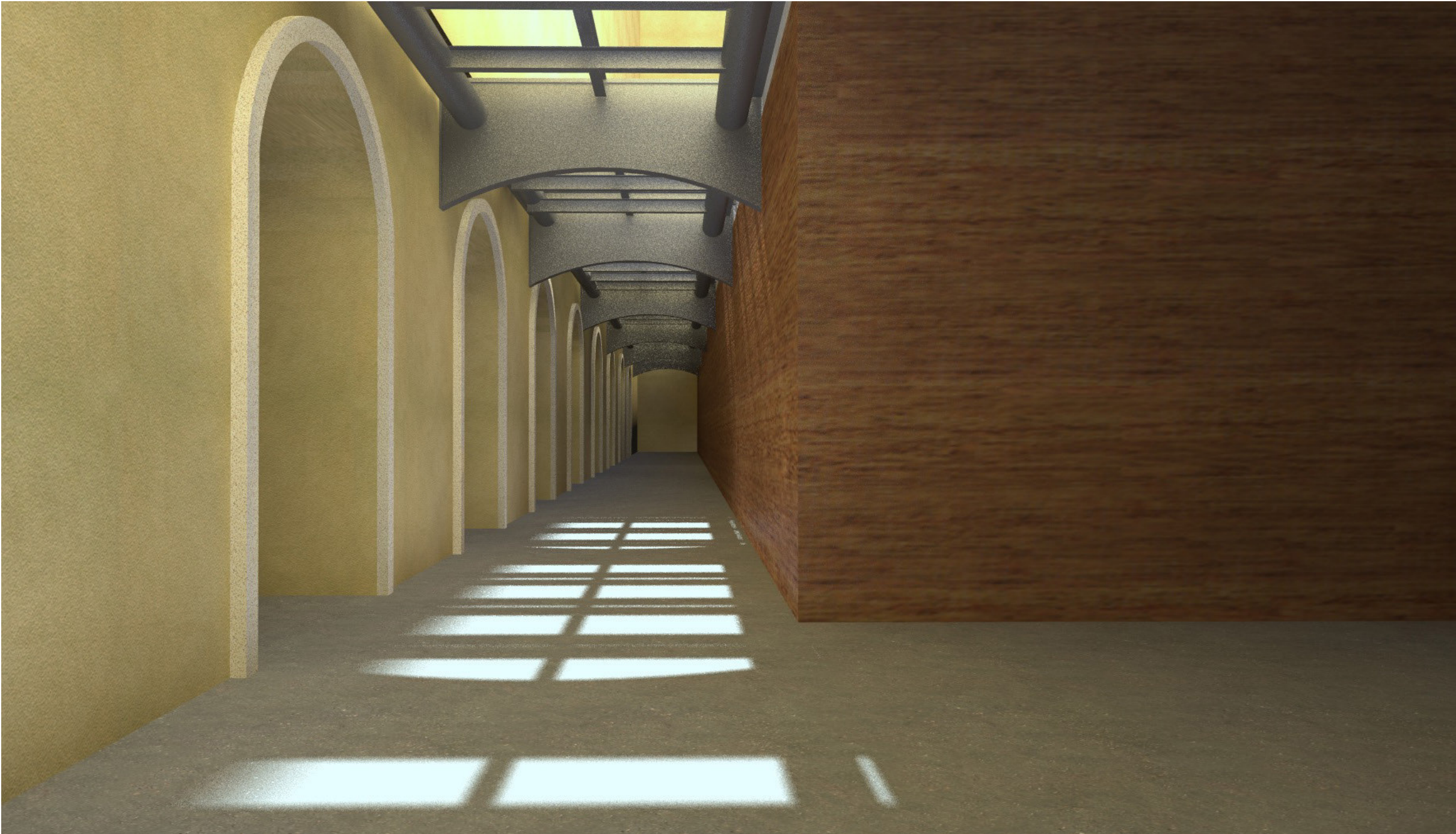
Não perdendo o rigor da malha urbana ortogonal os edificios são reconstruídos com maiores dimensões. Esta reconstrução da cidade prolonga-se ate à primeira metade do séc. XIX tendo a tradição das linhas maneirista adaptadas aos princípios pombalinos. Mas no entanto esta época marcada pela reabilitação pombalina marcou o declínio da aristocracia no Bairro Alto, estes após o Terramoto mudaram-se para as suas casas de verão nos arredores da cidade levando as casas da cidade ao abandono e ruína.

Com o passar do tempo e o impacto do Terramoto esquecido, o Bairro Alto encontrou-se desactualizado com o seu estilo maneirista e monótono, e apesar disso os limites deste bairro ganham uma vivência burguesa independente ao seu interior. Mas com o passar do tempo o crescimento da cidade aumenta e com a sua centralidade em relação à cidade o Bairro Alto ganha qualidades progressivas.

O duplo movimento realizado por Pombal no Bairro Alto apresenta controversias, pois mantém a integridade da malha ortogonal mas por outro lado as construções e alargmentos nos limites deste bairro tendem a fechá-lo tornando-o no que se pode dizer, numa ilha.

O percurso do Rato até à Cotovia preenchia-se gradualmente no séc.XIX com palacios e casas, no seguimento desta rua, a estrada estreitava bastante passando por S.Pedro de Alcântara que continha um depósito de lixo. Foi construído o miradouro de S.Pedro de Alcântara a partir de um processo de terraplanagem num deposito de lixo ali antes existente. Este que será mais um marco de limite do Bairro Alto e vivido pela alta burguesia. Assim no final do séc.XIX a Rua dos Moinhos de Vento é alargada com a expropiação de terrenos, o que leva a esta rua adjacente ao Bairro Alto a ser ocupada por edificios altos, ganhando esta um novo nome D.Pedro V.

Foi na zona da primeira fase de urbanização do Bairro Alto antes chamado como Vila Nova de Andrade, na Rua dos Caetanos junto da Rua Formosa (actual Rua do Século) e de uma das meias-laranjas (muro de contenção) construídas pela intervenção de Pombal, que se instalou em 1653 a Ordem Religiosa dos Teatinos fundando o seu Hospicio que mais tarde ganha licença para se converter em Convento dos Caetanos até ser ocupado em 1837 pelo actual Conservatório Nacional após a expulsão das Ordens Religiosas em 1834.



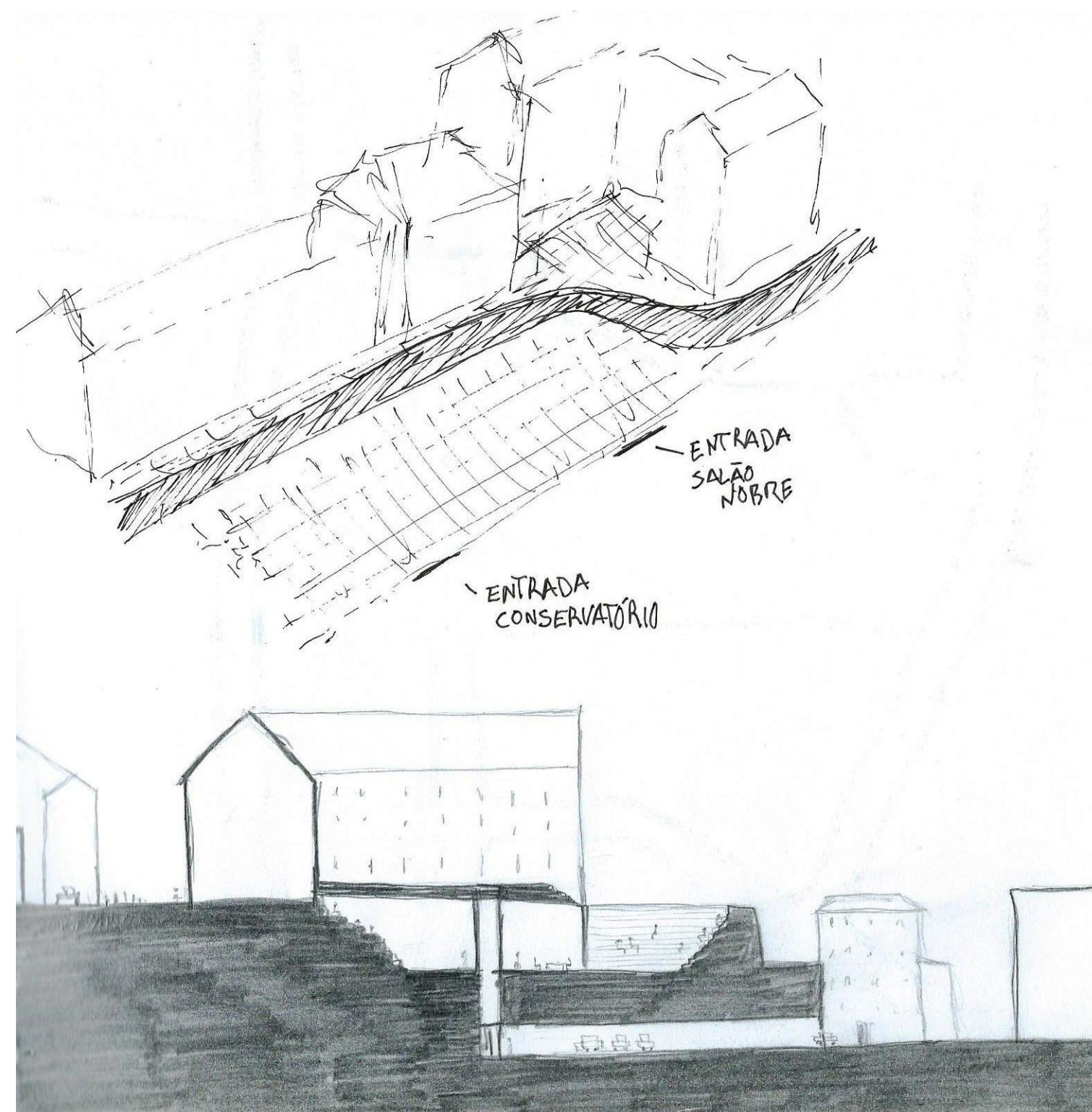
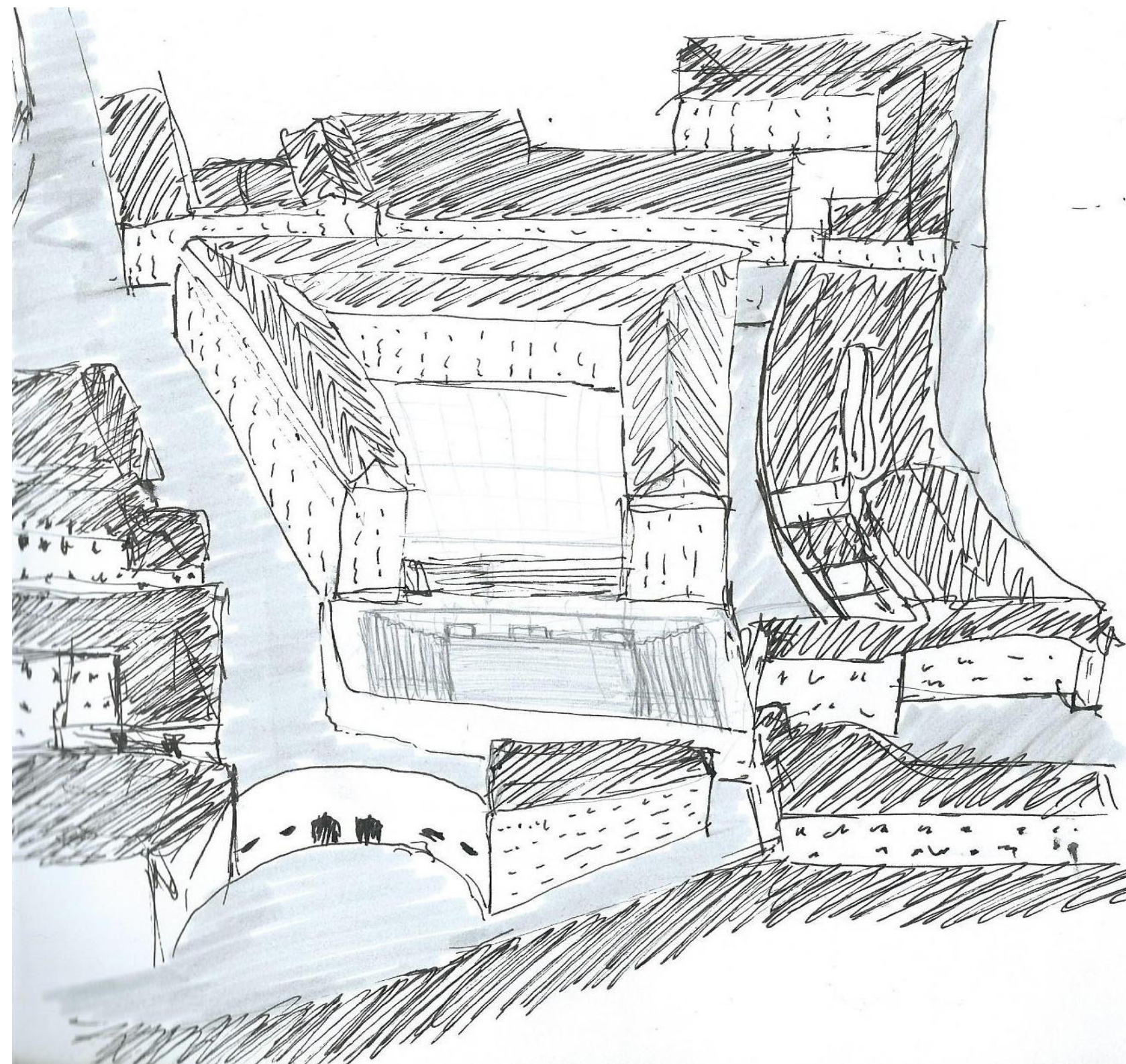
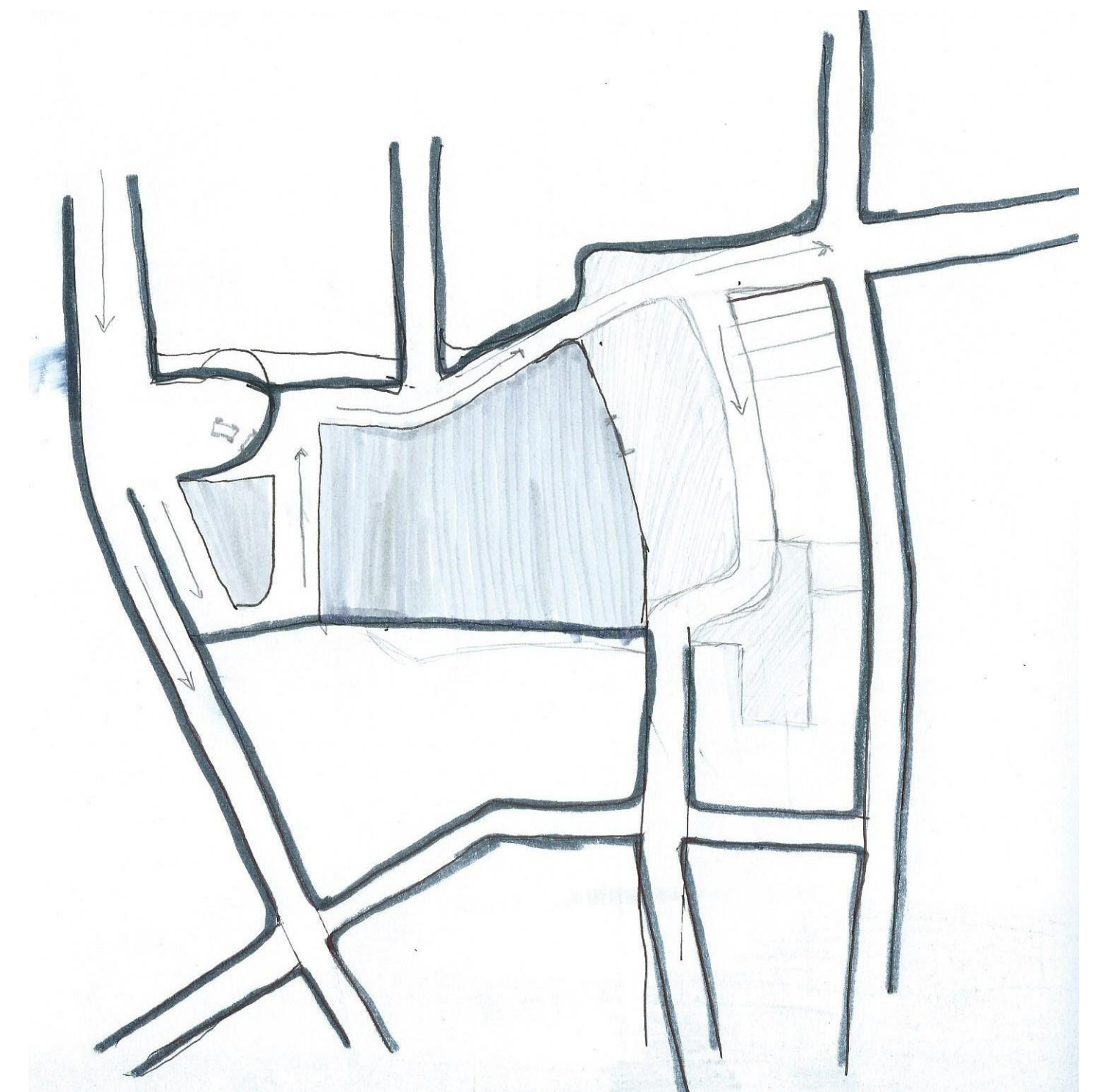
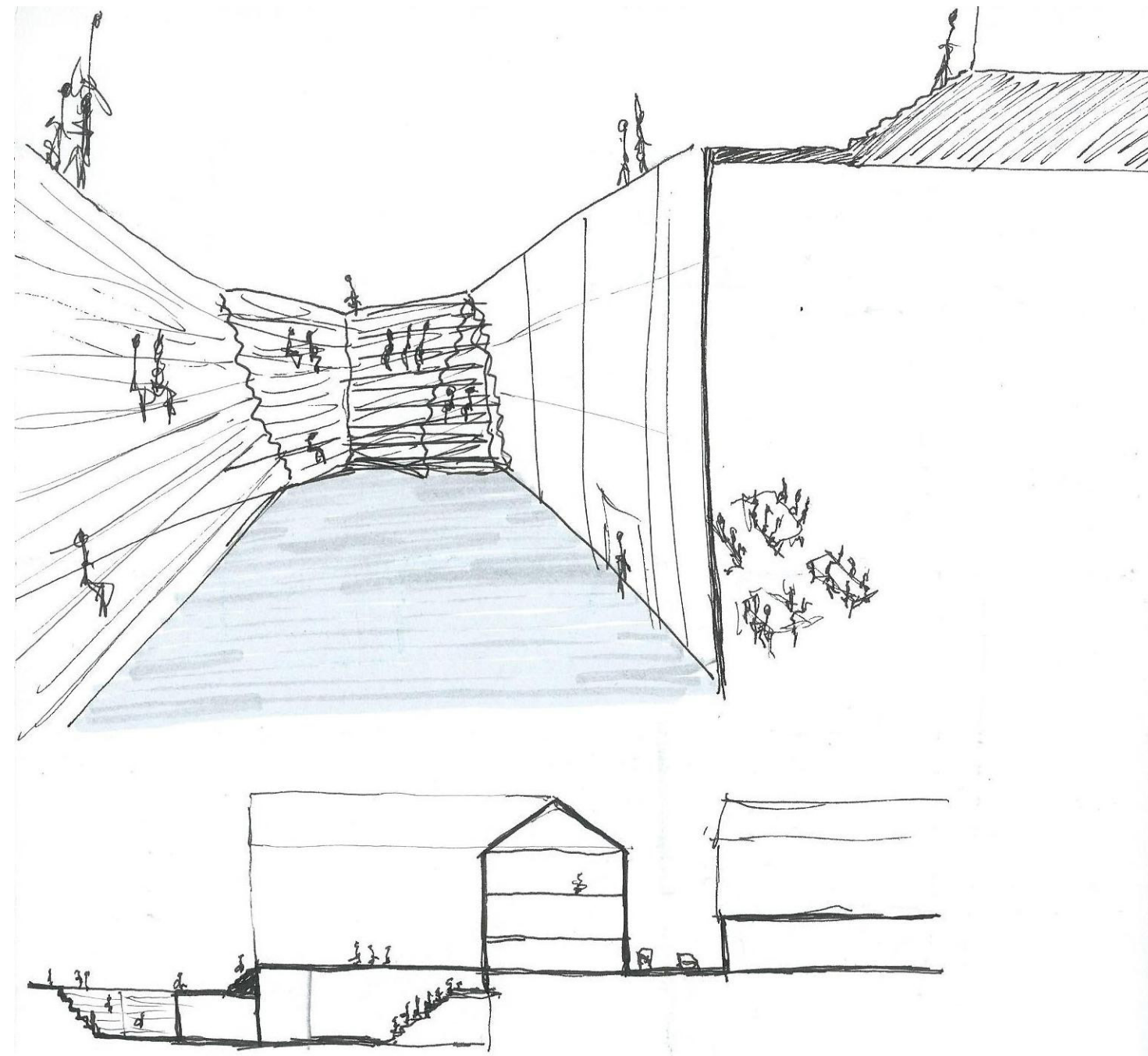
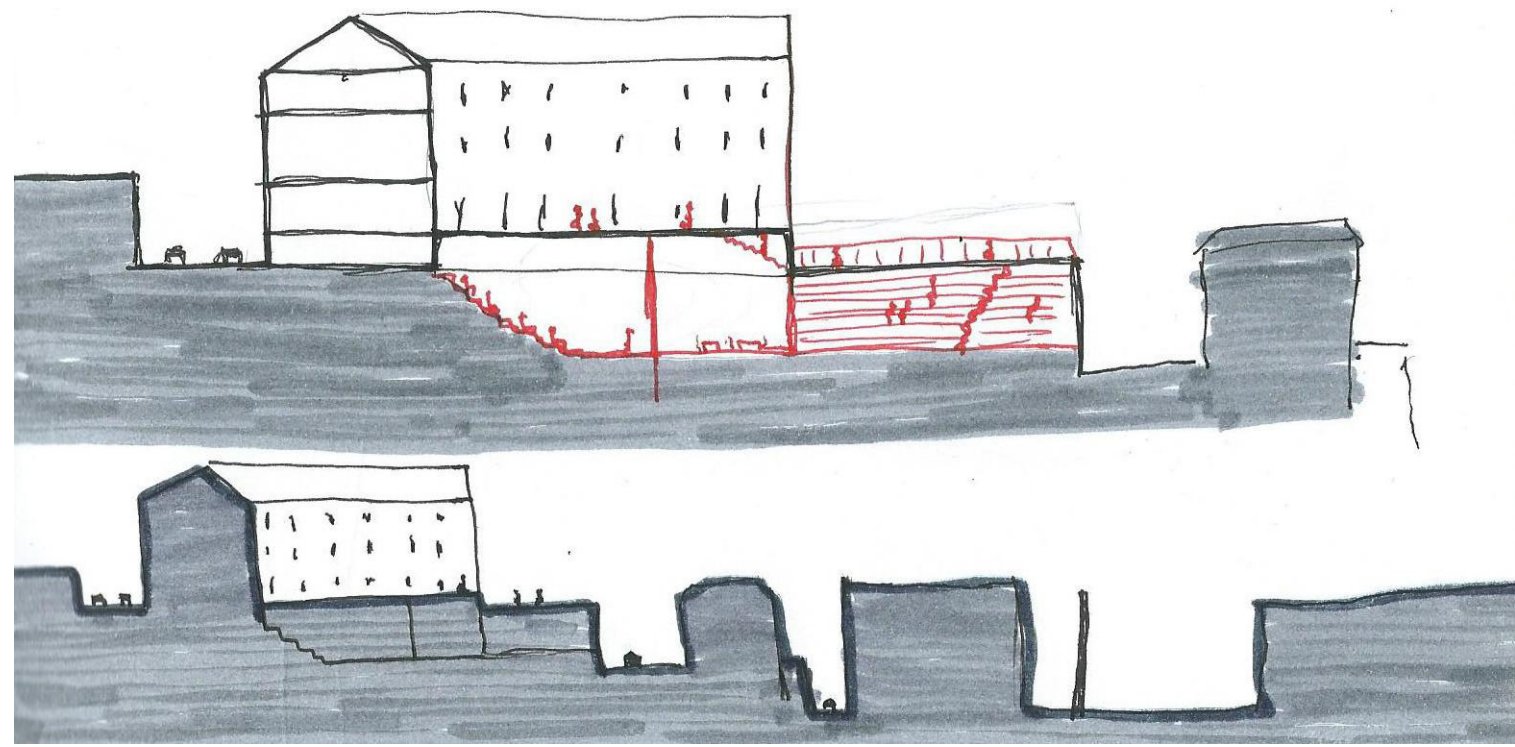
Memória Descritiva

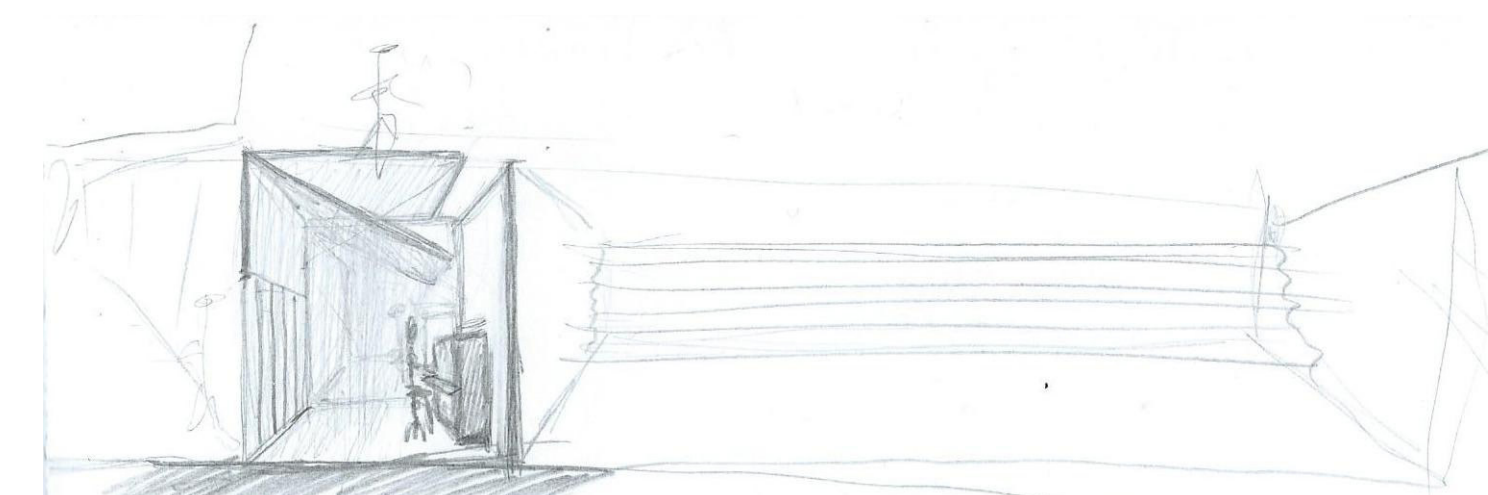
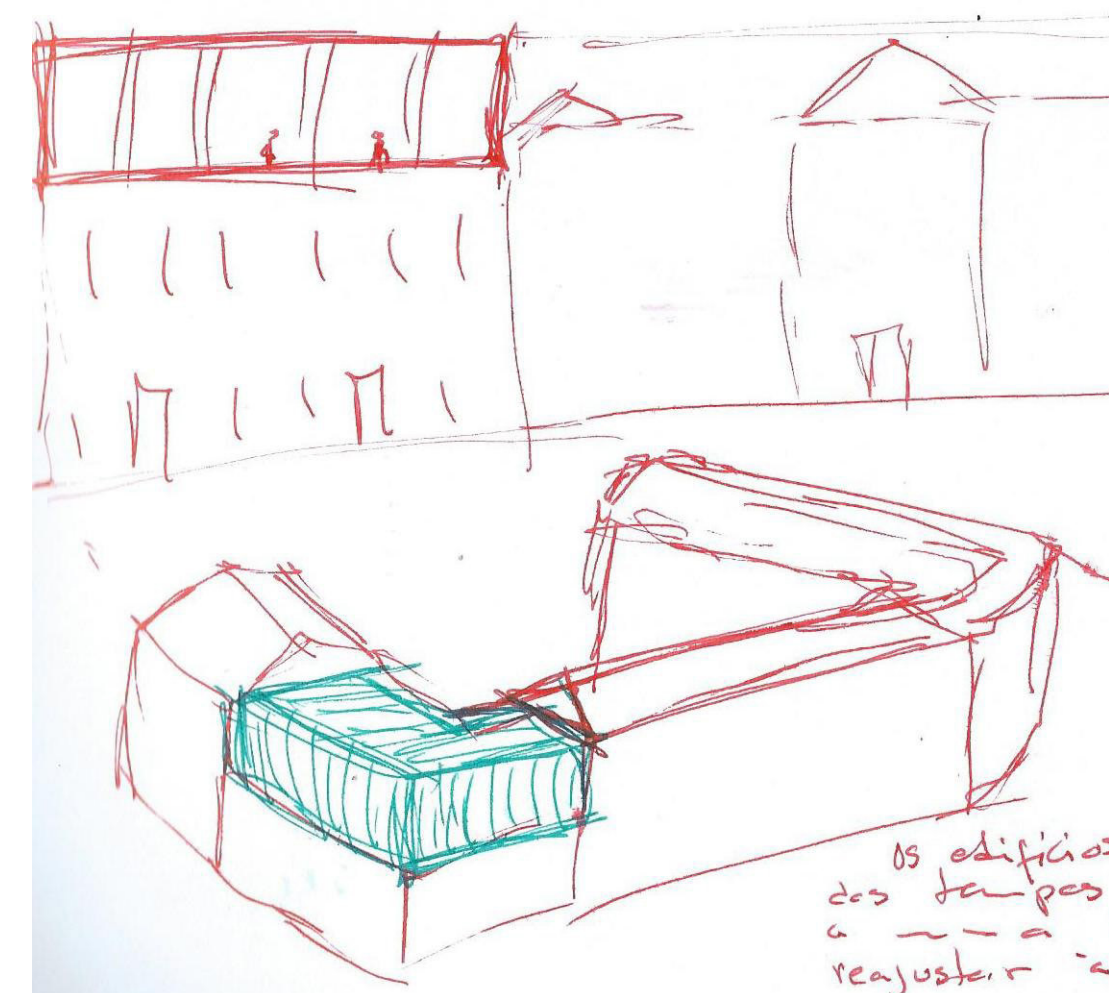
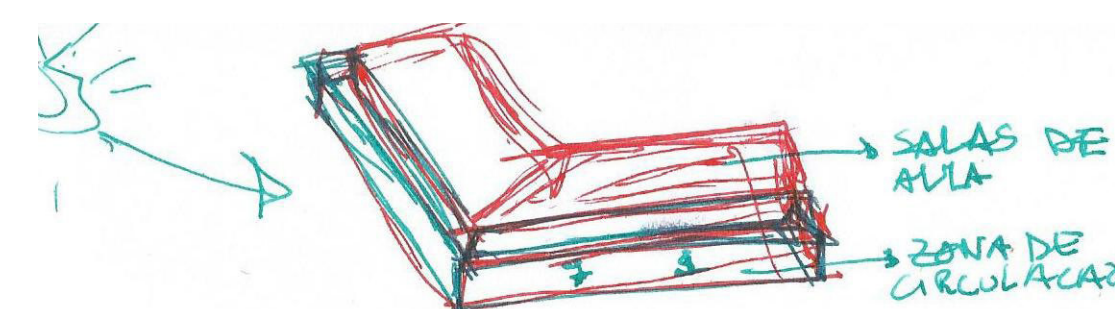
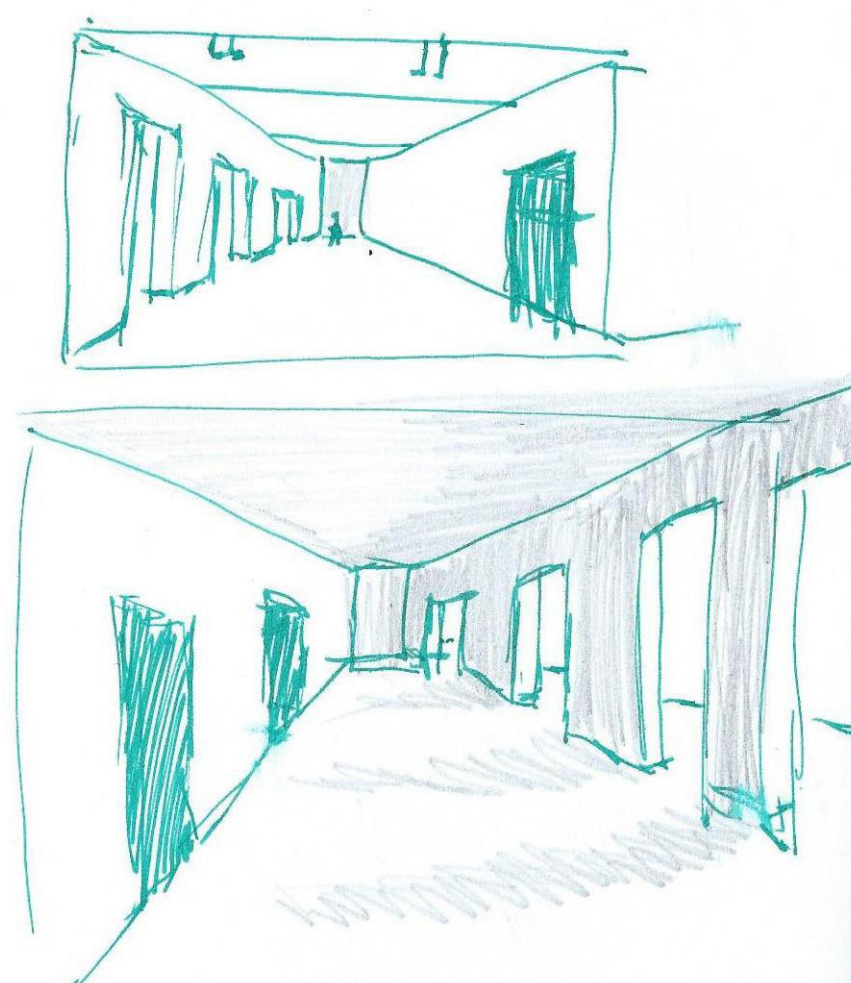
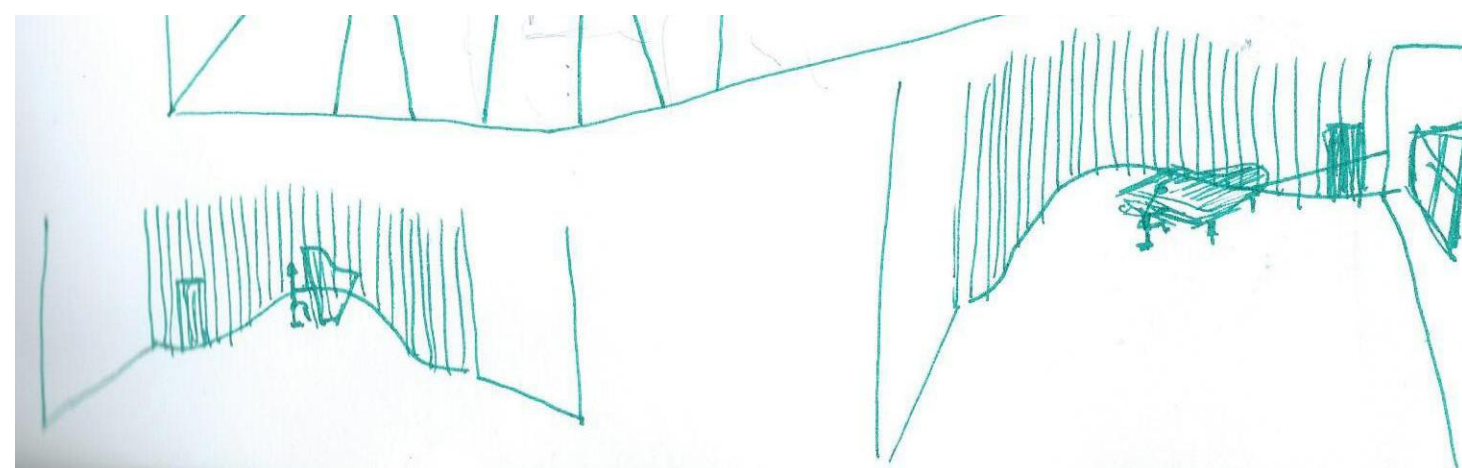
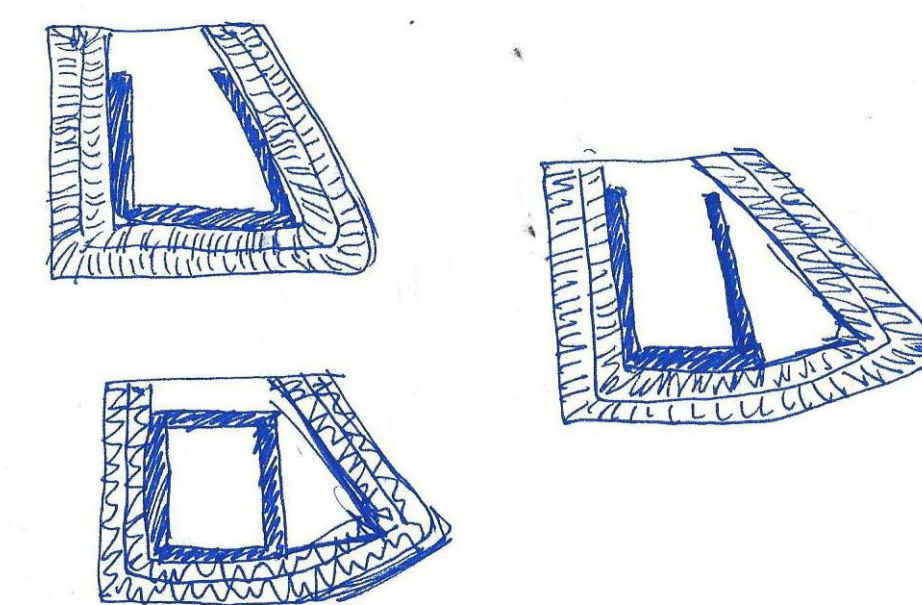
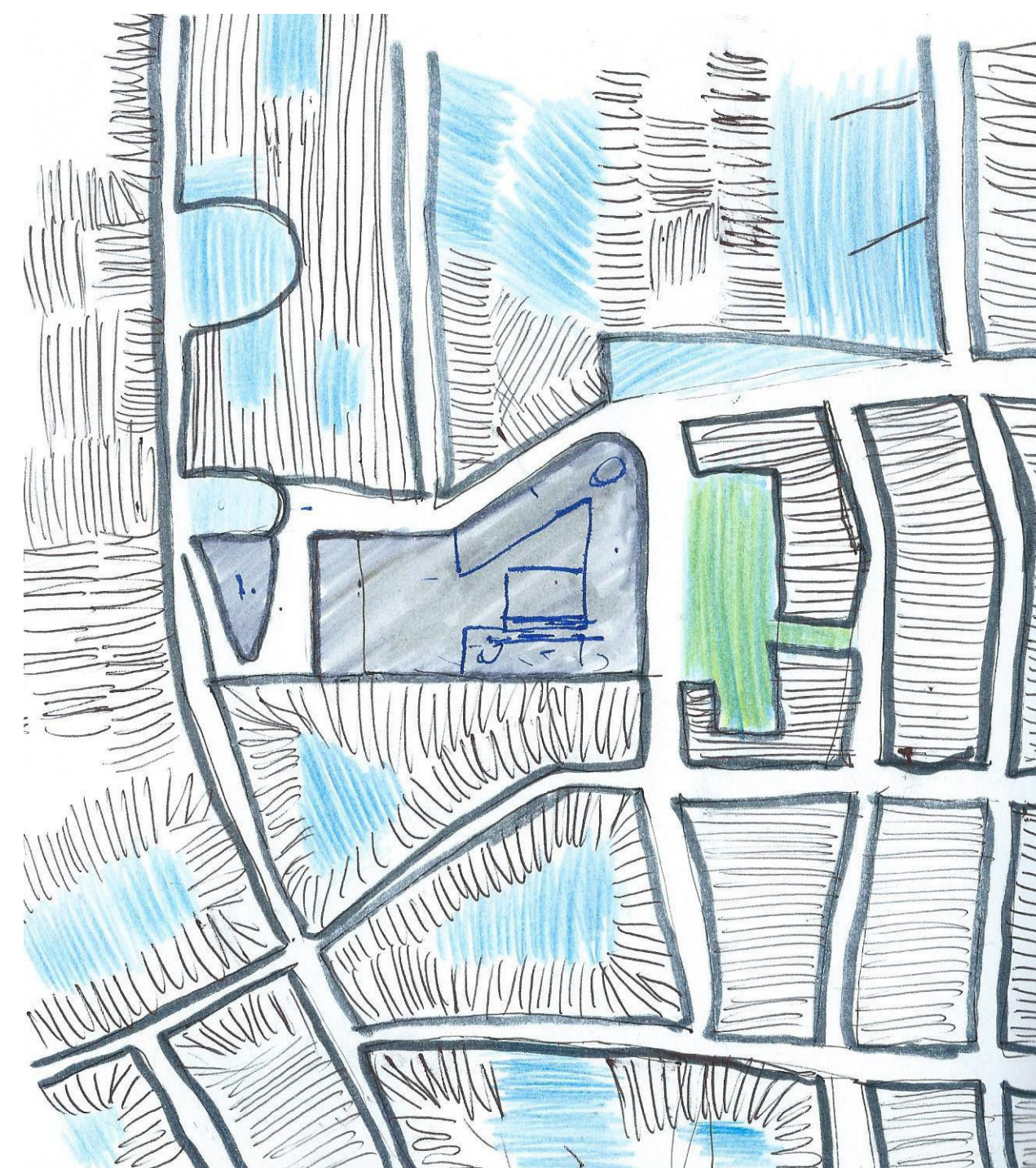
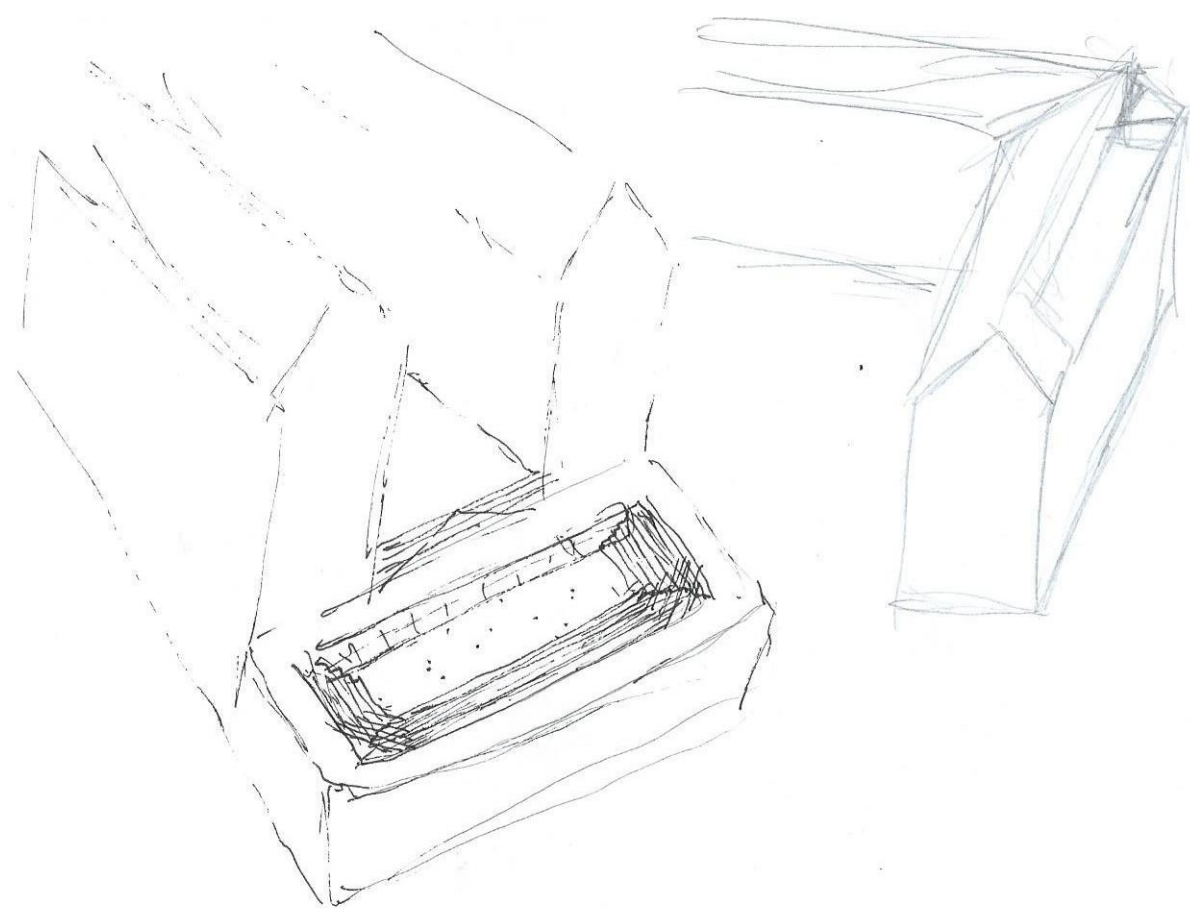
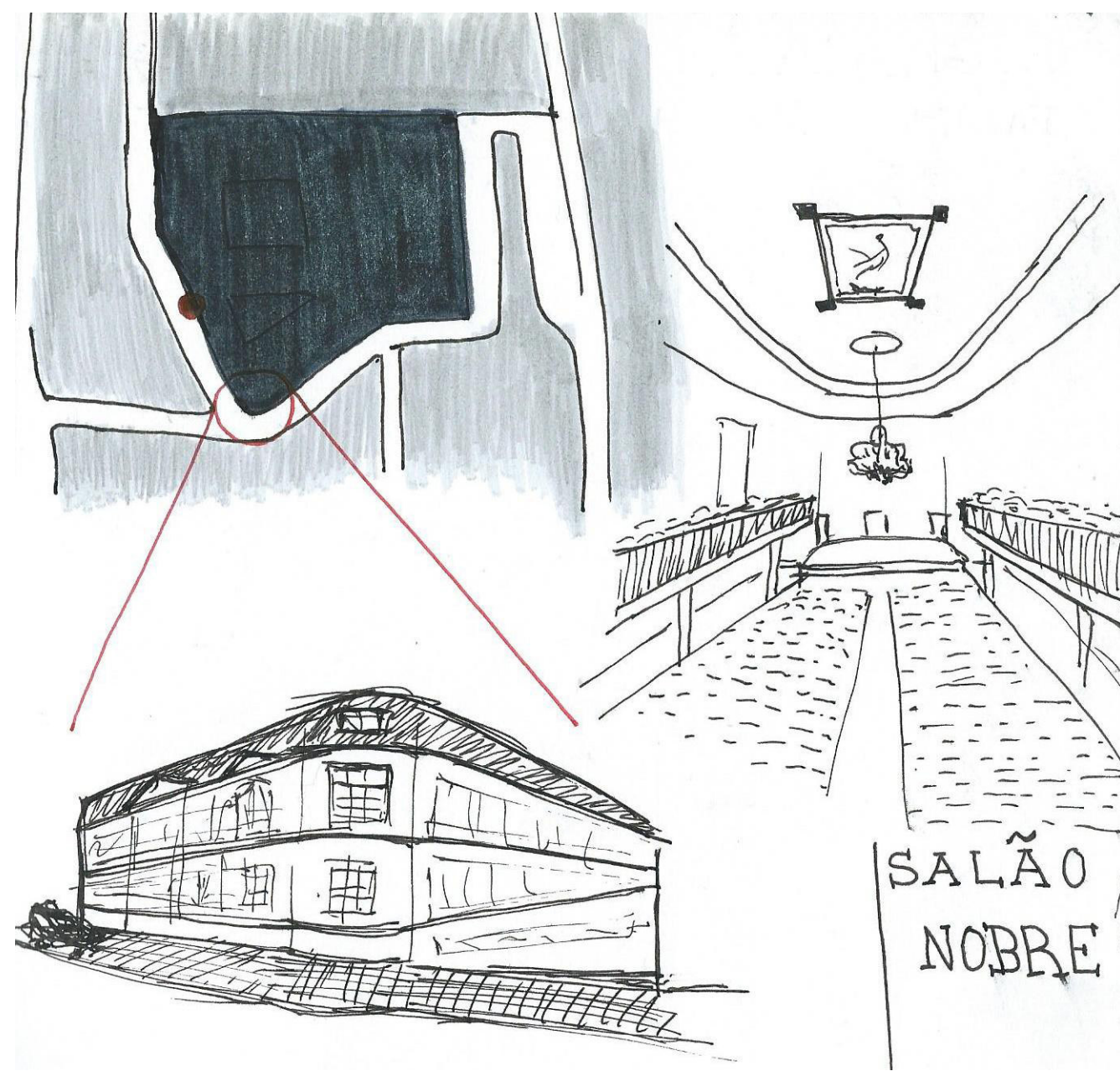
A proposta que se apresenta é referente aos dois edifícios que constituem o Conservatório Nacional de Lisboa. Localizado na malha urbana do Bairro Alto, o edifício que alberga a escola de música do conservatório tem os seus limites definidos pela Rua João Pereira da Rosa, bem como pela Rua dos Caetanos. Já o edifício correspondente à escola de dança, localizado em frente, encontra-se junto à Rua do Século, um dos principais arruamentos que constituem o Bairro Alto.

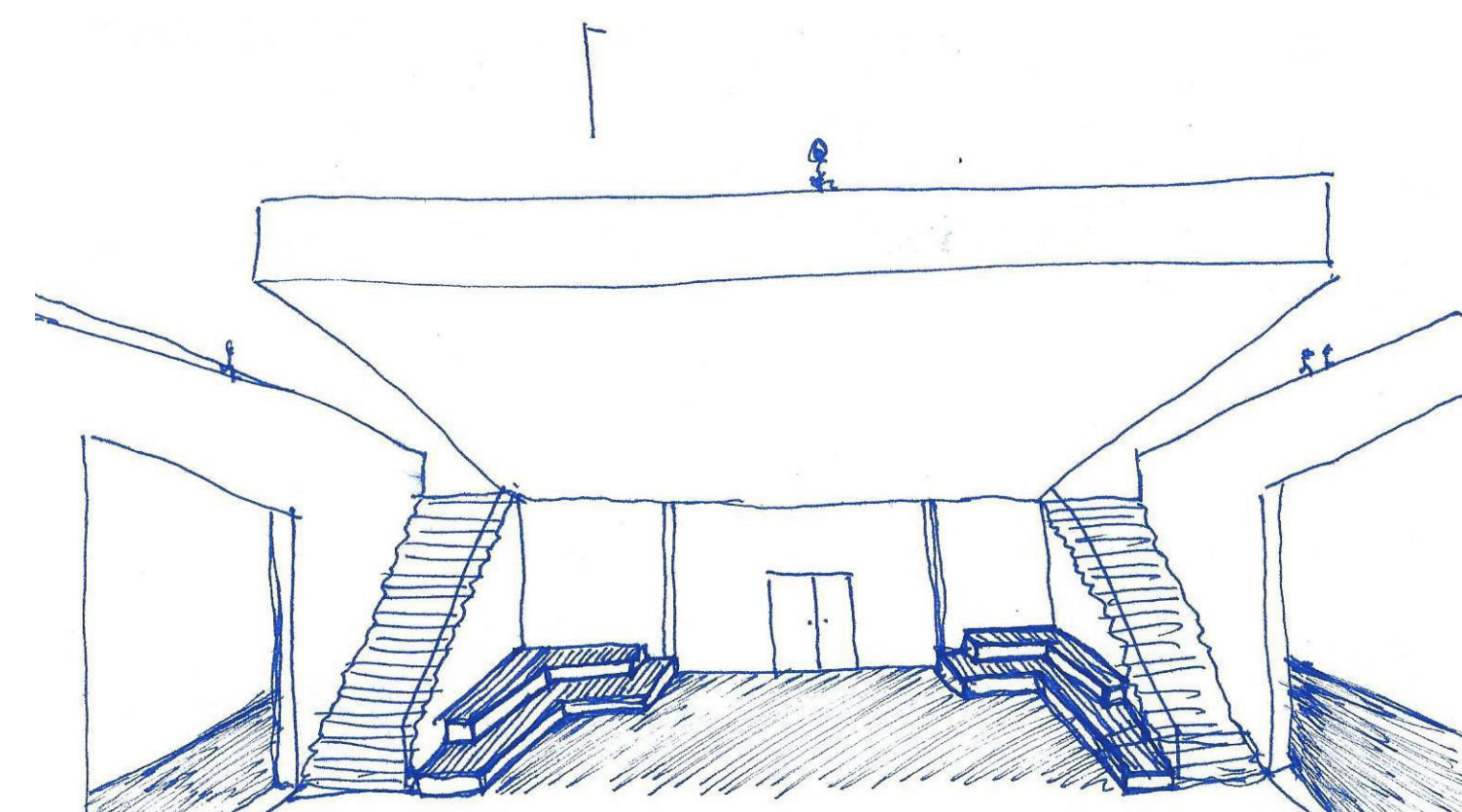
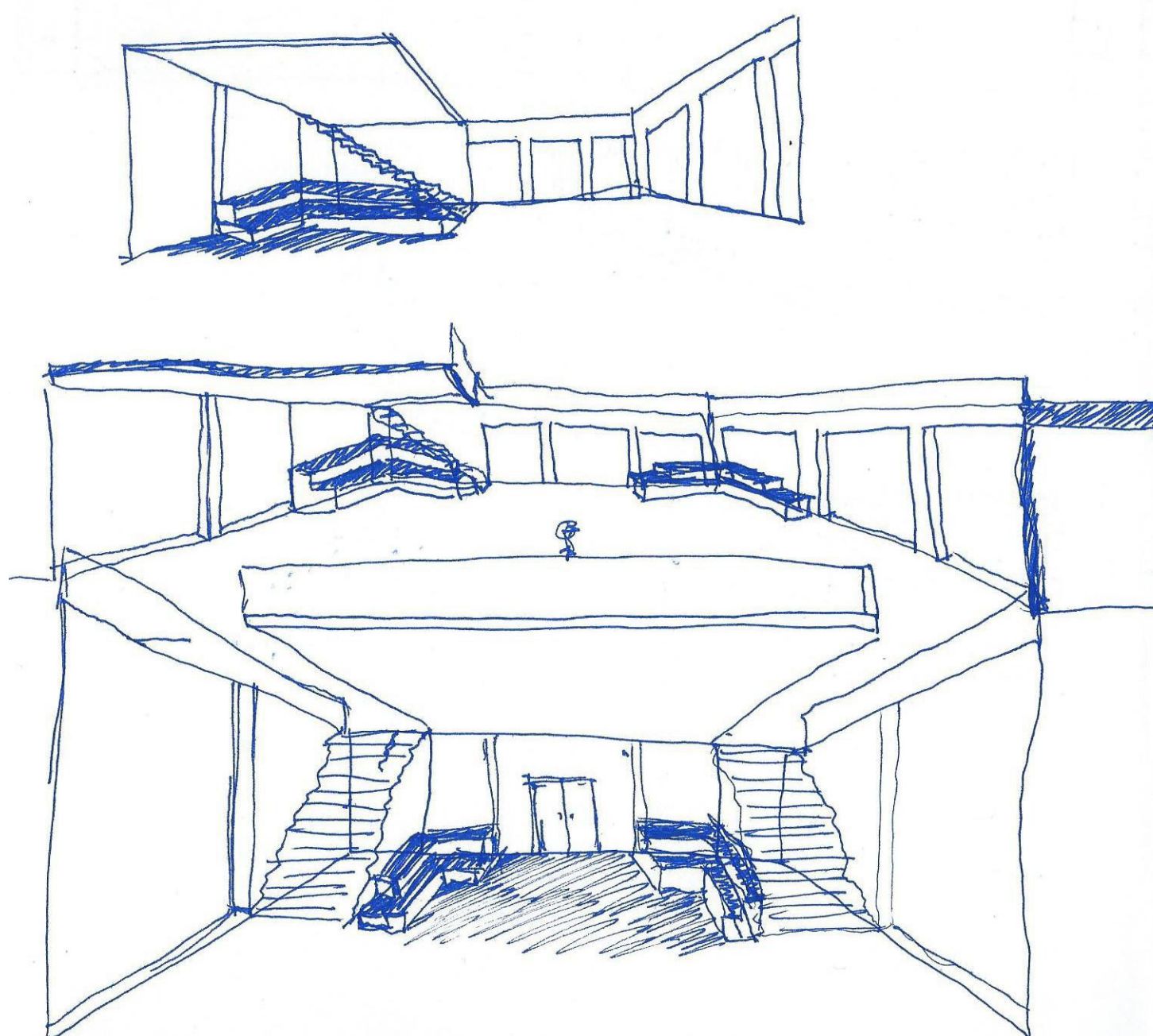
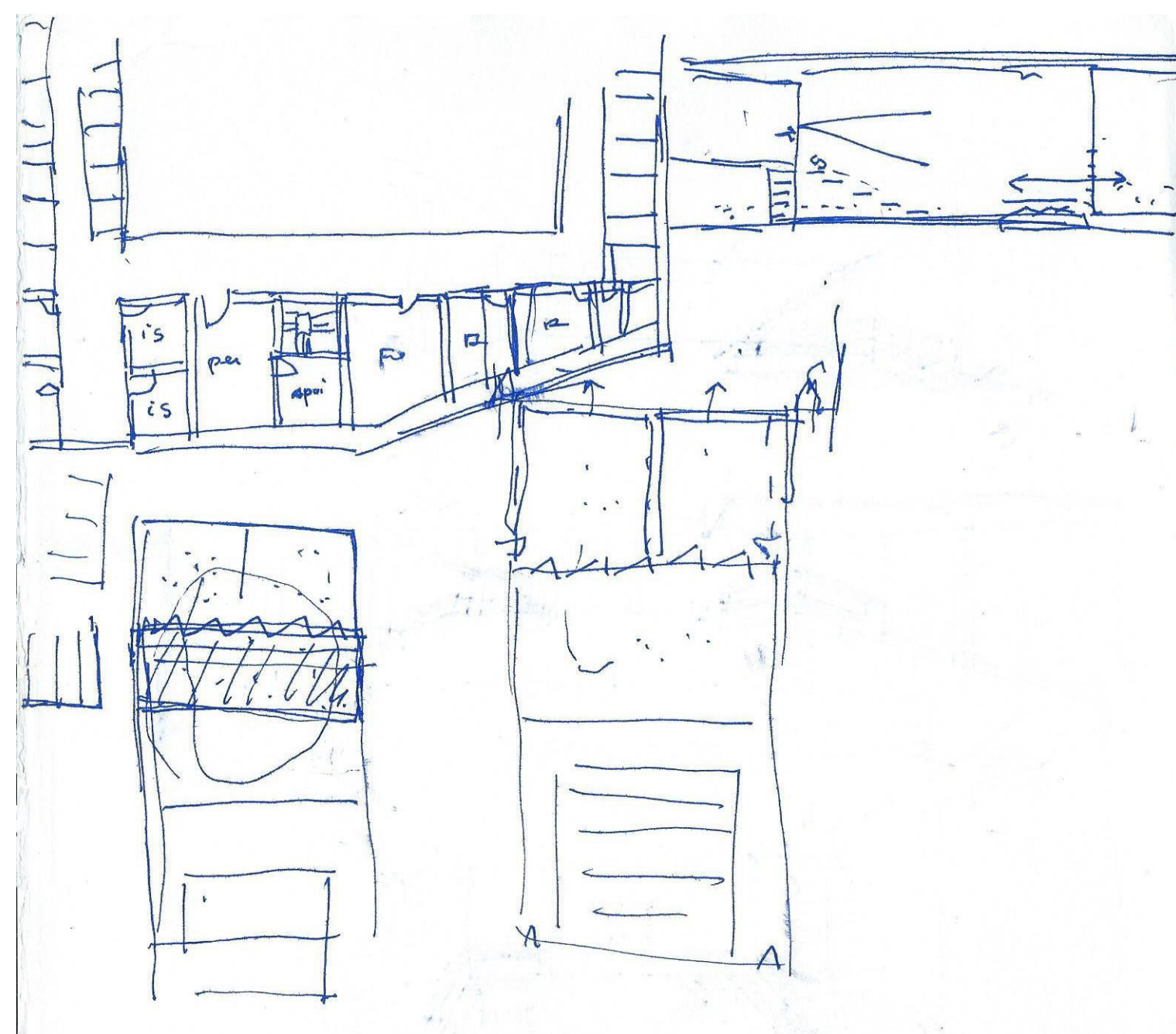
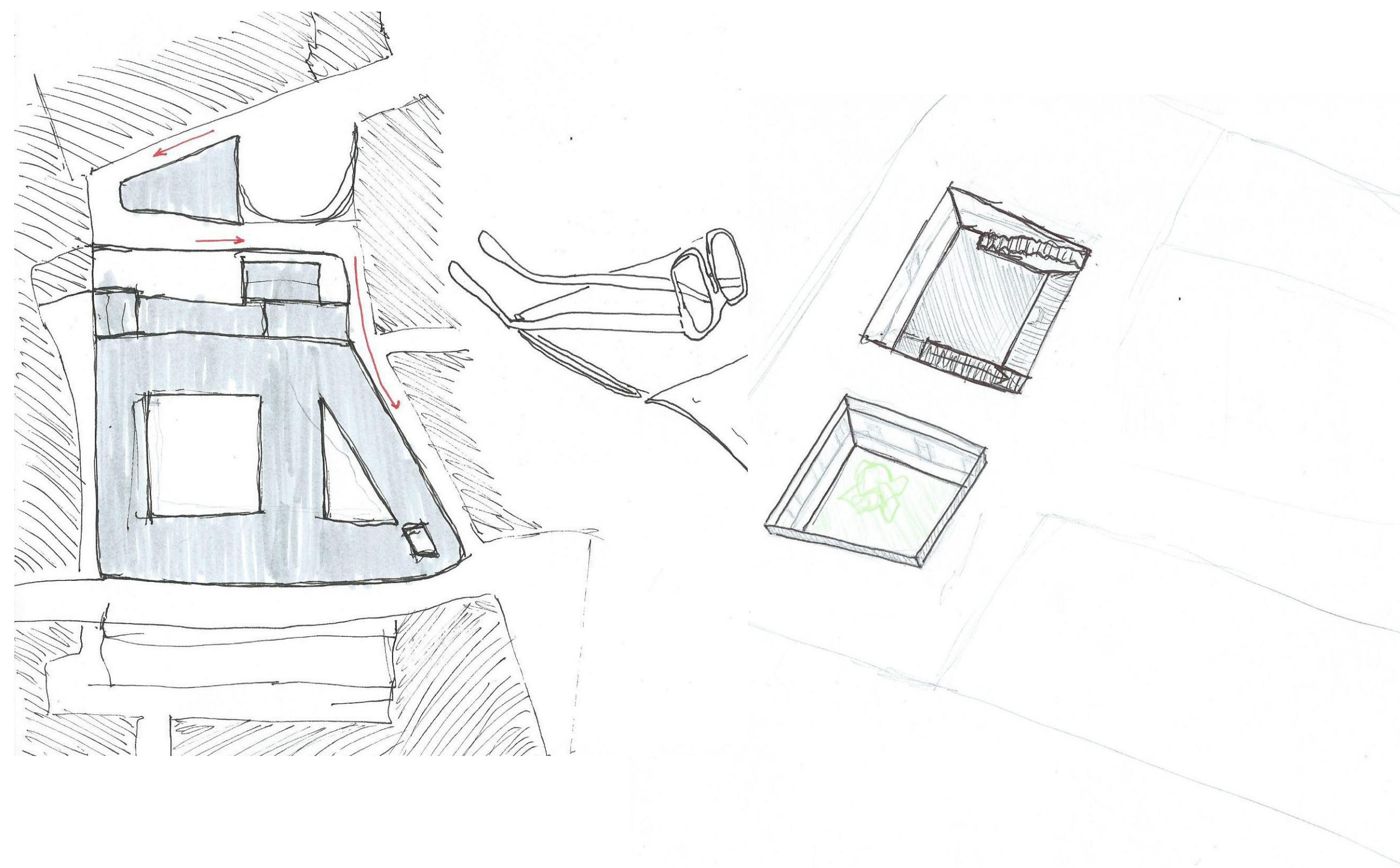
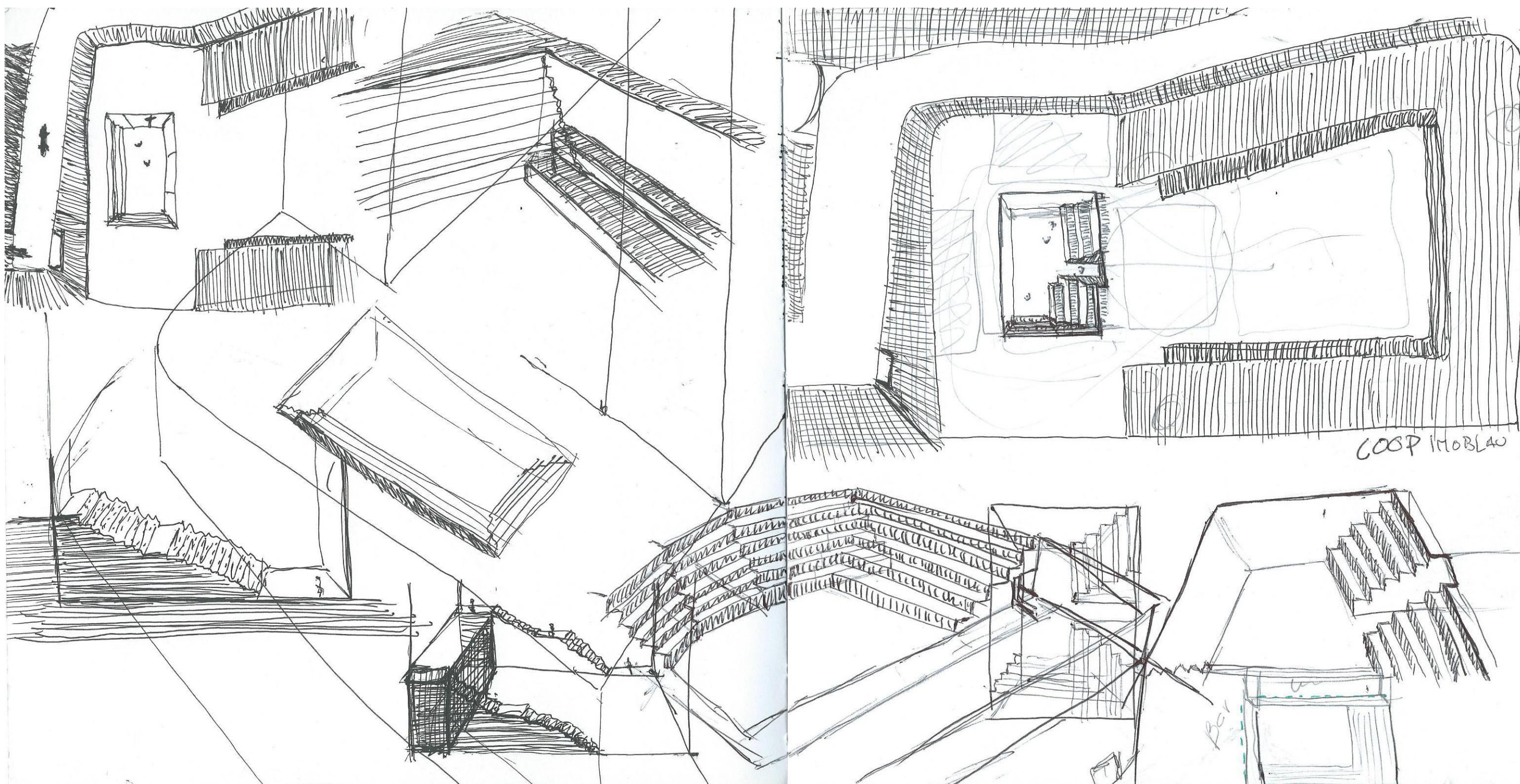
Uma das bases fundamentais desta intervenção prende-se na regeneração do edifício do Conservatório Nacional em relação à Rua dos Caetanos, que delimita a sua fachada nobre. Nesse local, é proposta uma pequena praça, através da demolição de uma parte do edifício pertencente hoje em dia Interpress, nomeadamente de uma zona de garagens, bem como o edifício que lhe segue, criando assim uma nova ligação pedonal com a Rua Luz Soriano. E gerando também um local de permanência amplo e desafogado para os estudantes do conservatório. Esta praça passa assim a servir tanto a entrada principal do conservatório como do já existente salão nobre. O conservatório recebe também um segundo auditório cujo acesso é feito não só pelo foyer do salão nobre, como também a partir da Rua João Pereira da Rosa, que faz a divisão entre os dois edifícios intervencionados.

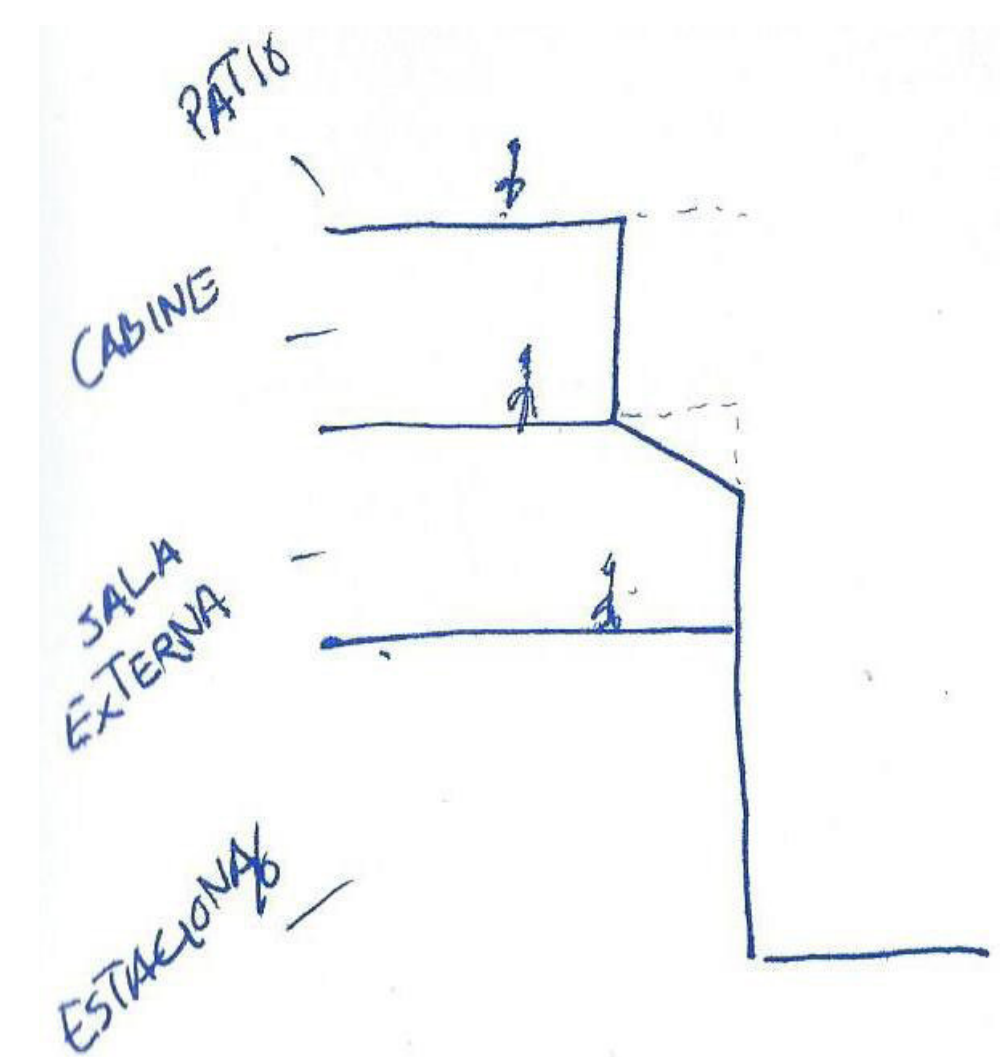
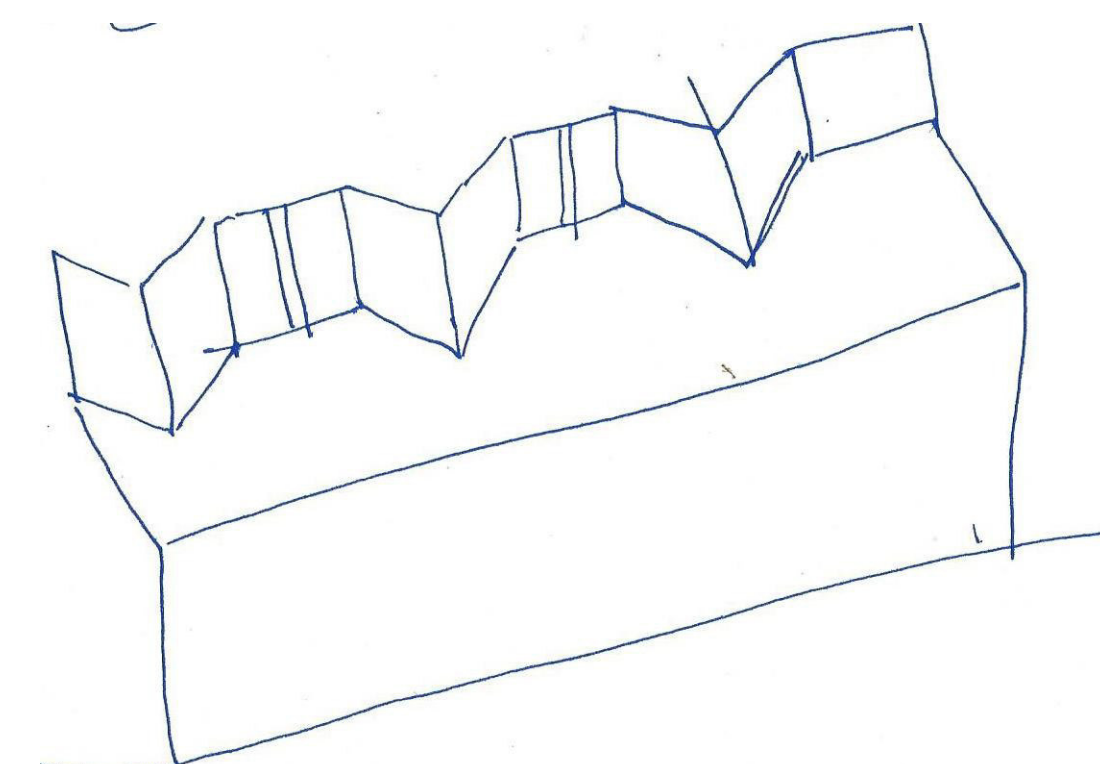
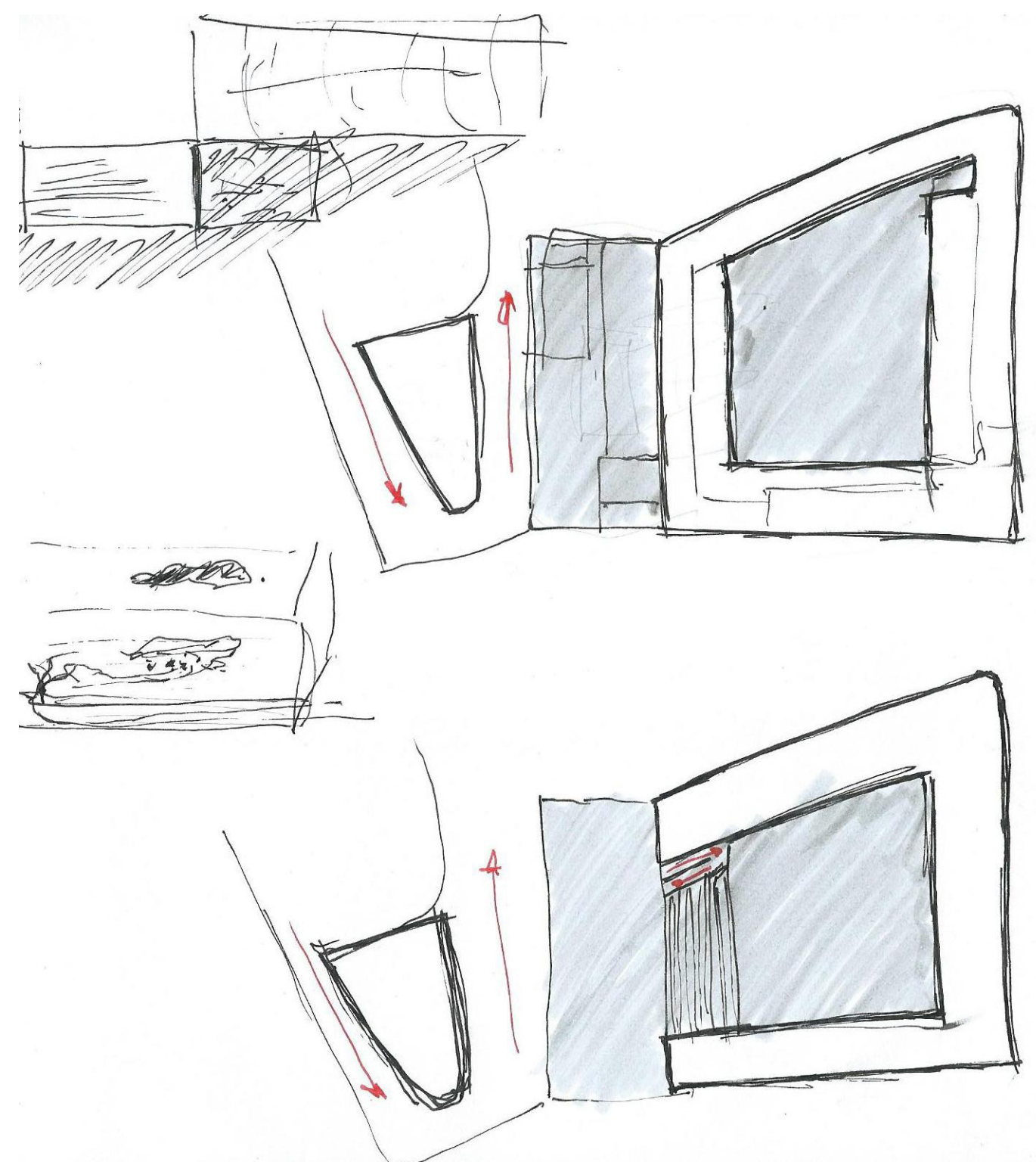
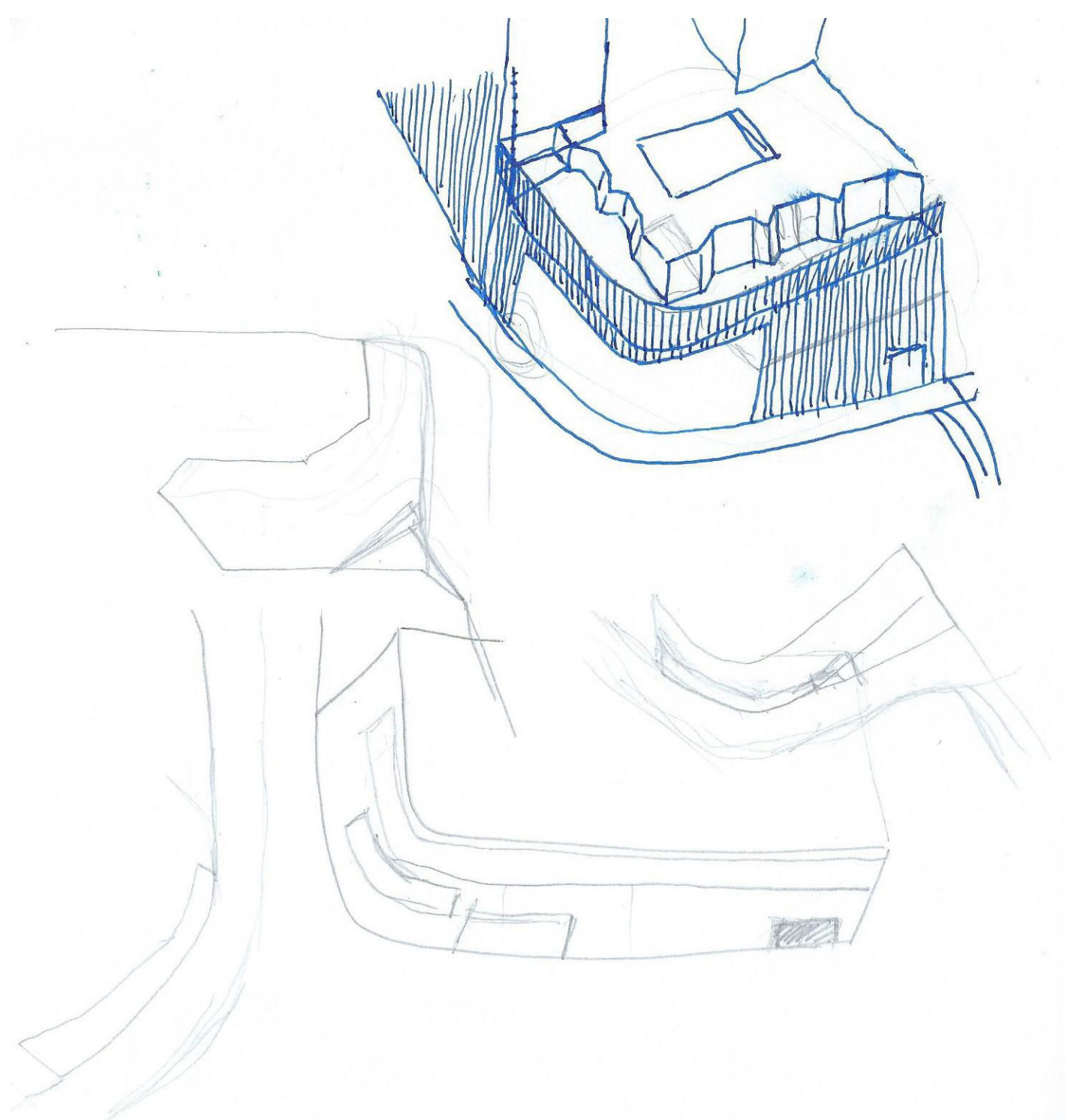
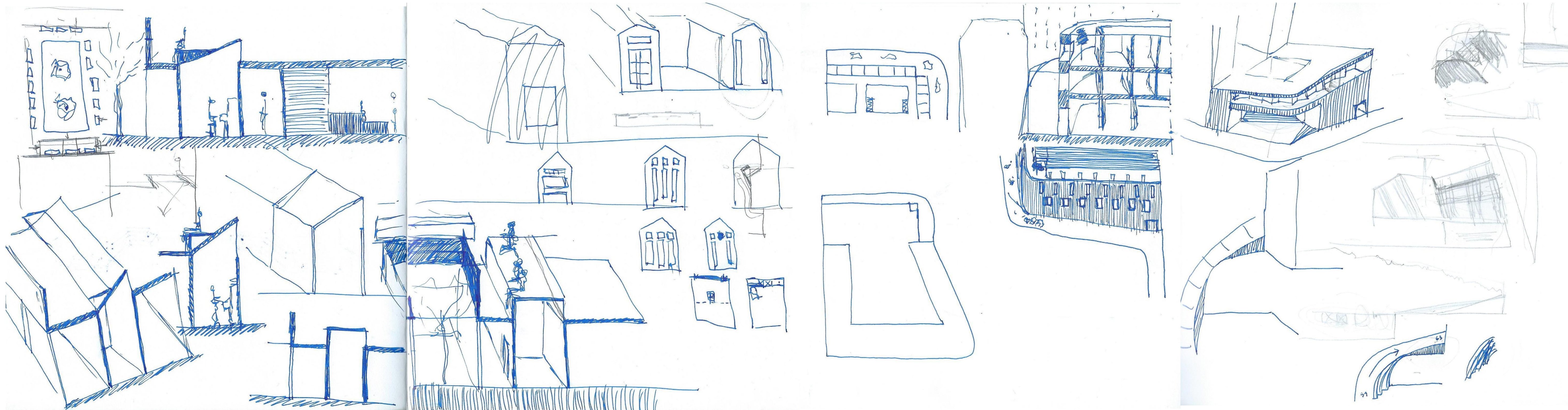
Os acessos no conservatório organizam-se então através de circulações verticais que fazem a ligação entre o pré-existente do conservatório com a sua parte nova, enquanto que as circulações horizontais são feitas em torno de dois pátios centrais, um novo e outro já existente, deixando todo o programa junto das fachadas exteriores do edifício. No que toca ao pátio já existente no conservatório, é subtraído o volume do edifício correspondente à área oeste do mesmo, por forma a alargar a área de recreio escolar, bem como para o abrir à cidade. No lugar deste volume subtraído é construído um novo, ao nível do segundo piso, sob uma estrutura metálica de treliças que alberga uma parte do programa correspondente a salas de aulas práticas. É importante também referir o vão, em vidro, que é aberto na laje do antigo pátio do conservatório, junto à fachada pré-existente, com o objectivo de iluminar os novos corredores propostos por baixo deste, que não só ligam o novo auditório às restantes partes do edifício como também fazem o acesso para o novo pátio proposto a uma cota mais baixa.

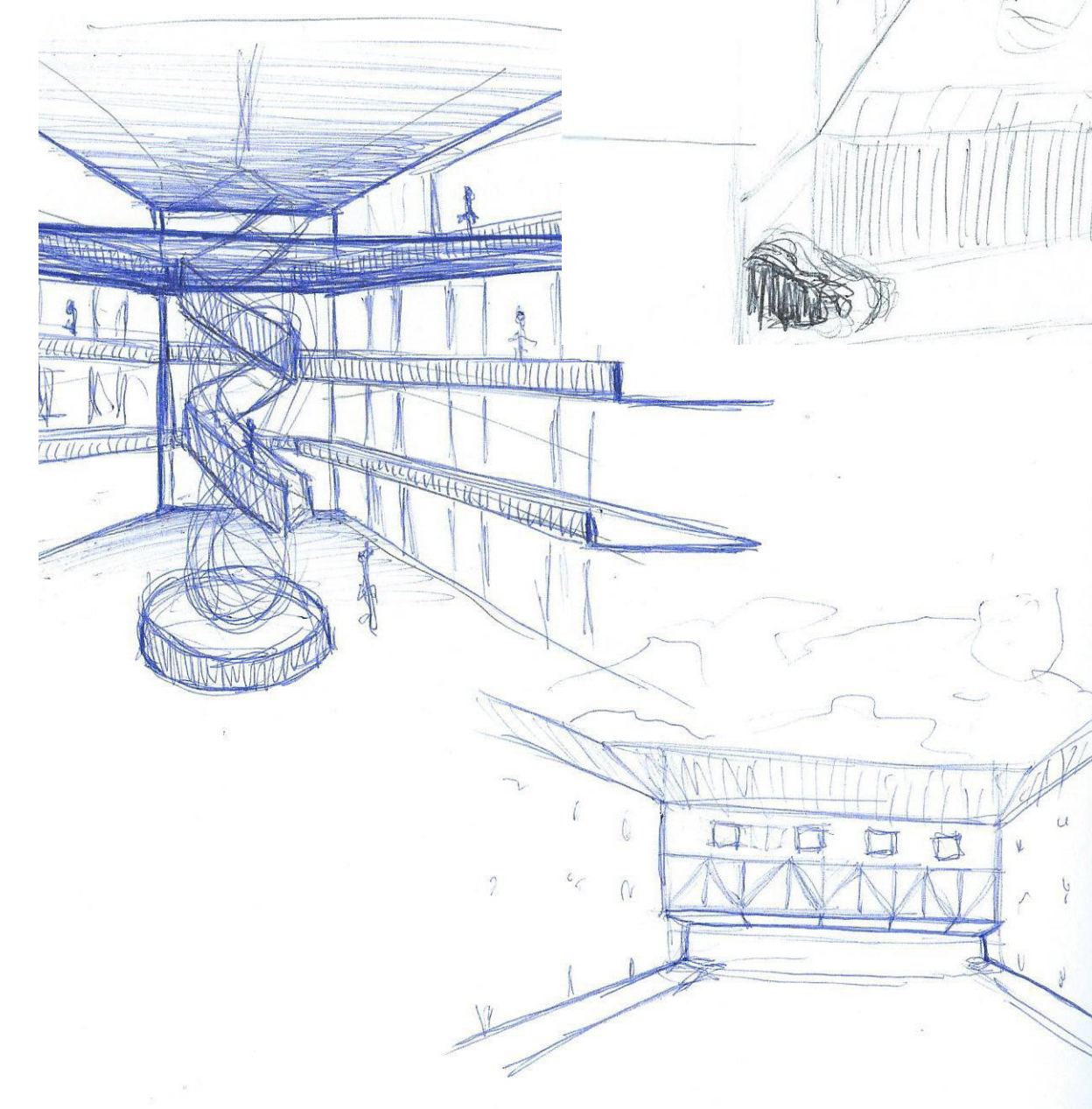
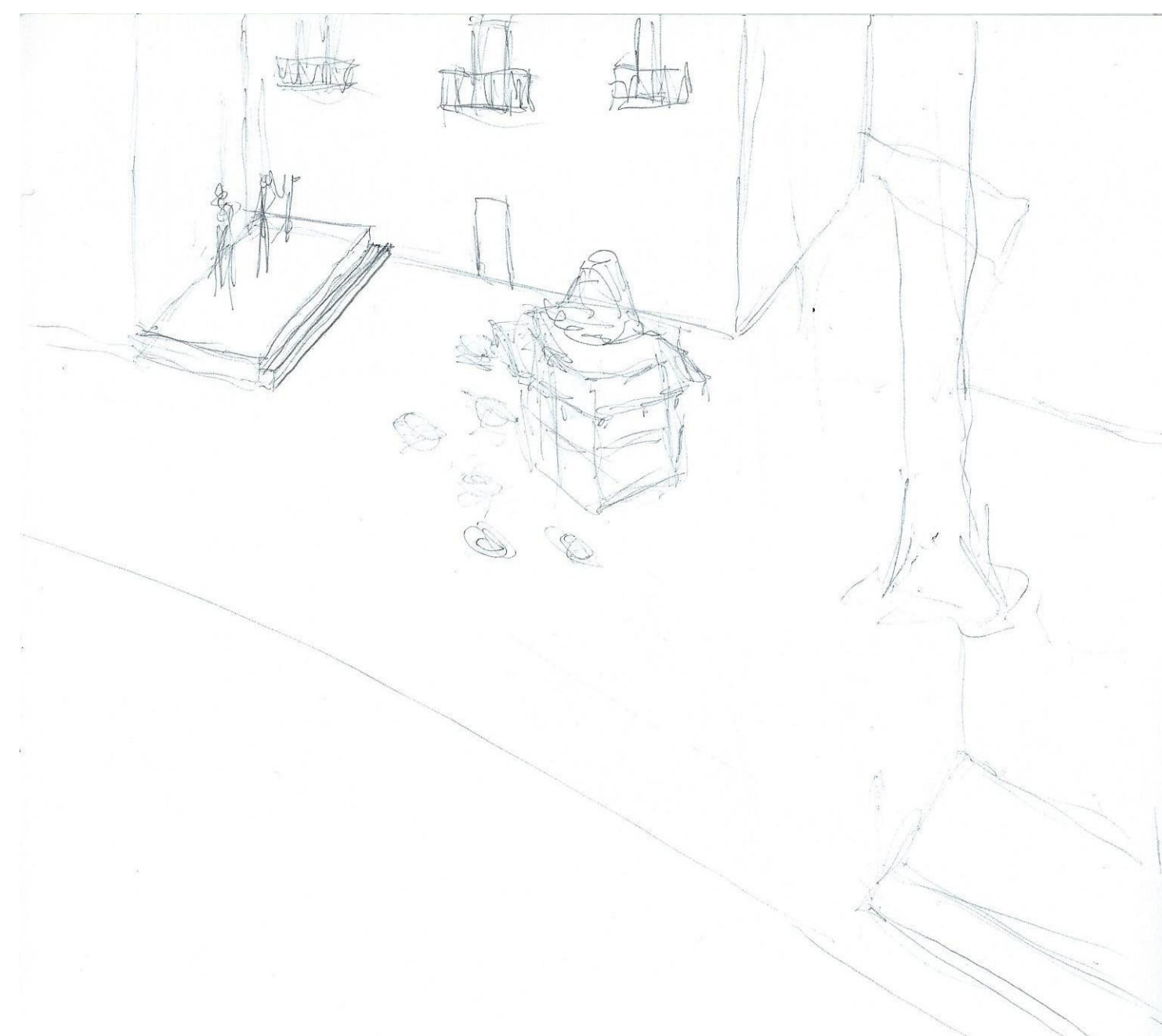
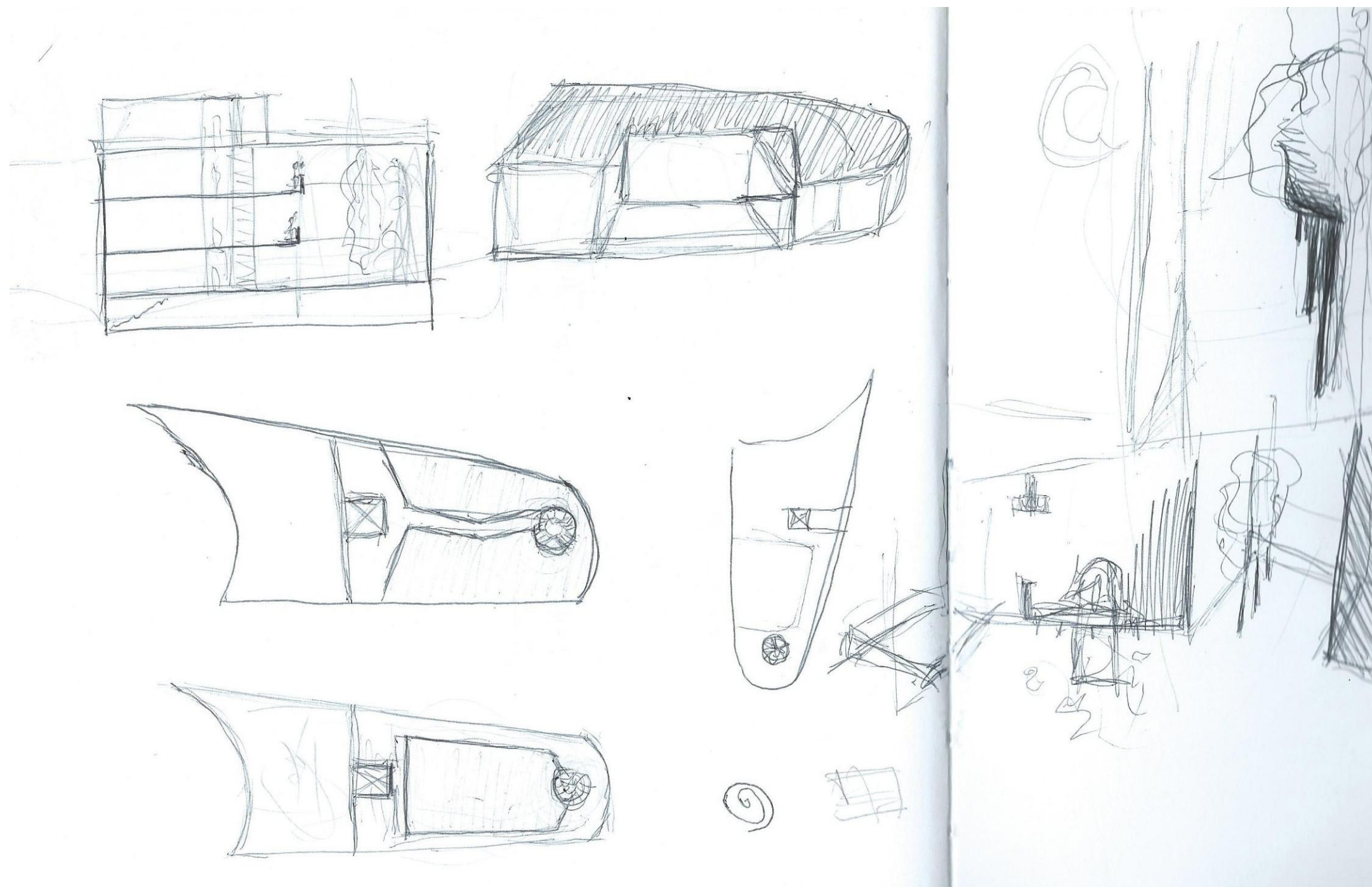
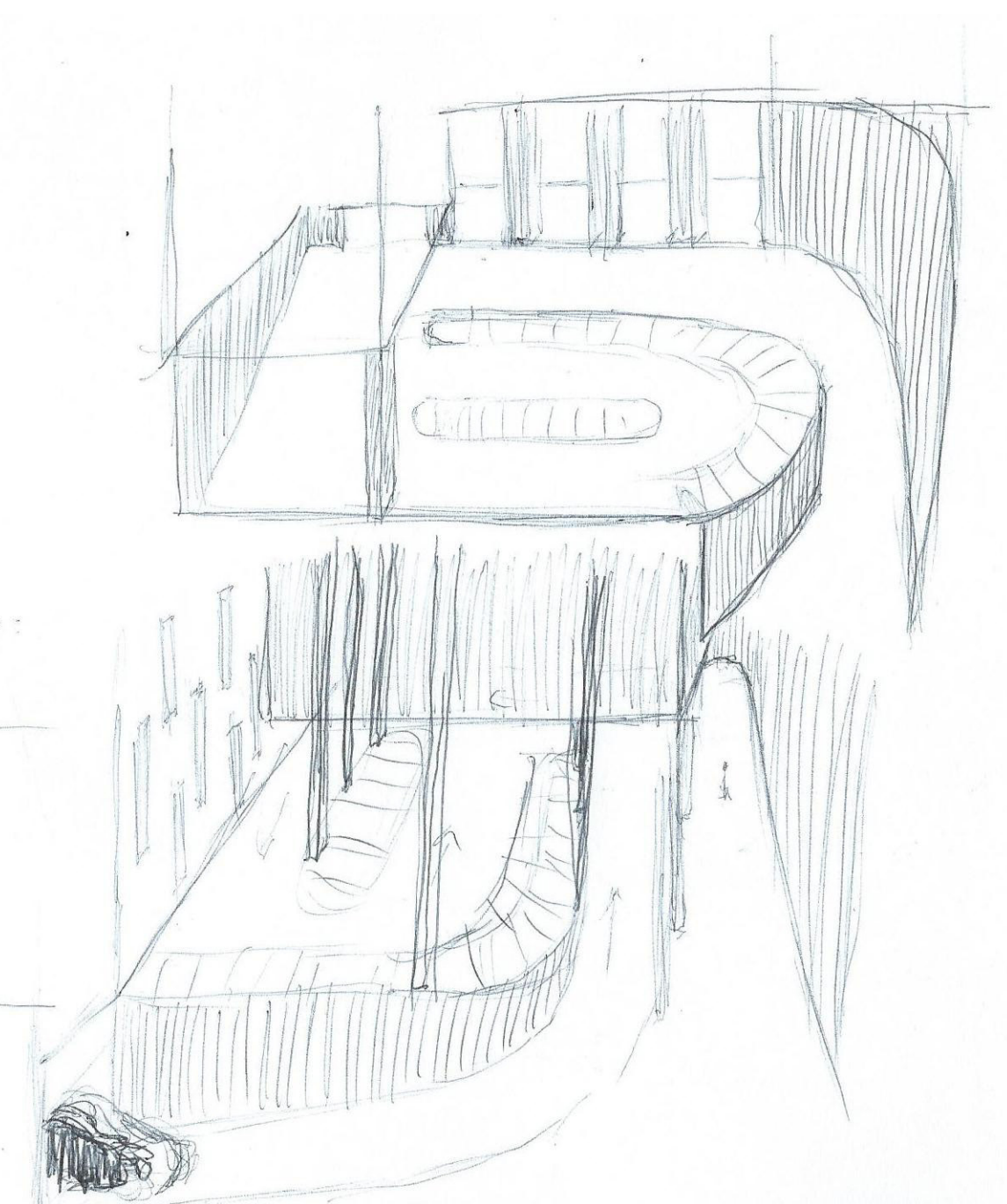
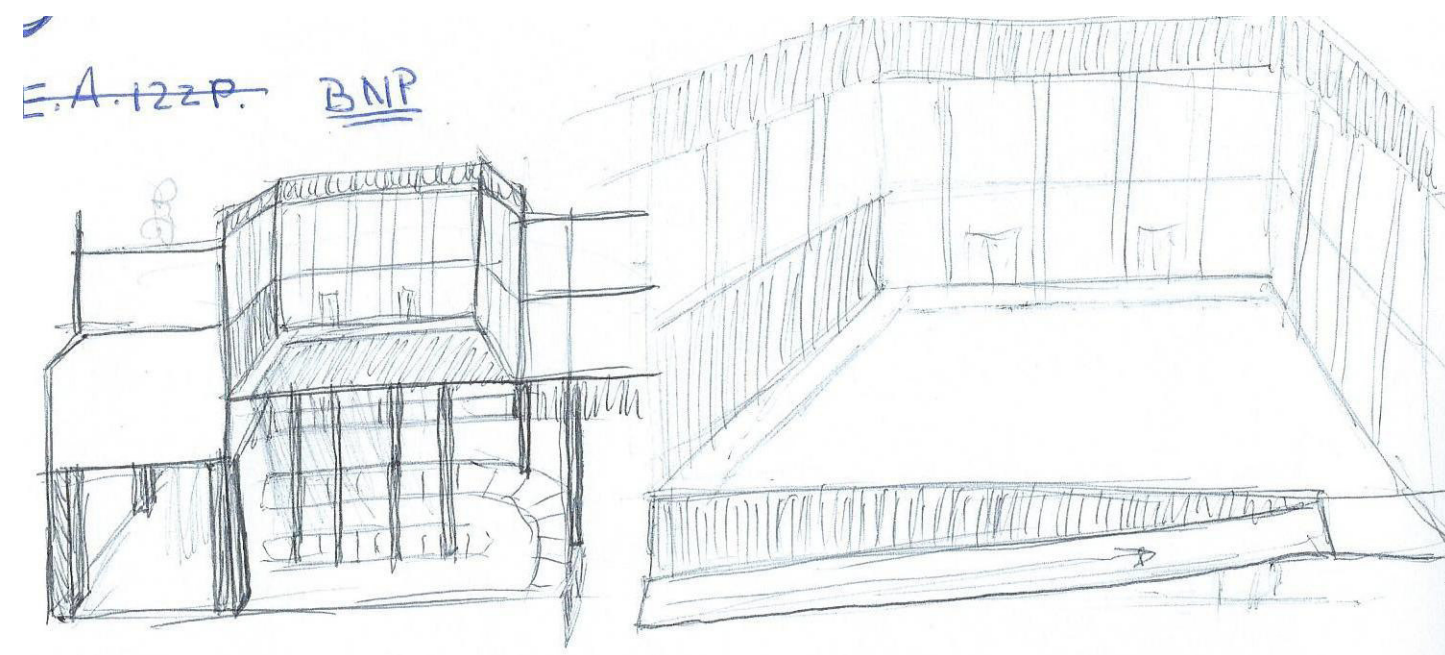
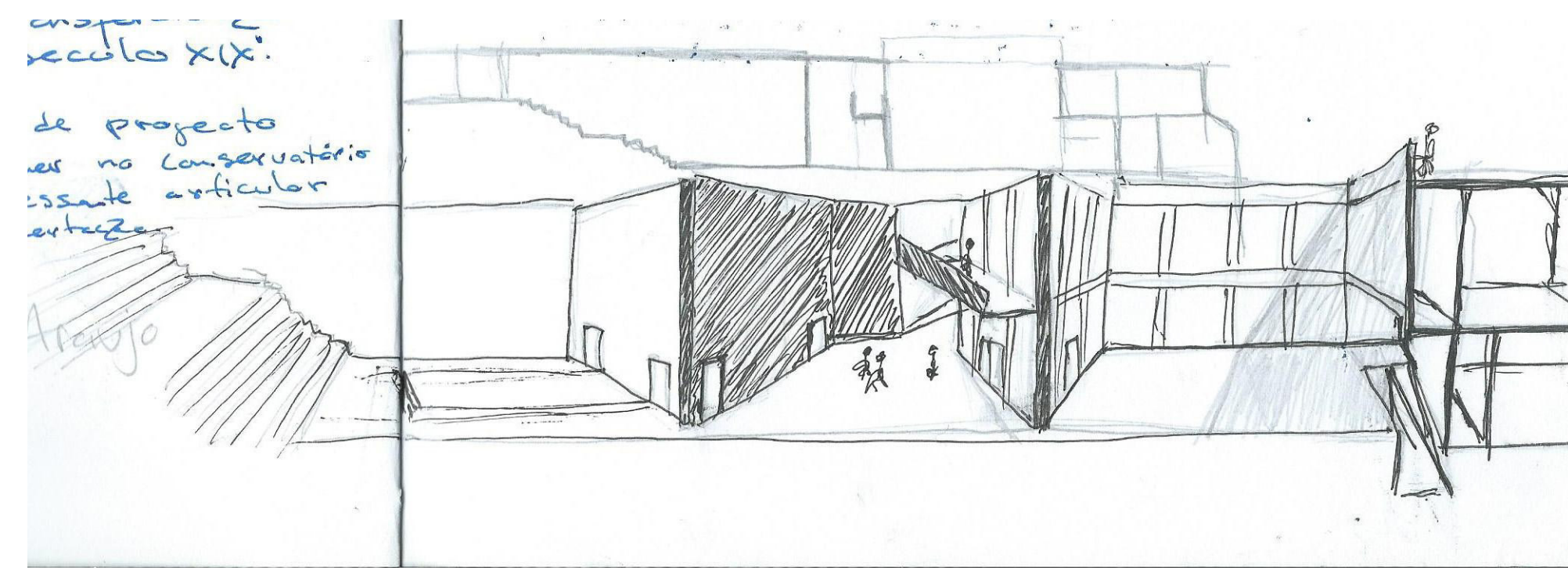
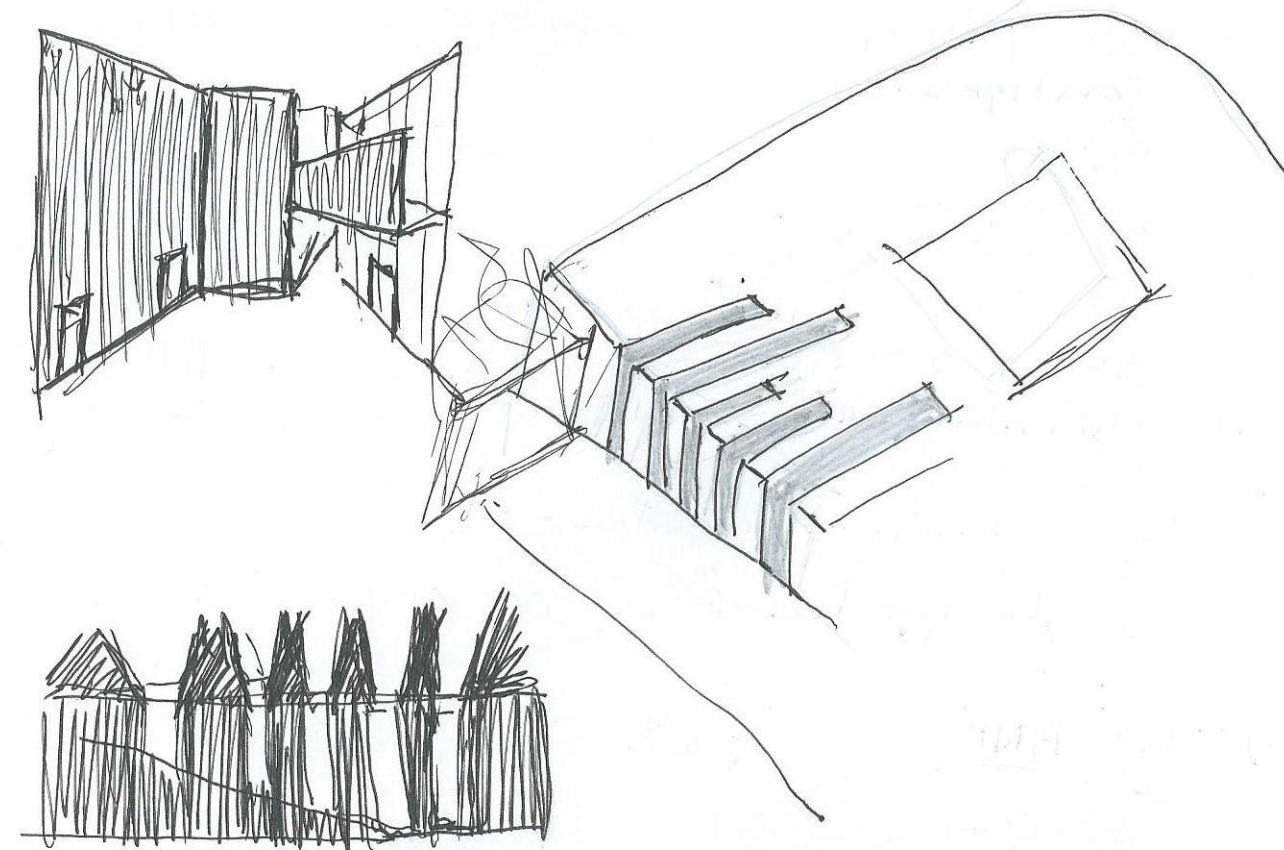
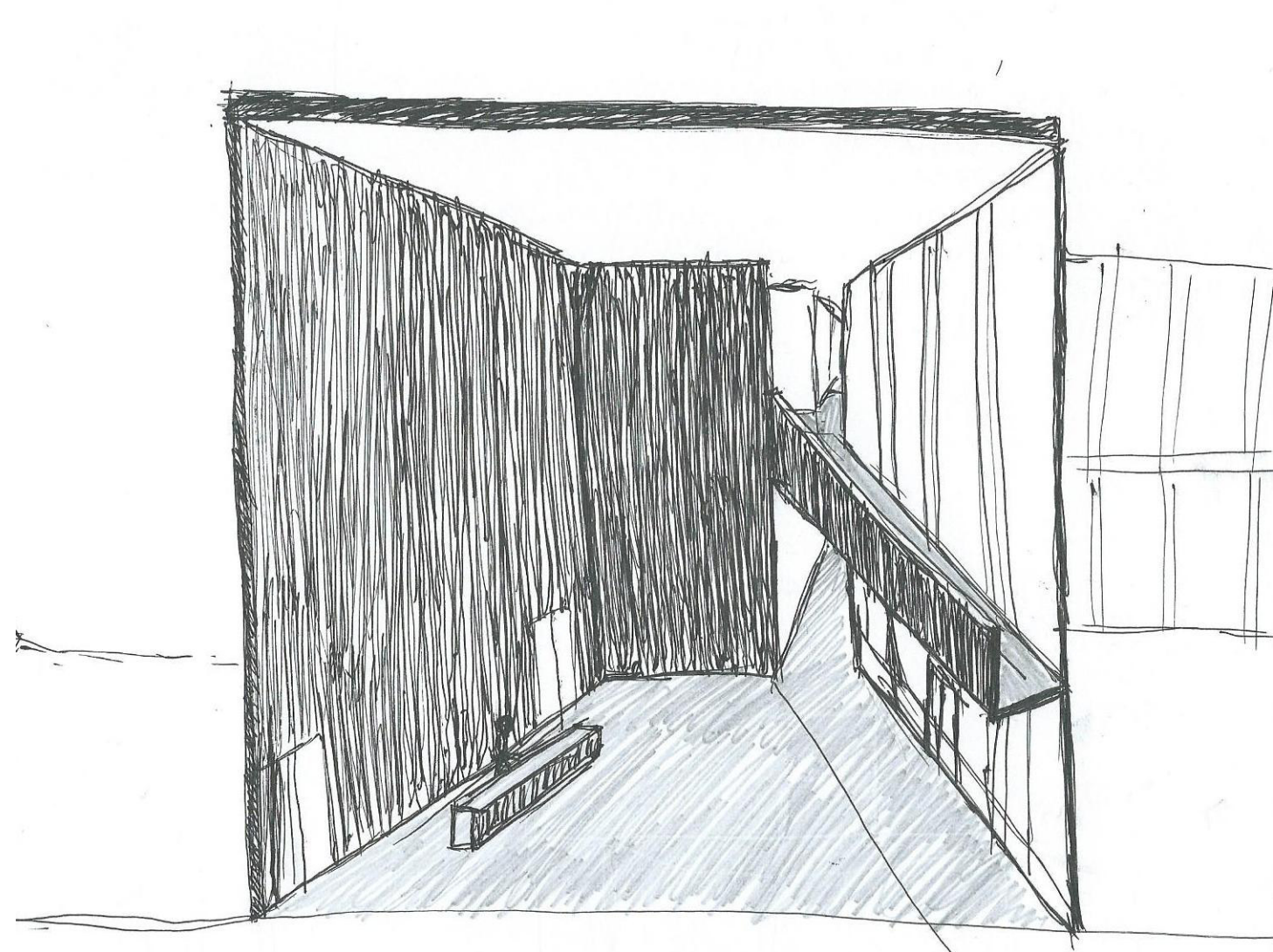
Em relação ao antigo edifício da escola de dança, que mantém apenas a sua antiga fachada, é completamente reestruturado no seu interior, com uma nova estrutura e organização espacial. Tendo como foco principal o espaço de museu, que se organiza em torno de um grande vão, que acompanha o edifício verticalmente funcionando, em simultâneo, como acesso principal do edifício através de uma grande escadaria em espiral. Tendo como topo o café concerto previsto no programa, com vista sobre a cidade de Lisboa.

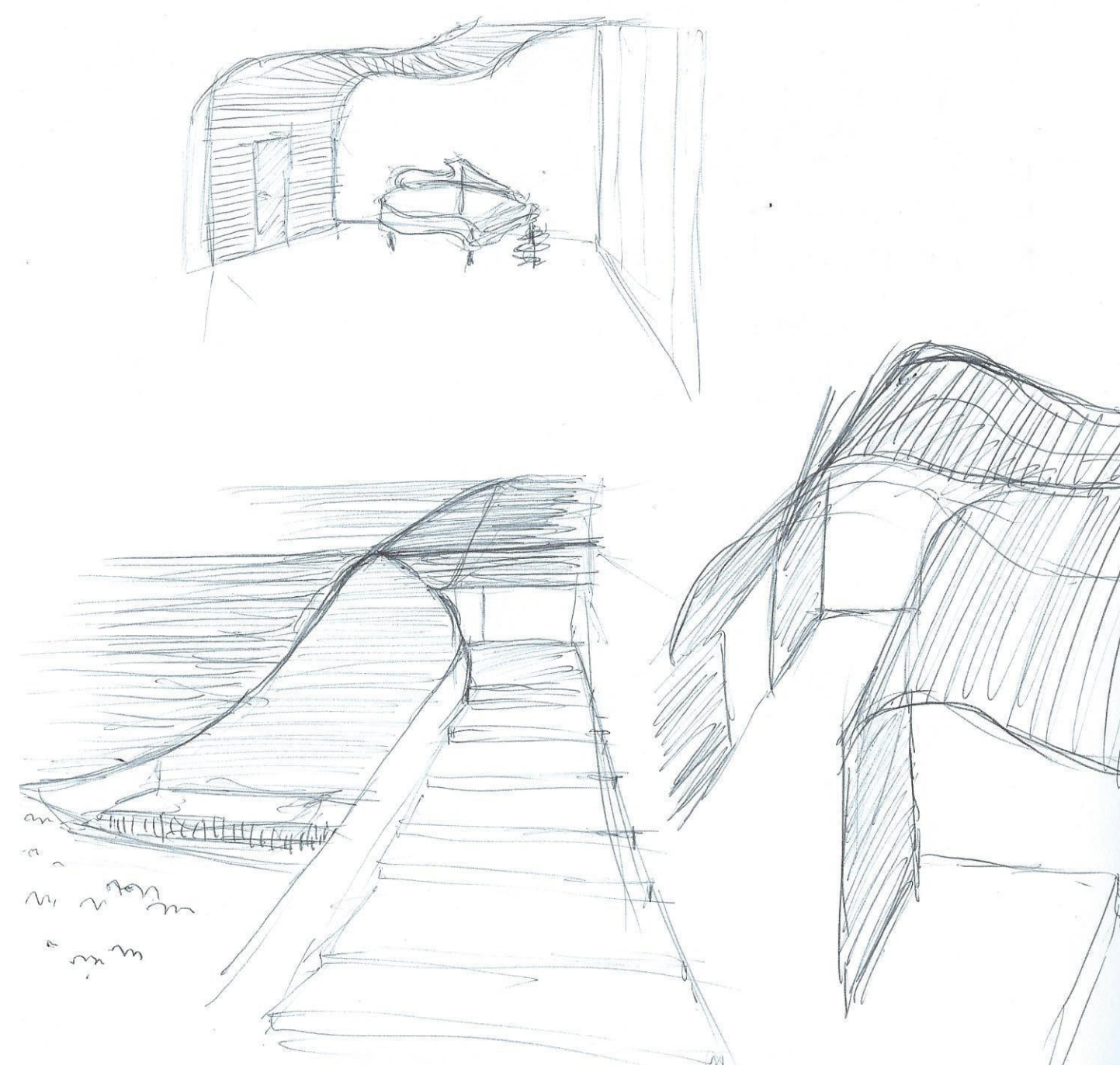
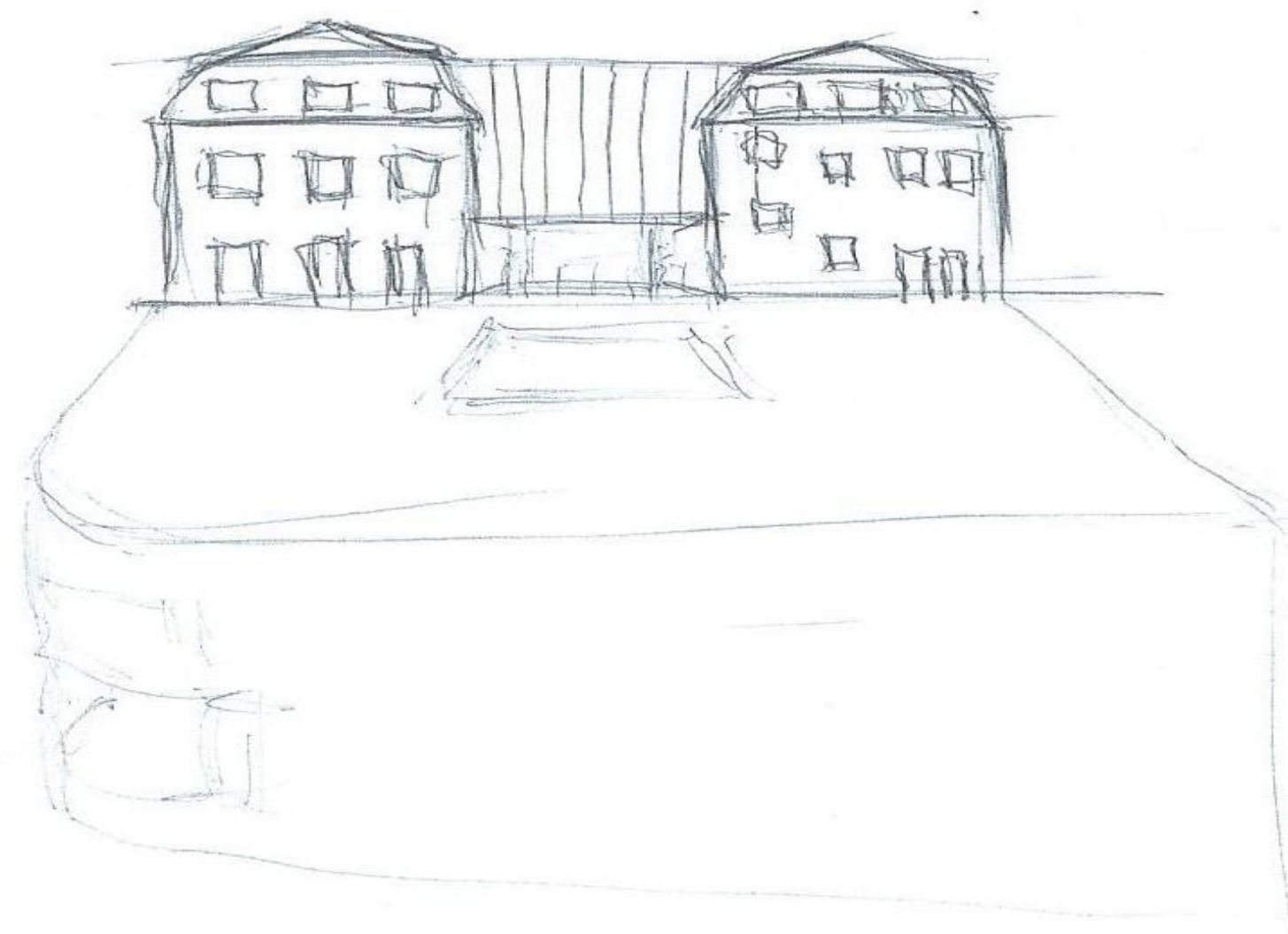
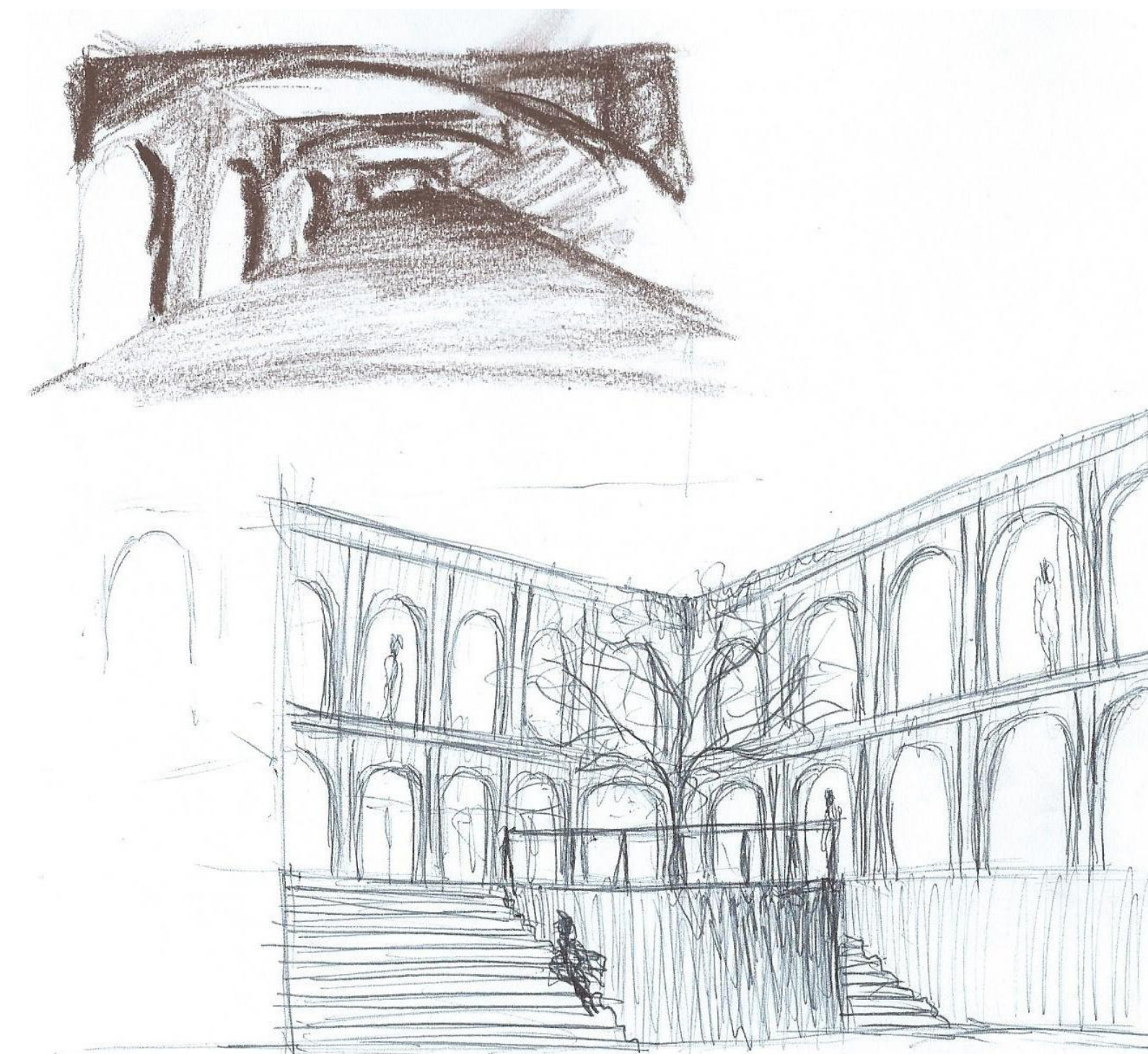
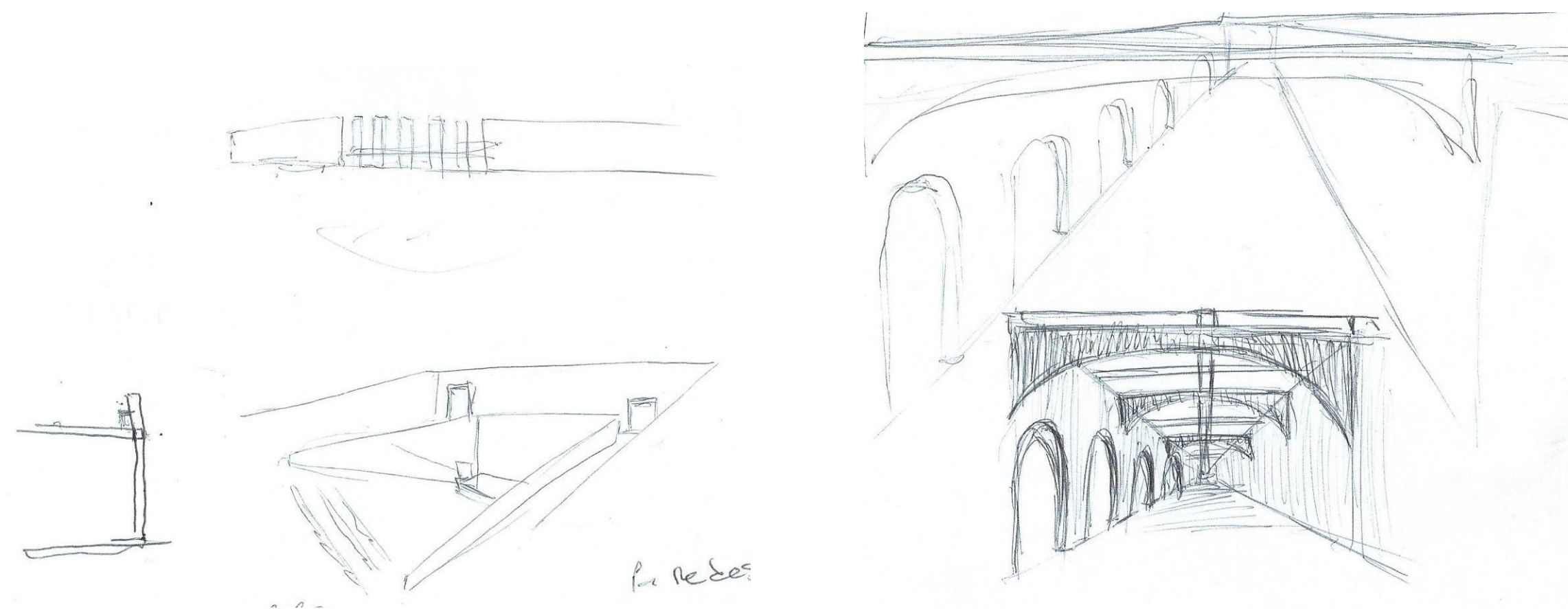
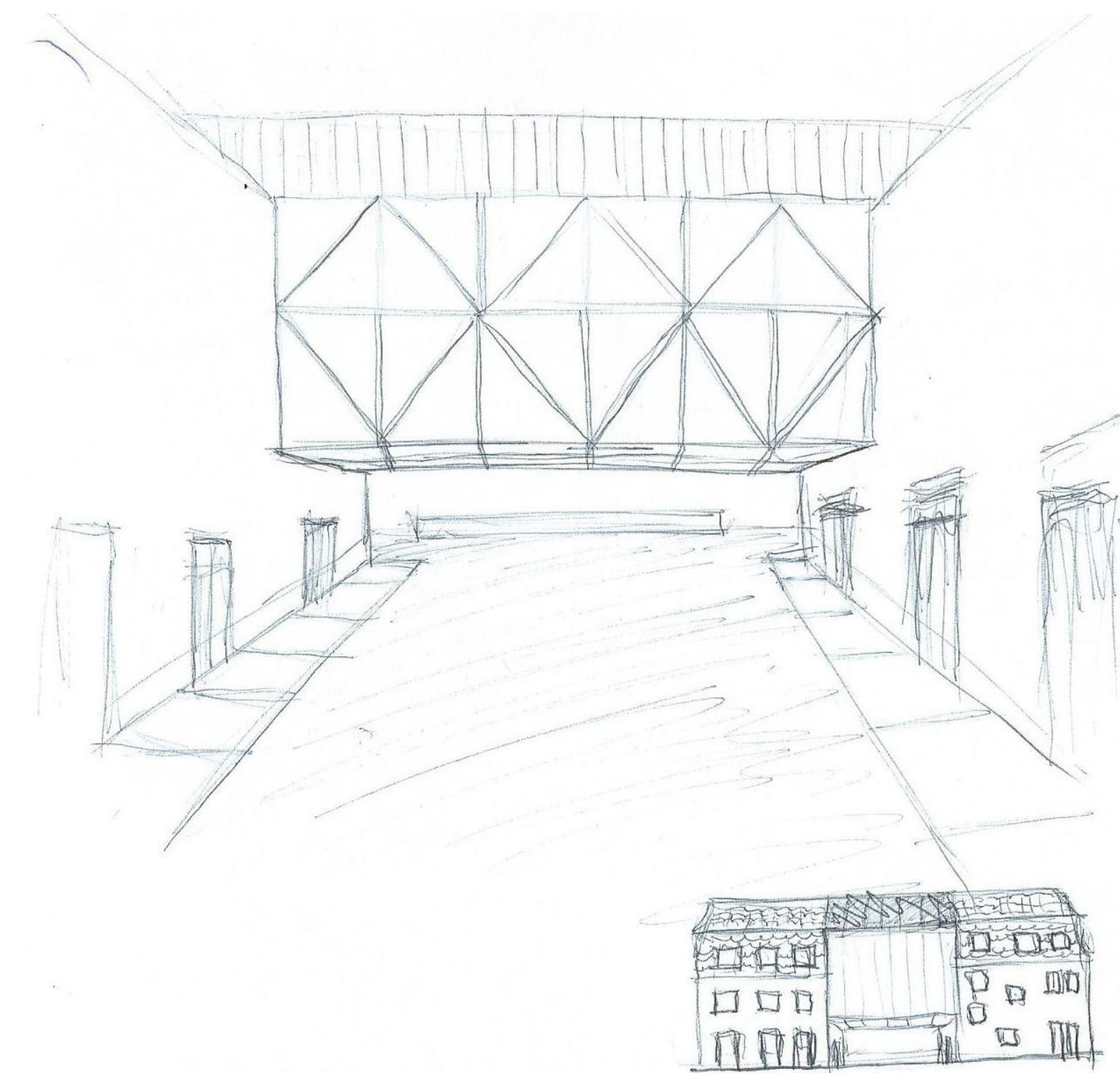
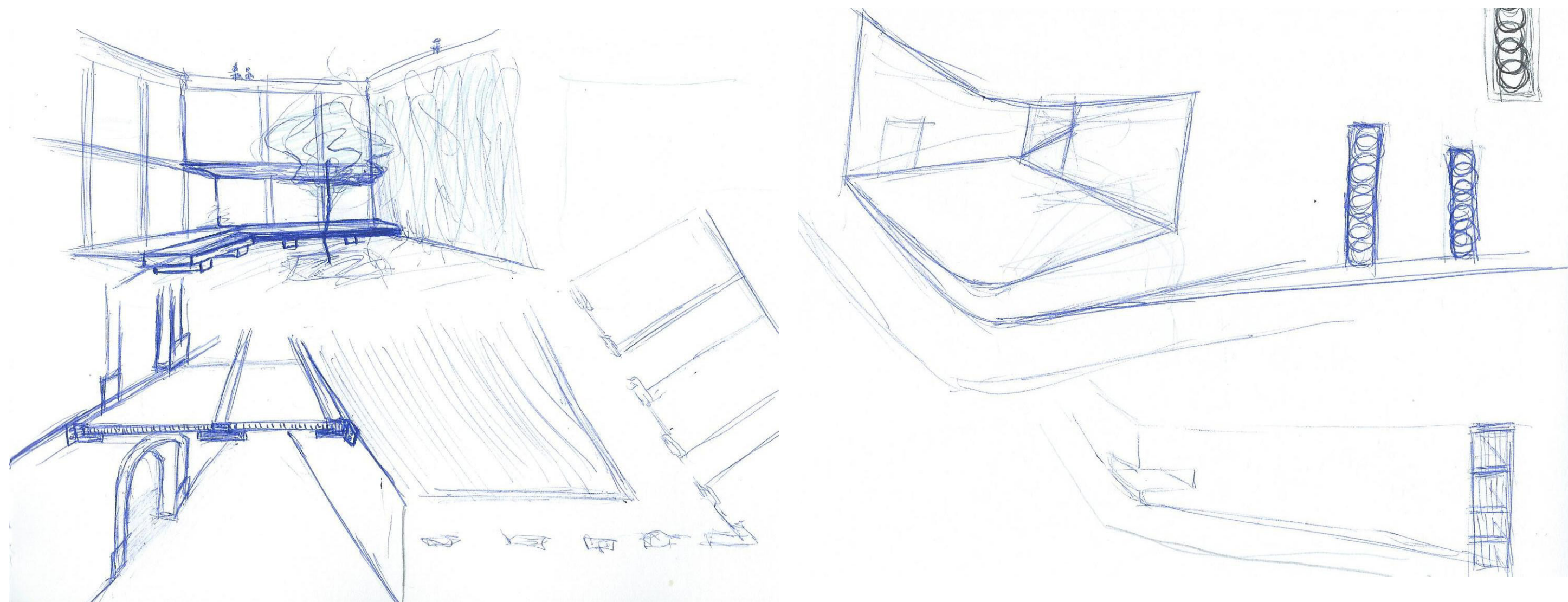


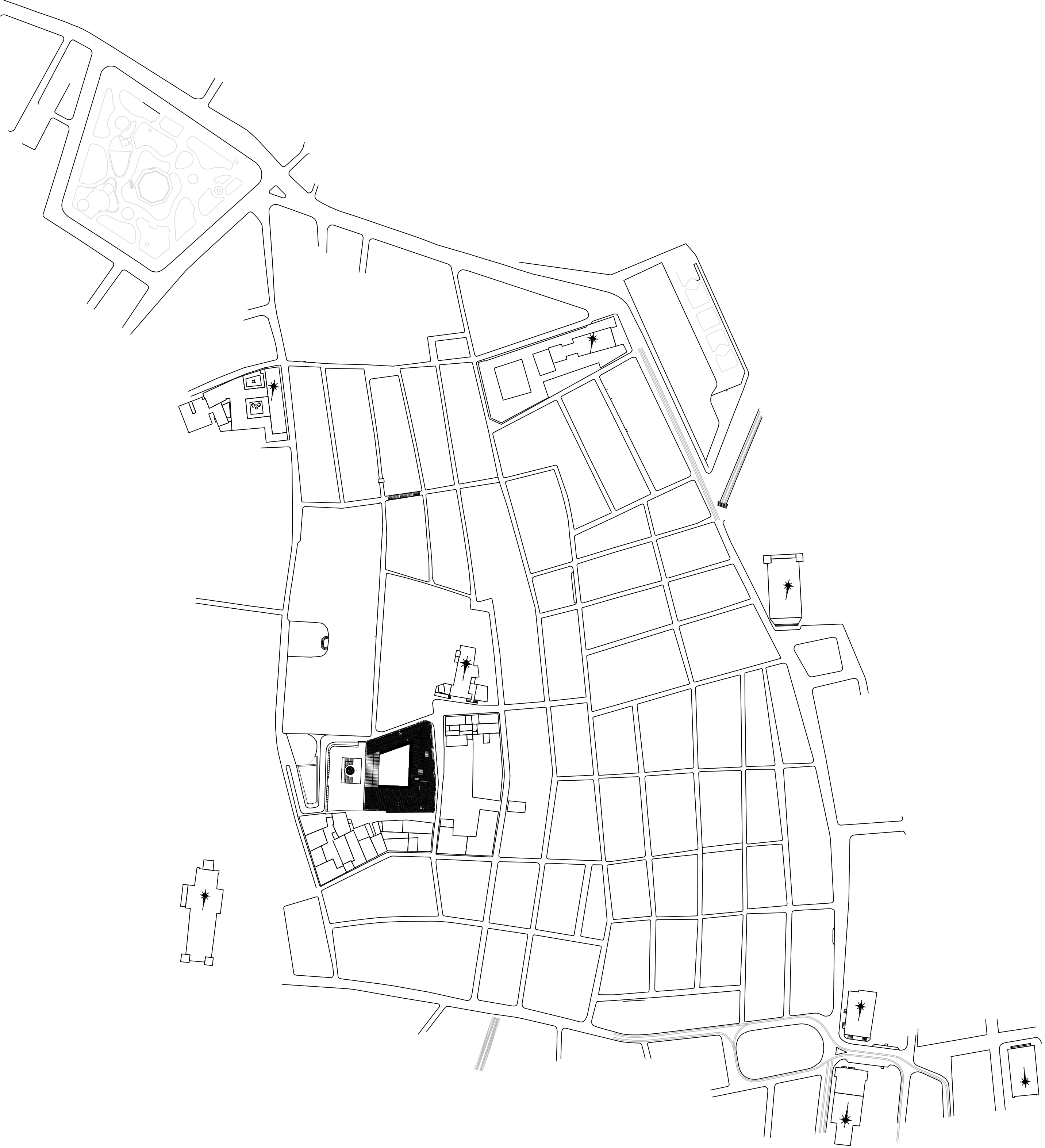




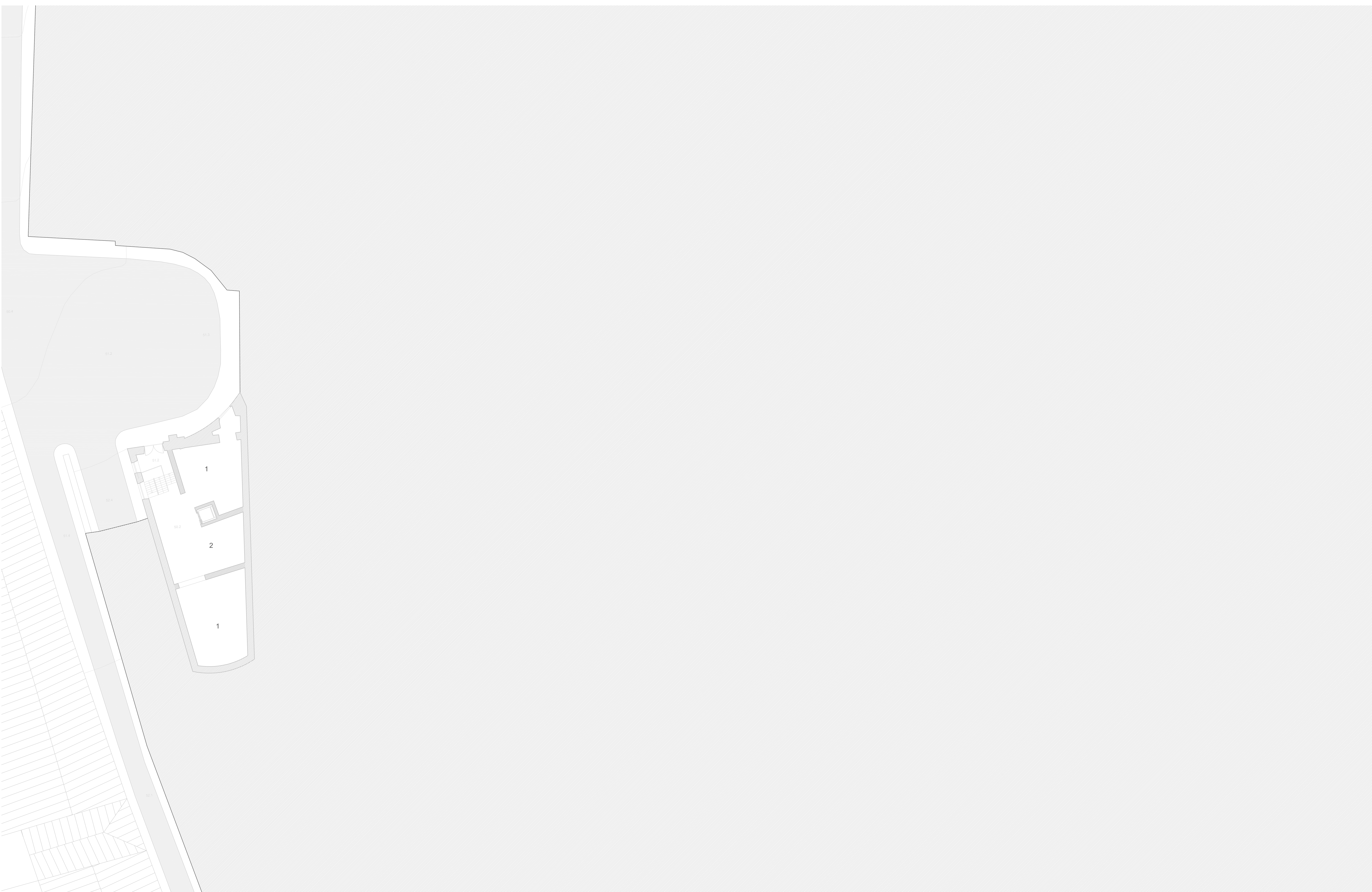






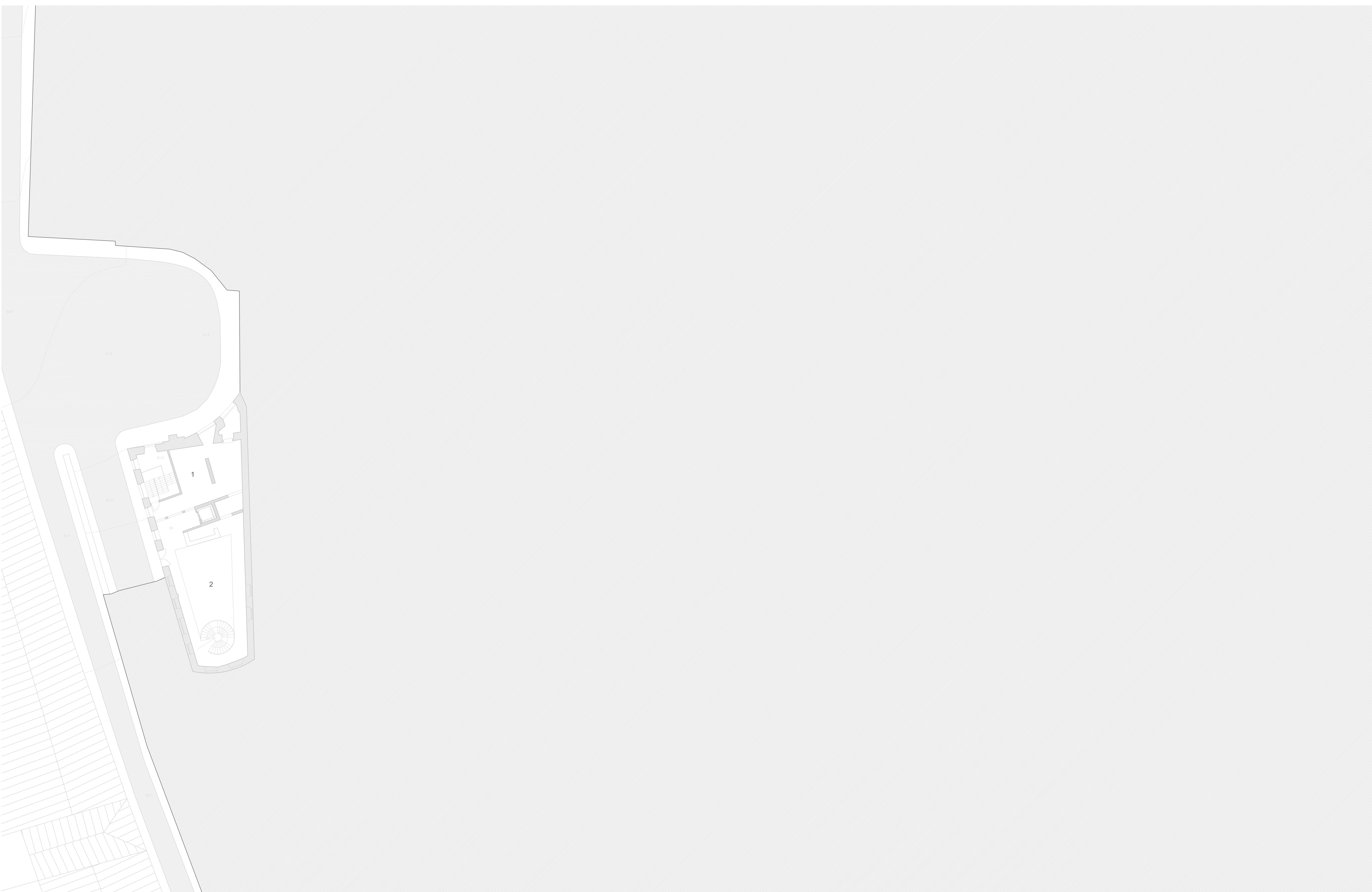


Área proposta			Área realizada			Área proposta			Área realizada		
Formação Geral (Ciências e físico-químicas)	Contrabaixo	15	30	Centro de recursos (bibl., fonoteca, esp. Trabalho)	10xCabines de Estudo	9	16	Montacargas para levar piano de cauda inteira	Espaço de espera	18	-
	2xVioloncelo	15	15		10xCabines de Estudo	6	14		20xGaragem	500	770
	3xViolino/Viola	12	15		Sala de TIC	40	50				
	2xViola Dedilhada	12	15		Sala Professores	40	40				
	Harpa	15	30		4xGabinete Trabalho Departamentos	20	85				
	Acordeão/Alaúde	15	25		Gabinete de Atendimento de EE/ Sala de Associação de Pais	12	20		Zona nobre, para museu de peças/inst.	-	200
	Órgão	40 a 60	40		Gabinete de Direcção	70	75		2xSalas para Audições classe	40	60
	Cravo	25	25		Sala de Reuniões	40	21		Auditório	-	460
	5xPiano	25	30						Sala de Conferências	60	148
	2xTecla	15	15						Estúdio de Gravação	30	55
	3xCanto	15	17								
	4xMadeiras	12	15						Apoio ao palco para instrumentos, luzes e som	-	95
	2xMetais	15	17								
	Arquivo/Arquivo Morto de Secretaria	-	130						Terraço Bar	62	220
</											



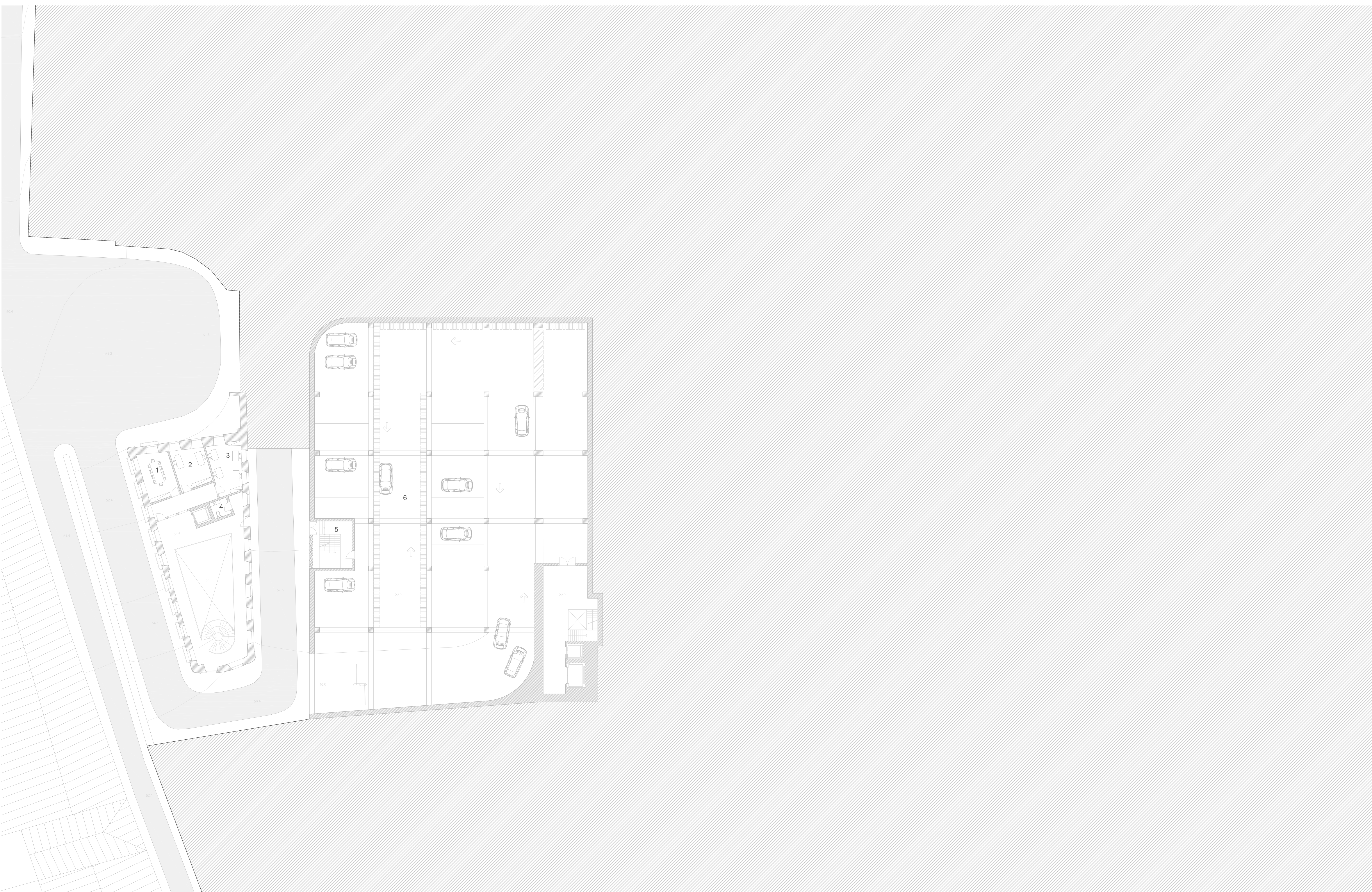
Componente Prática | A Cidade e a Música: A Escola de Música do Conservatório Nacional
Tiago de Figueiredo
Planta à cota 50.20m
Piso - 6
Esc:1:200

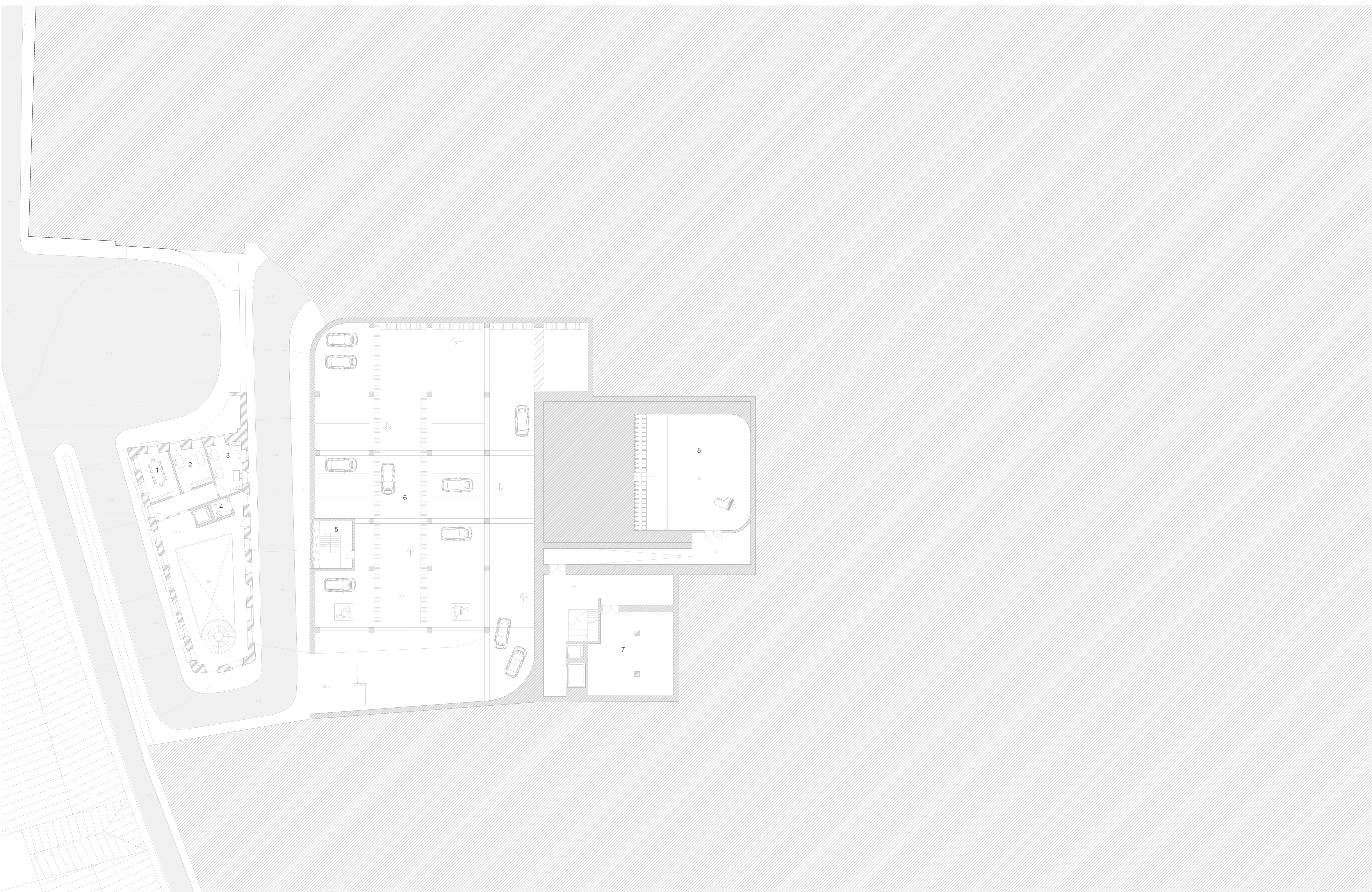
Legenda:
1. Arquivo
2. Sala de Catalogação



Componente Prática | A Cidade e a Música: A Escola de Música do Conservatório Nacional
Tiago de Figueiredo
Planta à cota 53m
Piso - 5
Esc:1:200

Legenda:
1. Museu
2. Exposição Temporária





Componente Prática | A Cidade e a Música: A Escola de Música do Conservatório Nacional
Tiago de Figueiredo
Planta à cota 61m
Piso - 3
Esc:1:200

- Legenda:
1. Sala de Reuniões

2. Sala de Secretariado Associações

3. Sala de Atendimento E.E.

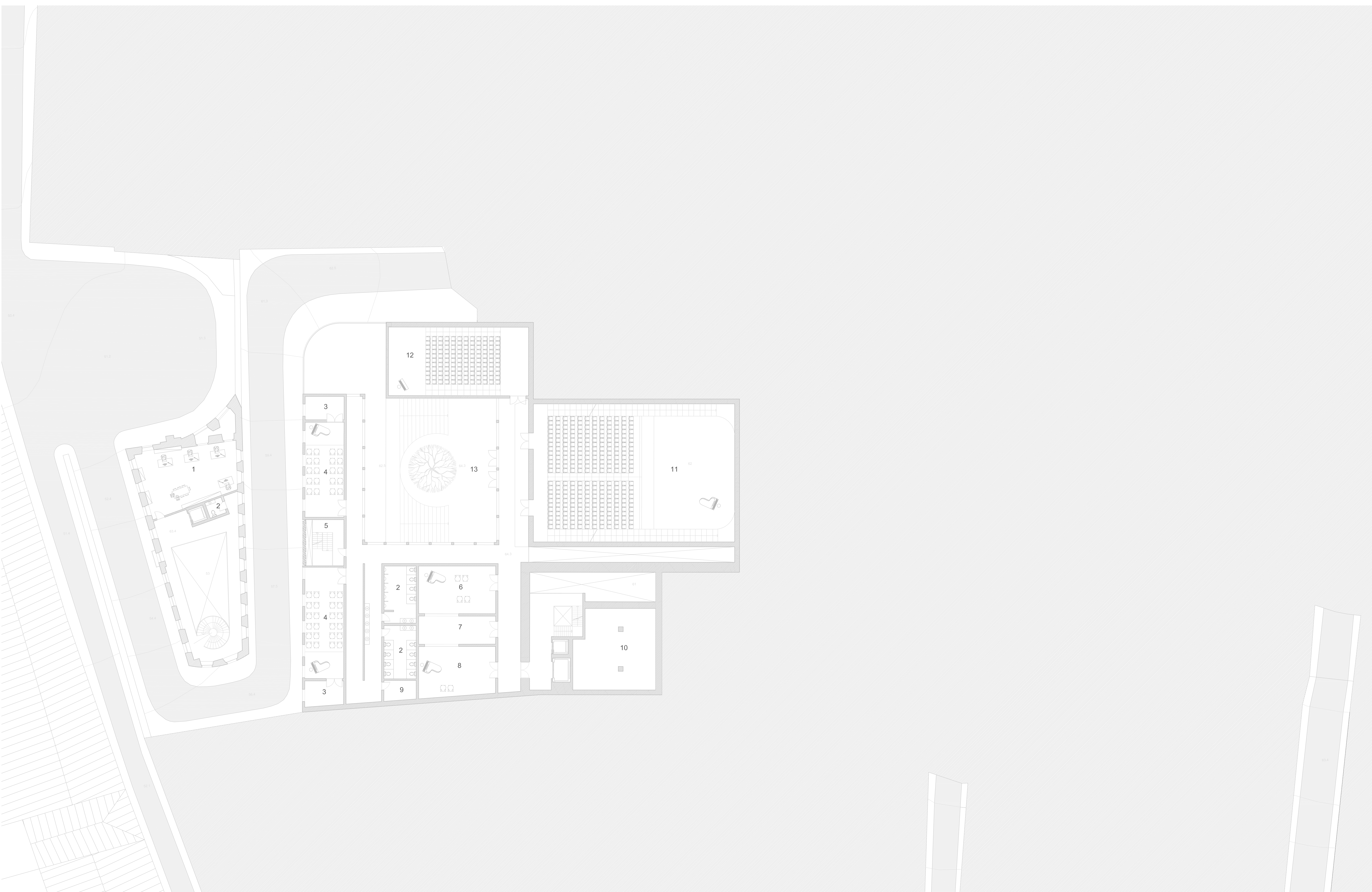
4. Instalações Sanitárias

5. Escada de Incêndio

6. Estacionamento

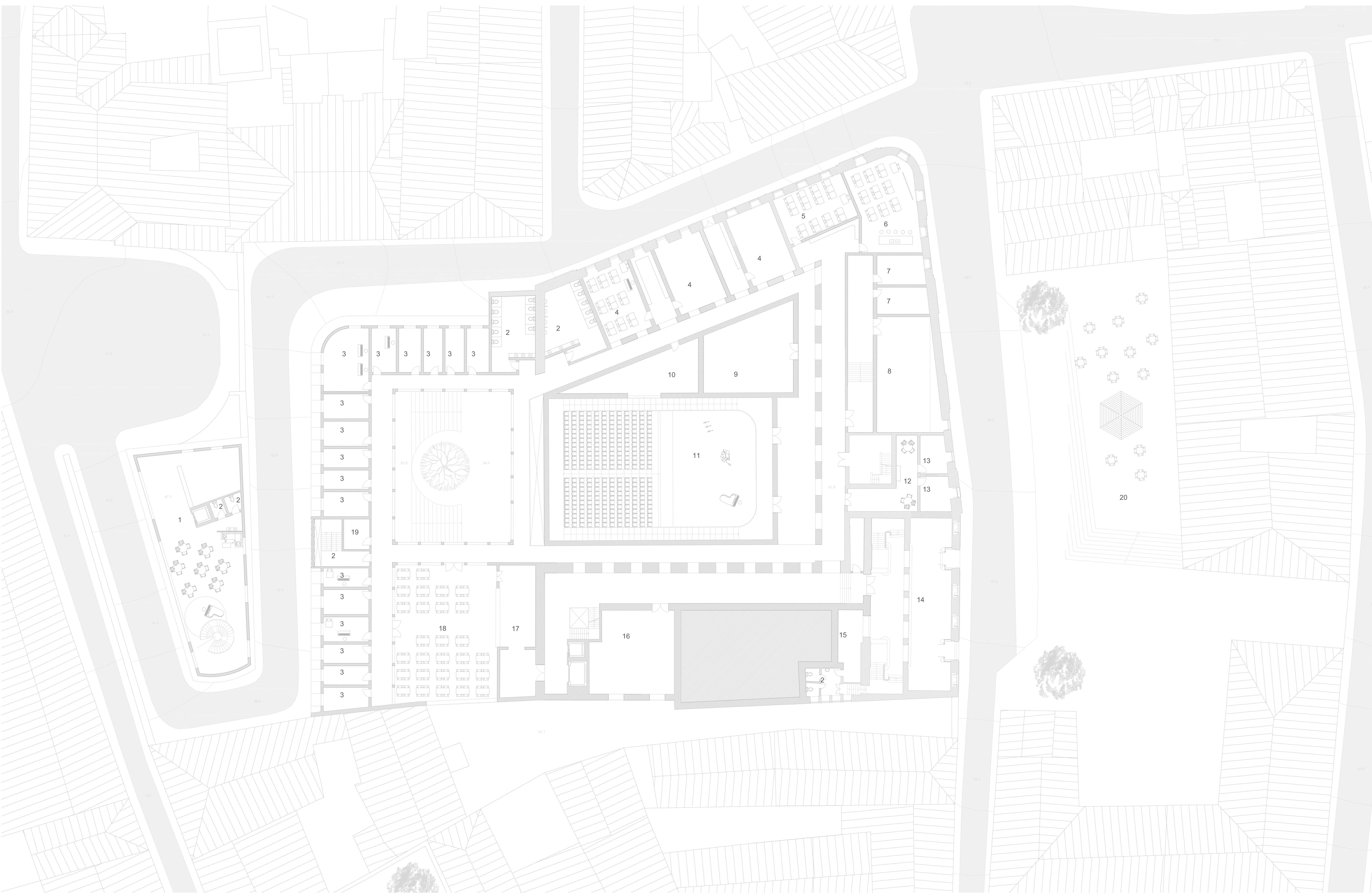
7. Apoio ao palco para instrumentos, luzes e som

8. Auditório



Componente Prática | A Cidade e a Música: A Escola de Música do Conservatório Nacional
Tiago de Figueiredo
Planta à cota 64.5m
Piso - 2
Esc:1:200

- Legenda:
- | | | |
|--|---|--------------------------|
| 1. Gabinete de Trabalho de departamentos | 6. Estúdio de Gravação | 11. Auditório |
| 2. Instalações Sanitárias | 7. Regi | 12. Sala de Conferências |
| 3. Apoio à Sala de Audição | 8. Sala de Produção | 13. Cláustro |
| 4. Sala de Audição | 9. Arrumos | |
| 5. Escada de Incêndio | 10. Apoio ao palco para instrumentos, luzes e som | |



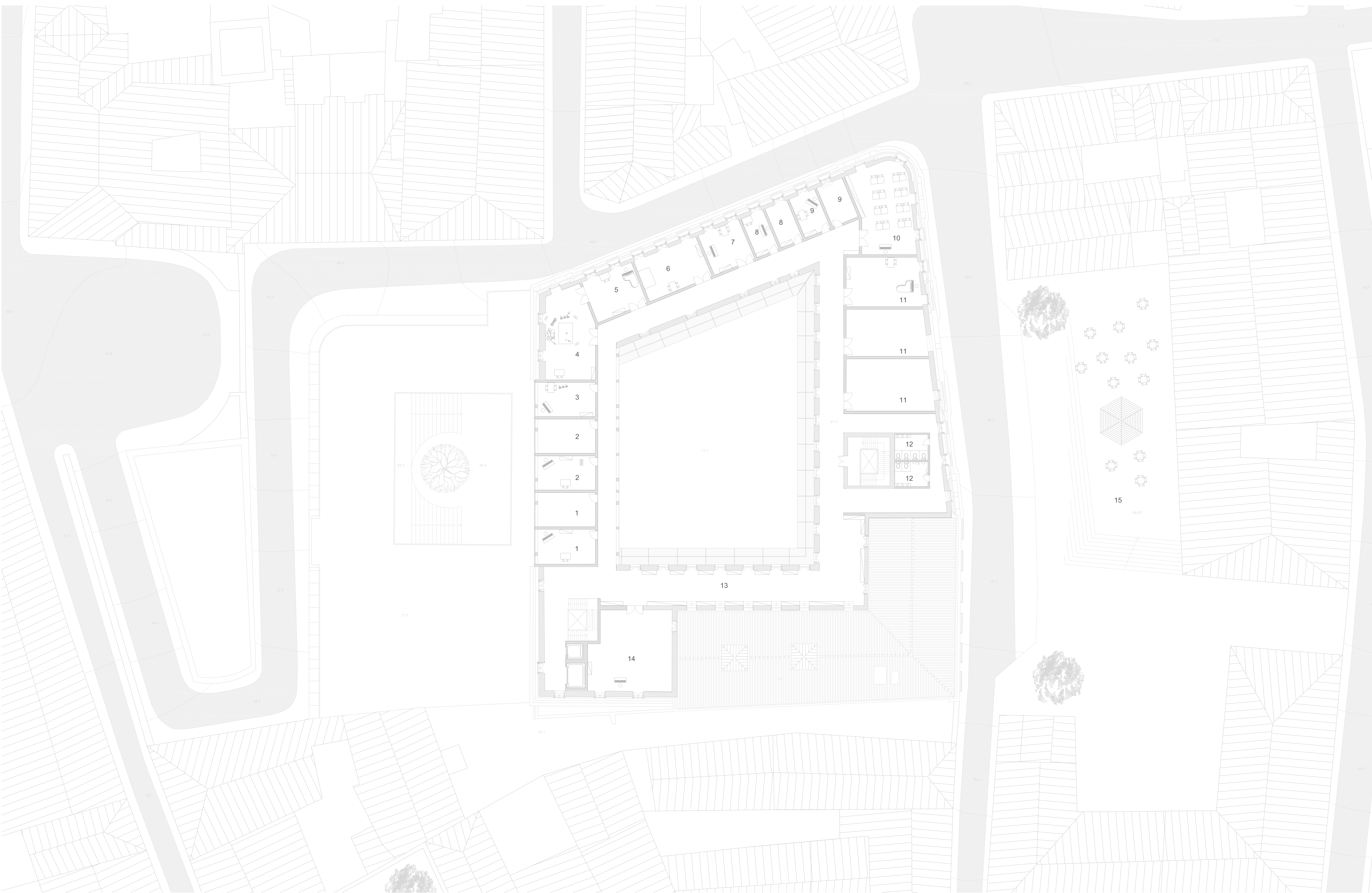
Componente Prática | A Cidade e a Música: A Escola de Música do Conservatório Nacional
Tiago de Figueiredo
Planta à cota 67.6m
Piso -1
Esc:1:200

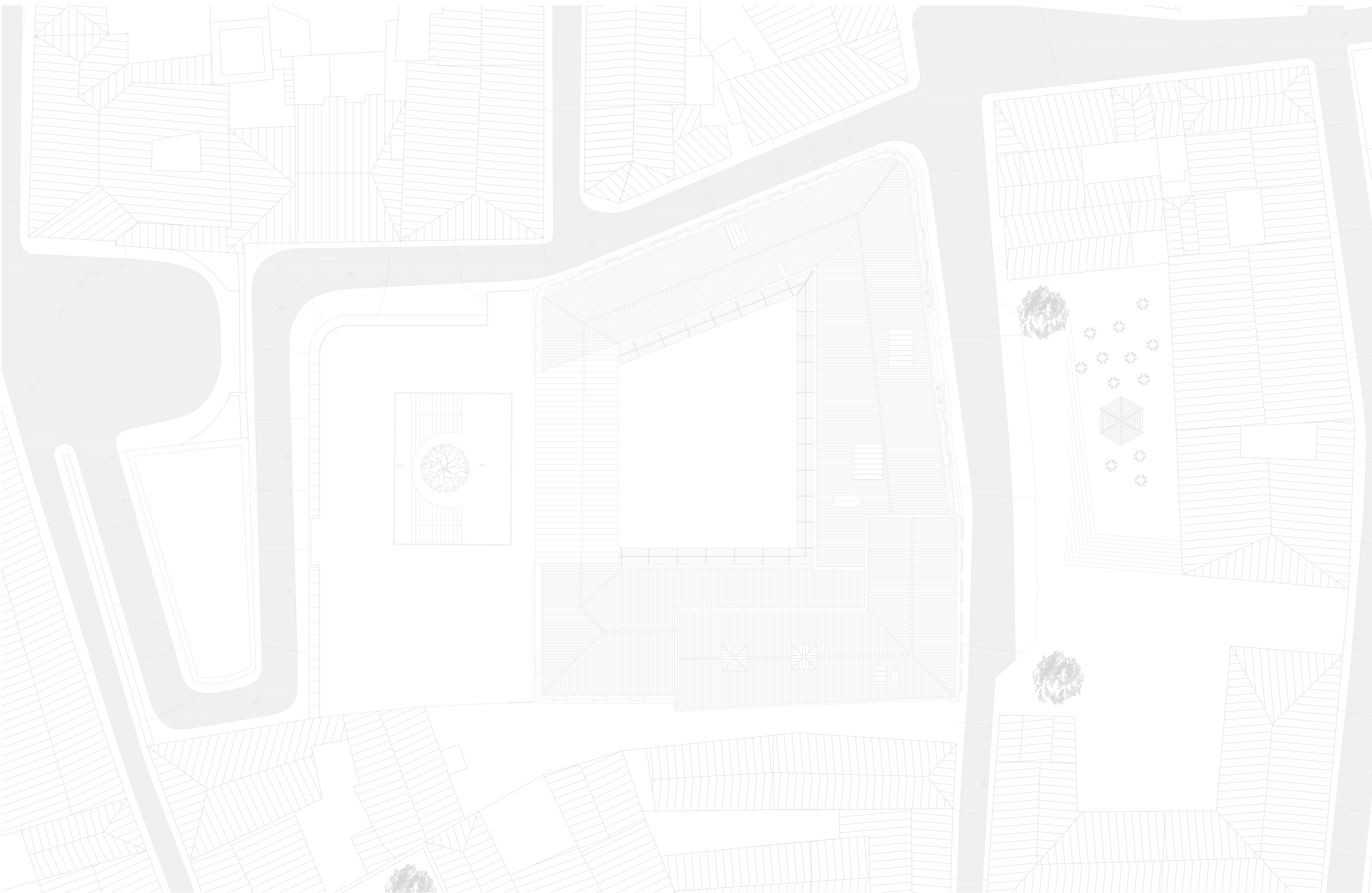
- Legenda:

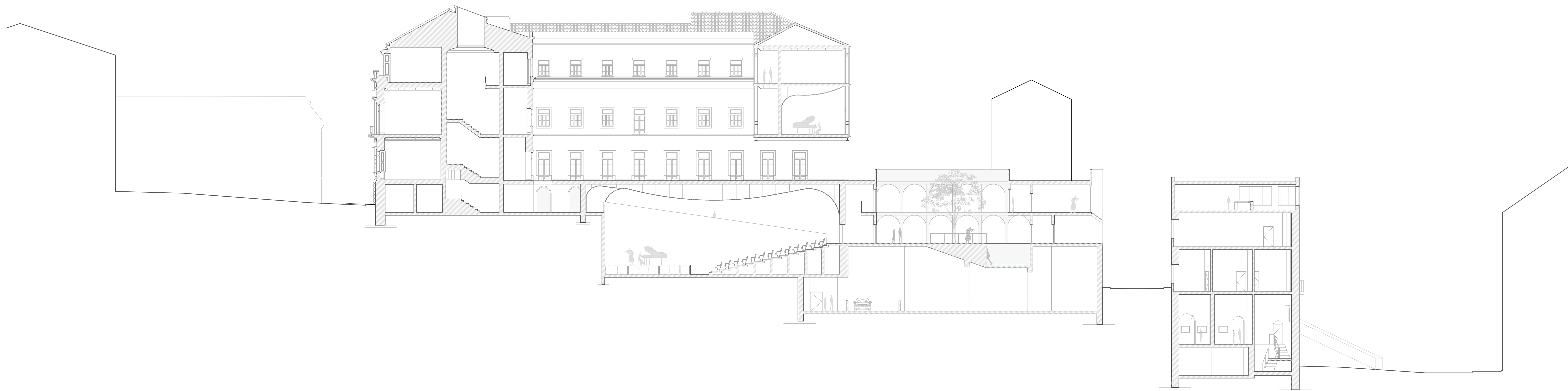
 - 1. Café Concerto
 - 2. Instalações Sanitárias
 - 3. Salas de Estudo
 - 4. Formação Musical
 - 5. TIC
- 6. Formação Geral/ Ciência e Físico-Química
 - 7. Balneário
 - 8. Ginásio
 - 9. Arquivo de Instrumentos
 - 10. Regi
- 11. Auditório
 - 12. Sala Pessoal não Docente
 - 13. Vestiário de Pessoal não Docente
 - 14. Foyer
 - 15. Bengaleiro/ Balcão
- 16. Espaço de Rec. de Material
 - 17. Cozinha
 - 18. Refeitório/ Bar
 - 19. Arrumos
 - 20. Largo

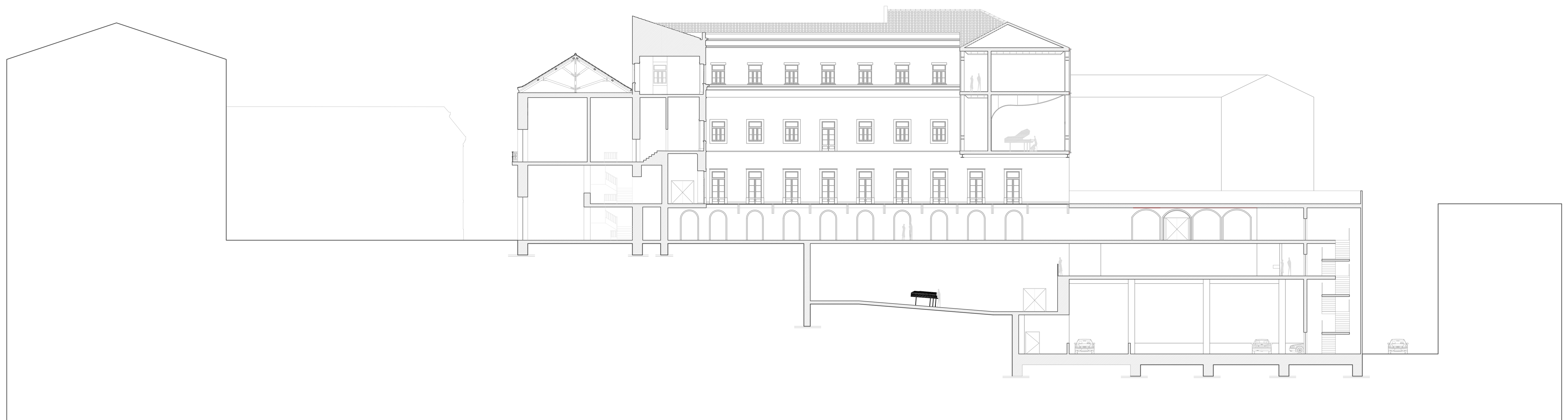


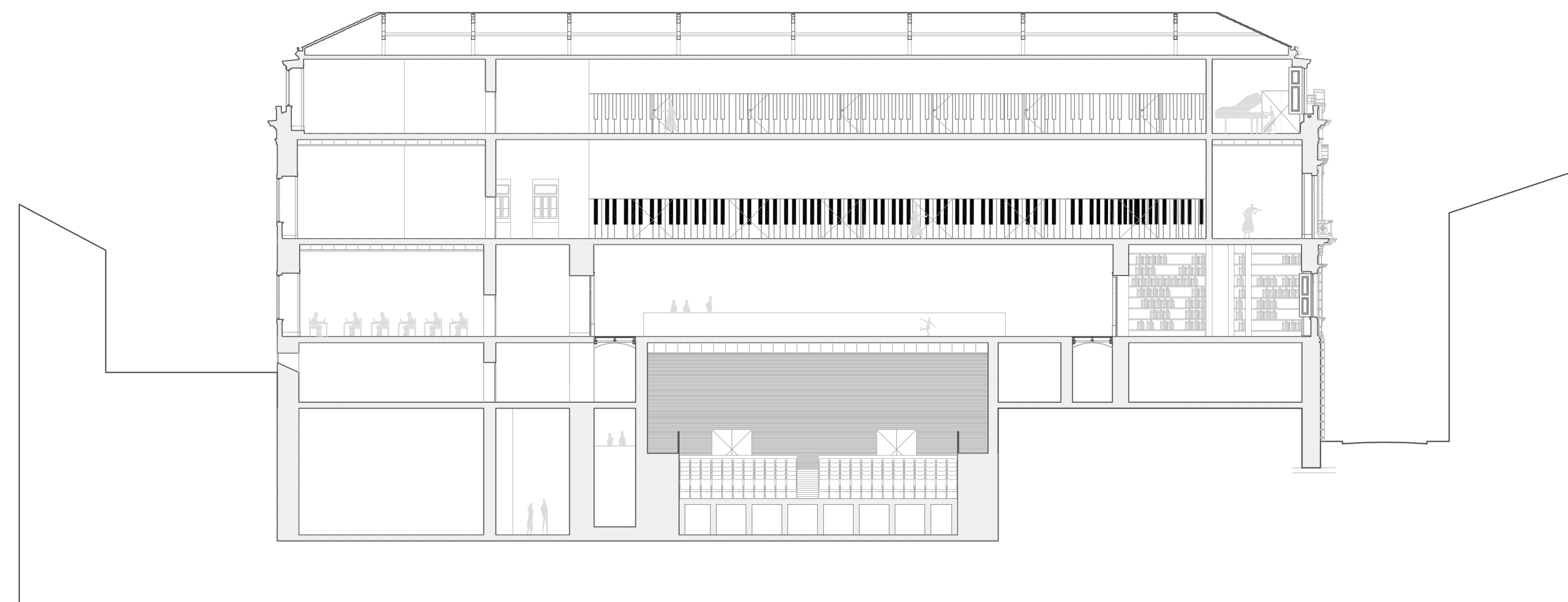
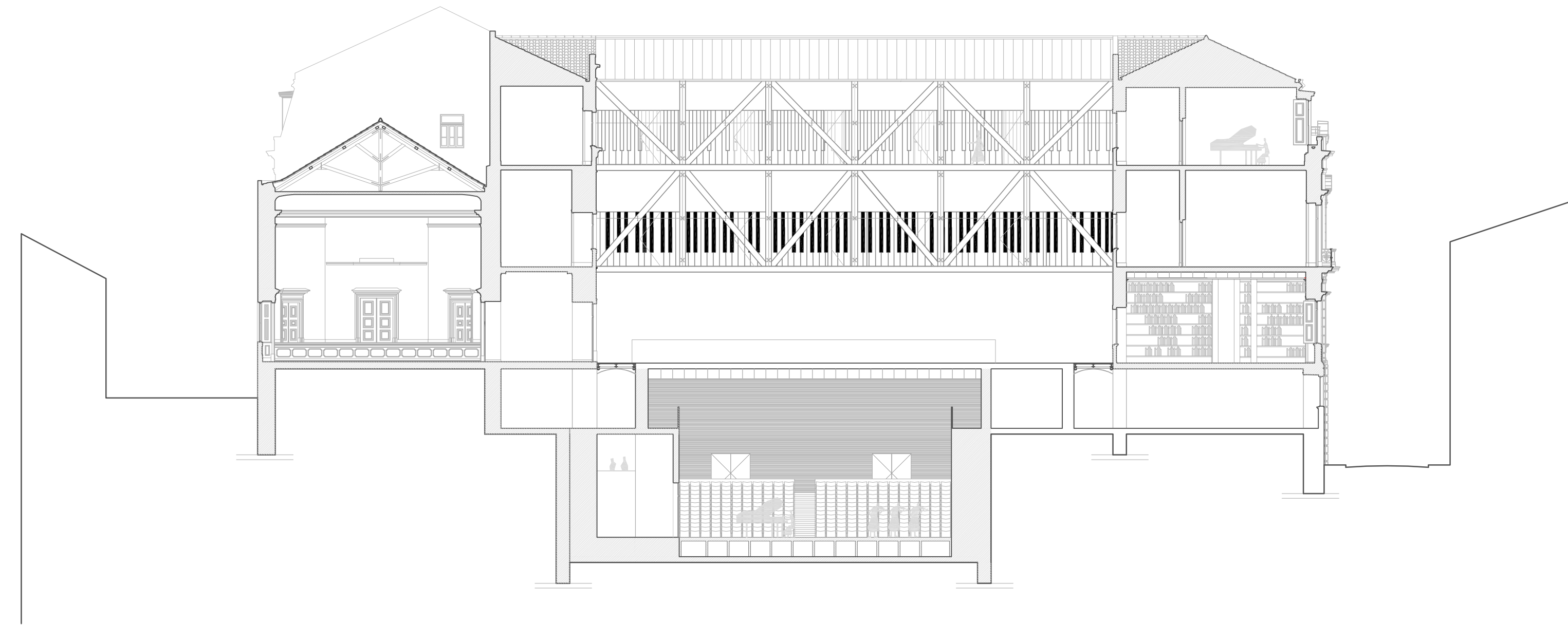


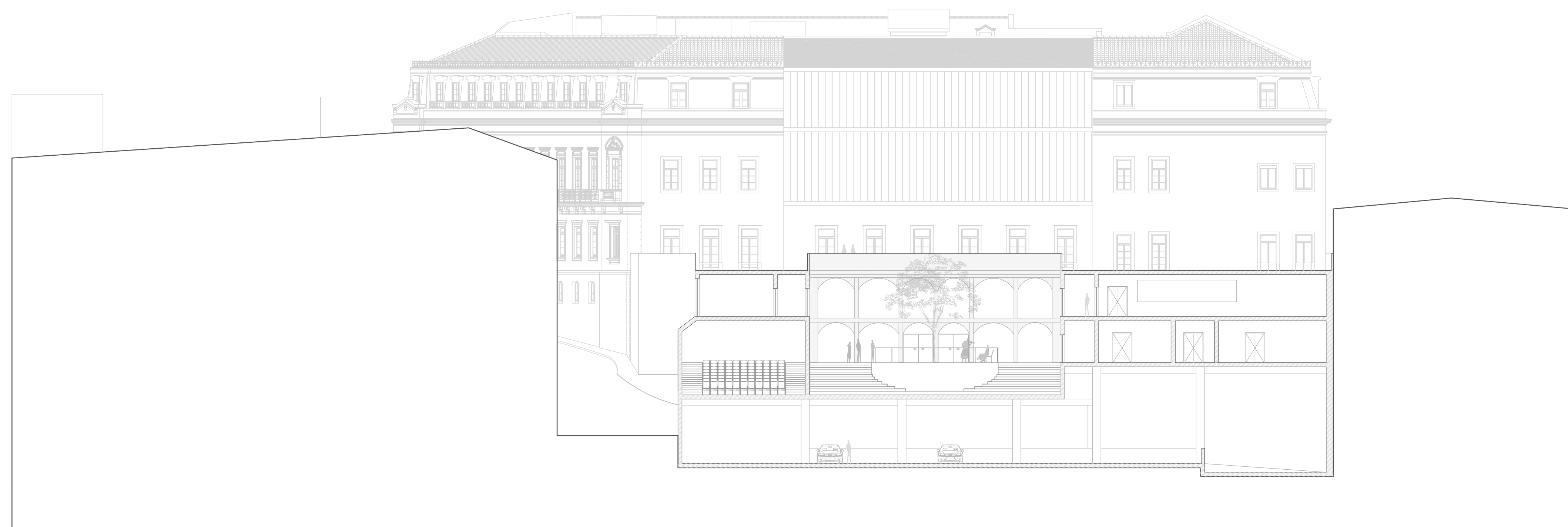


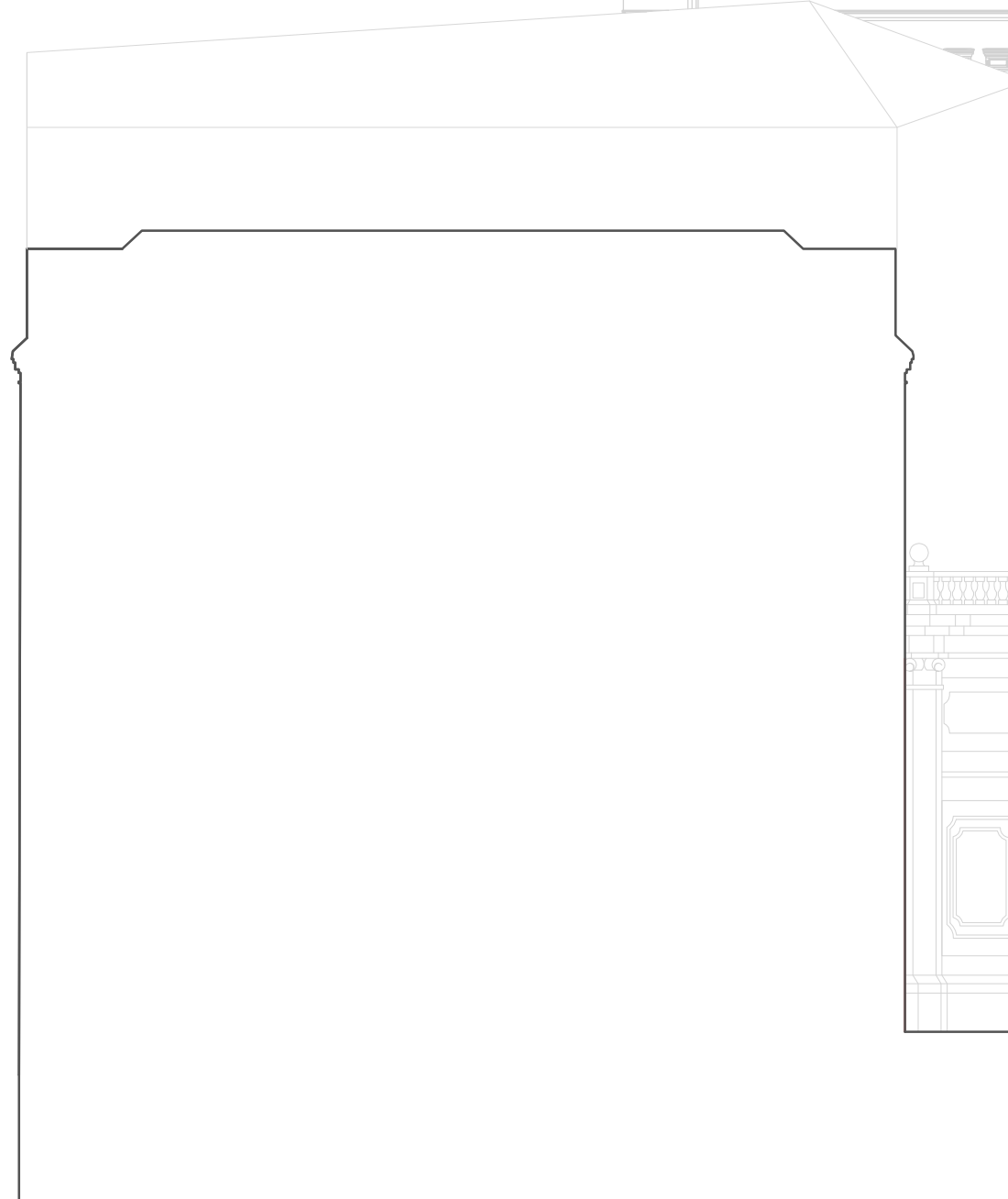


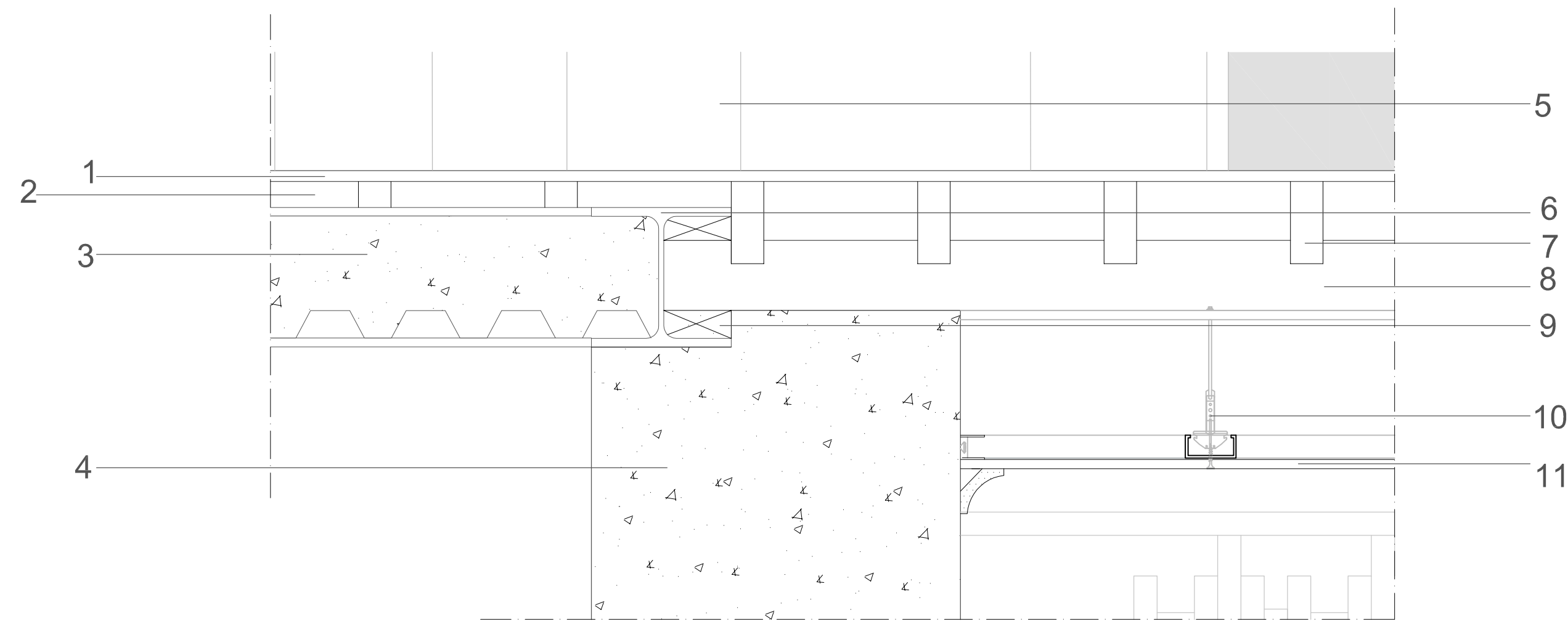








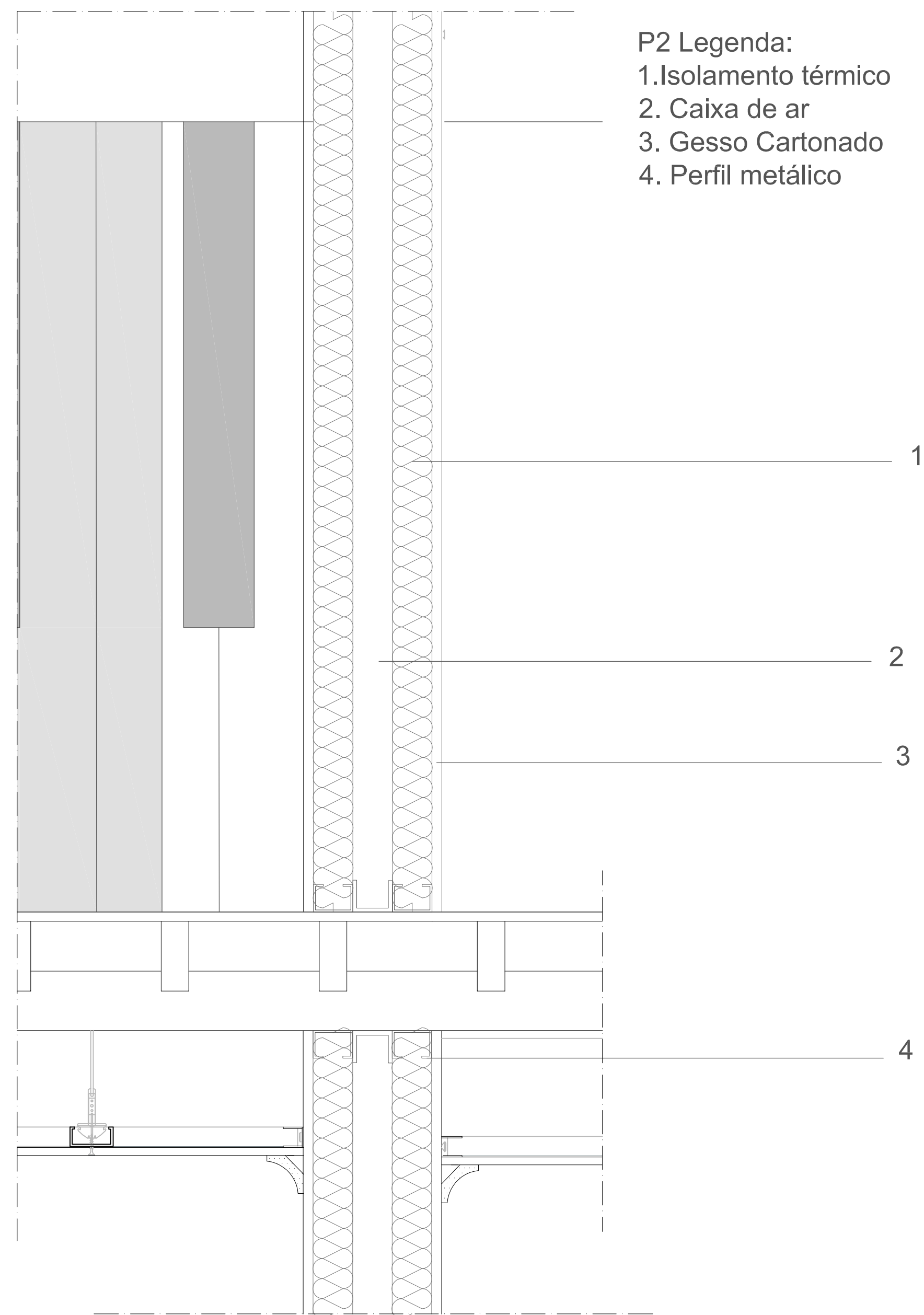




P1
Esc.1:10

P1 Legenda:

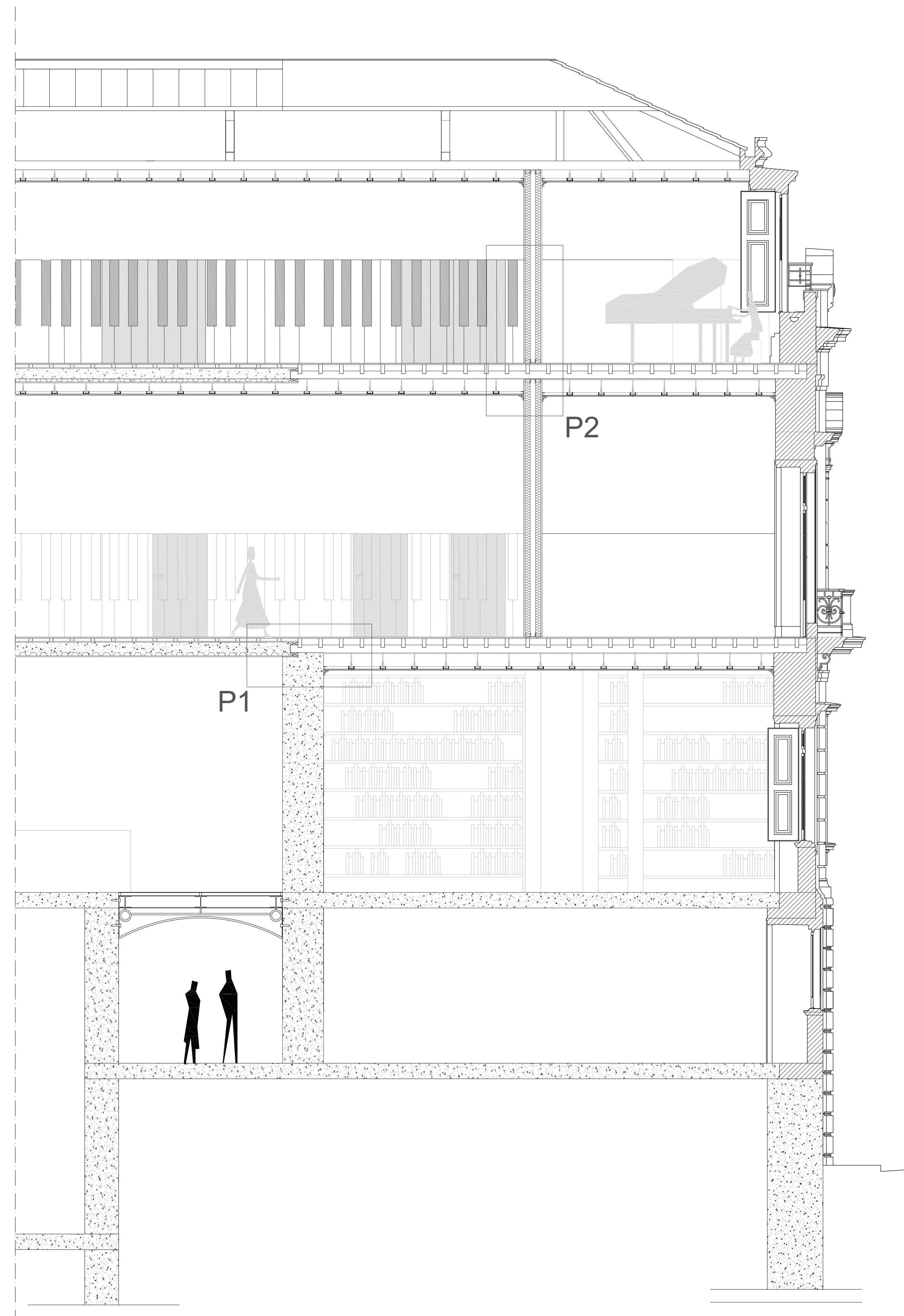
1. Soalho de madeira
2. Isolamento térmico em cortiça
3. Laje alijeirada
4. Parede de betão
5. Lambrim de pladur
6. Perfil Metálico
7. Barrotes
8. Viga de madeira
9. Frechal
10. Estrutura Metálica de suporte de tecto falso
11. Tecto falso de gesso cartonado



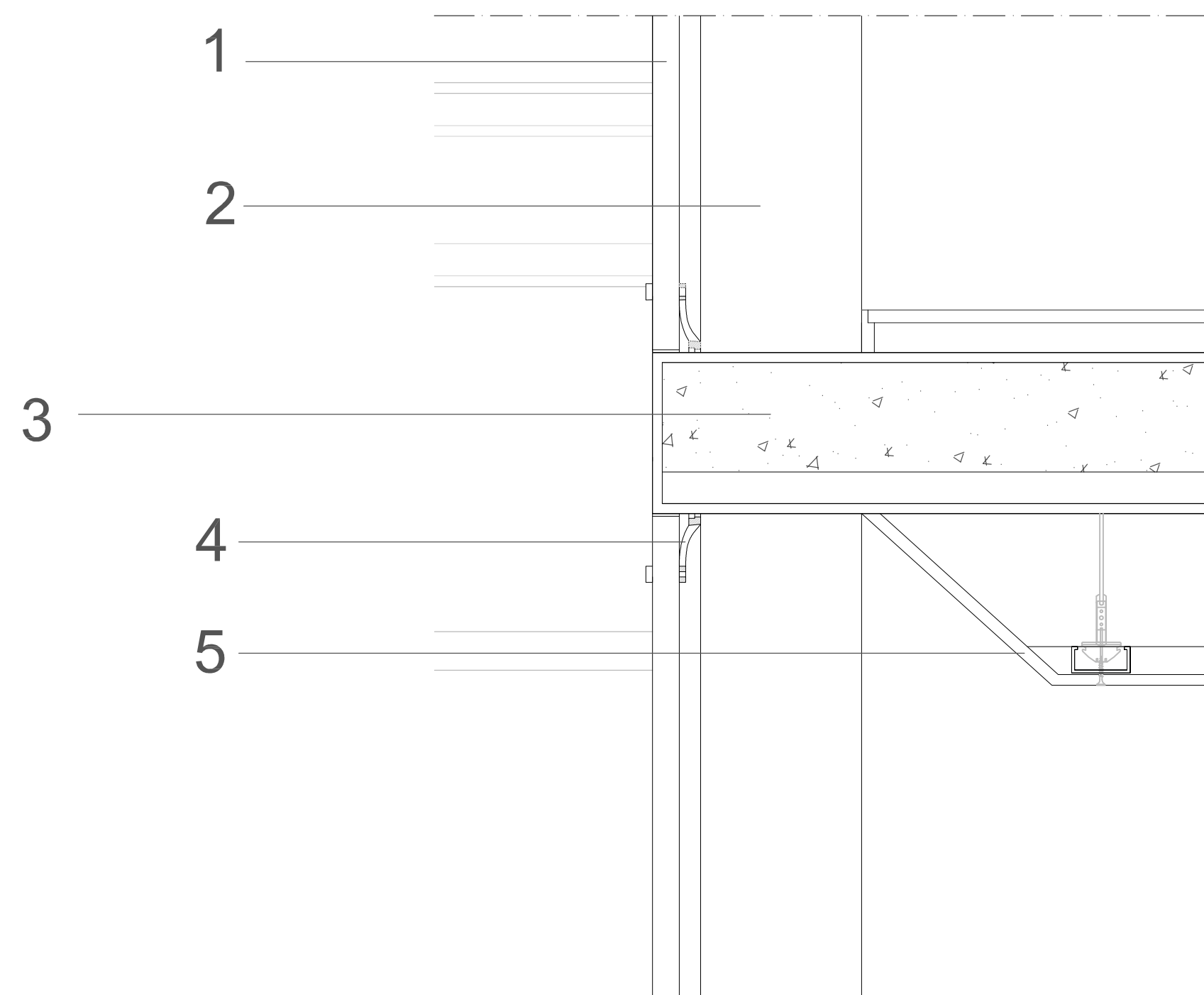
P2
Esc.1:10

P2 Legenda:

1. Isolamento térmico
2. Caixa de ar
3. Gesso Cartonado
4. Perfil metálico

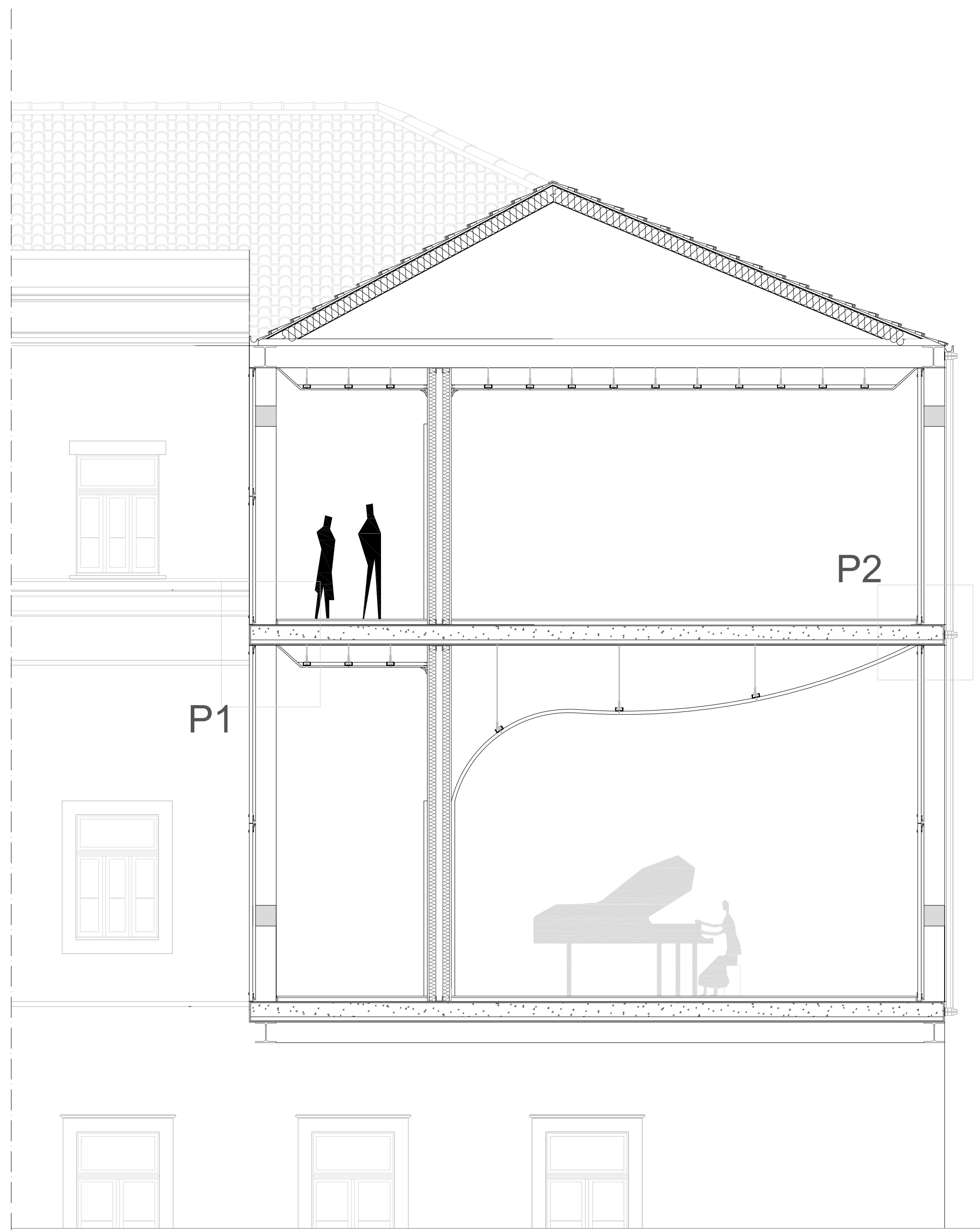


Corte Construtivo
Esc.1:50

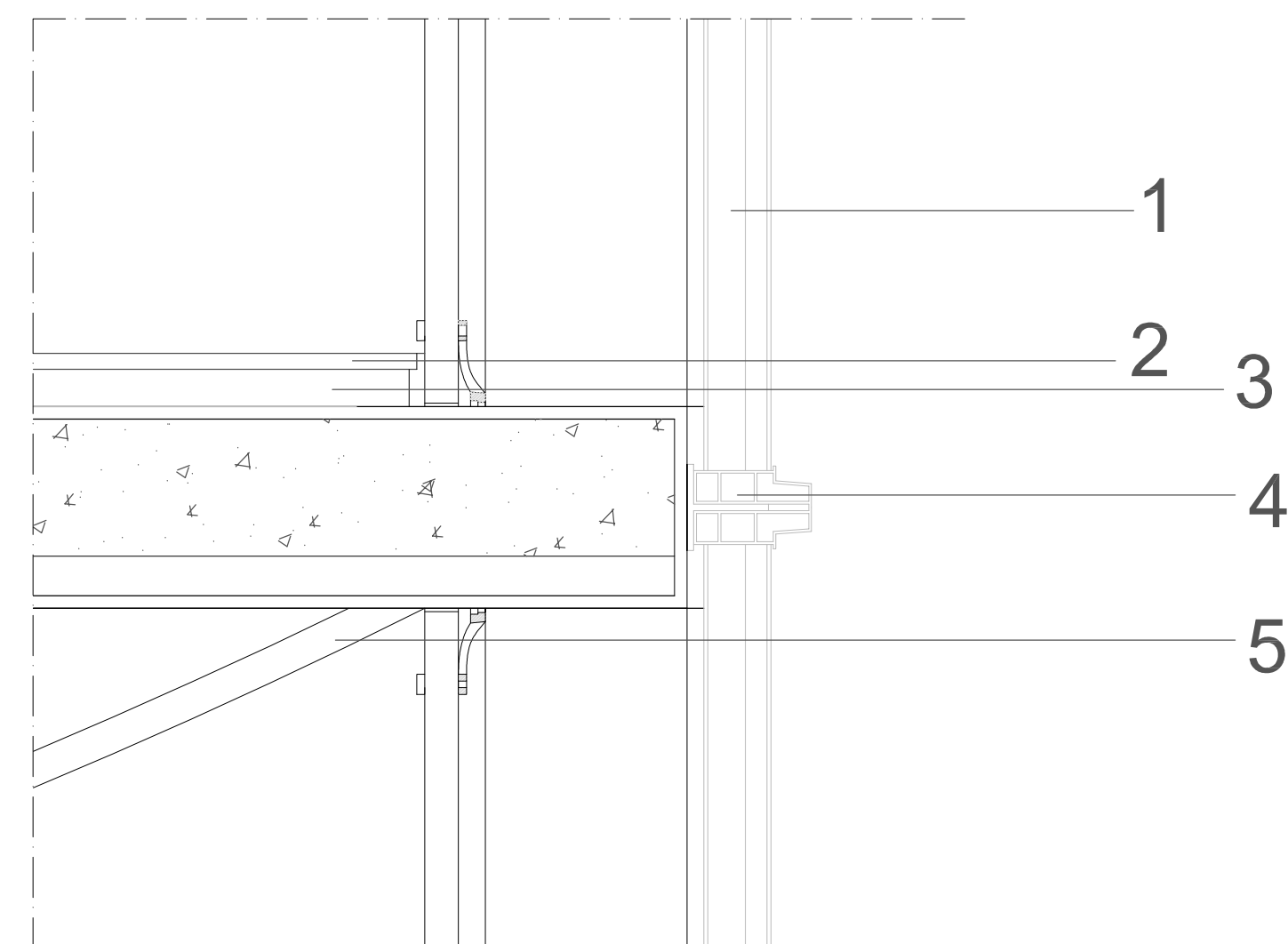


P1
1:10

- P1 Legenda:
- 1. Vidro
 - 2. Trelíça metálica
 - 3. Laje alijeirada
 - 4. Aranha metálica de fixação de vidro
 - 5. Tecto Falso de Gesso Cartonado

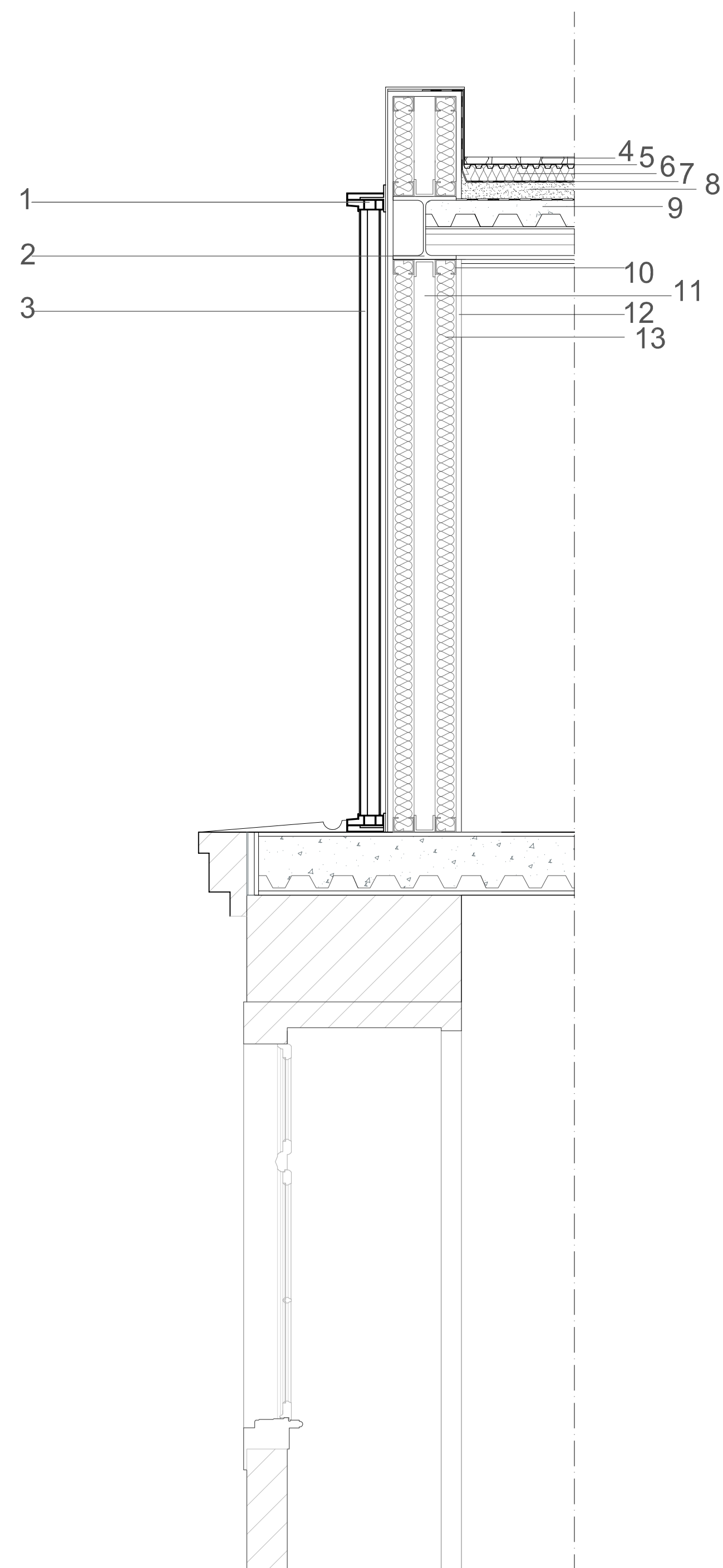


Corte Construtivo
Esc.1:50



P2
Esc.1.10

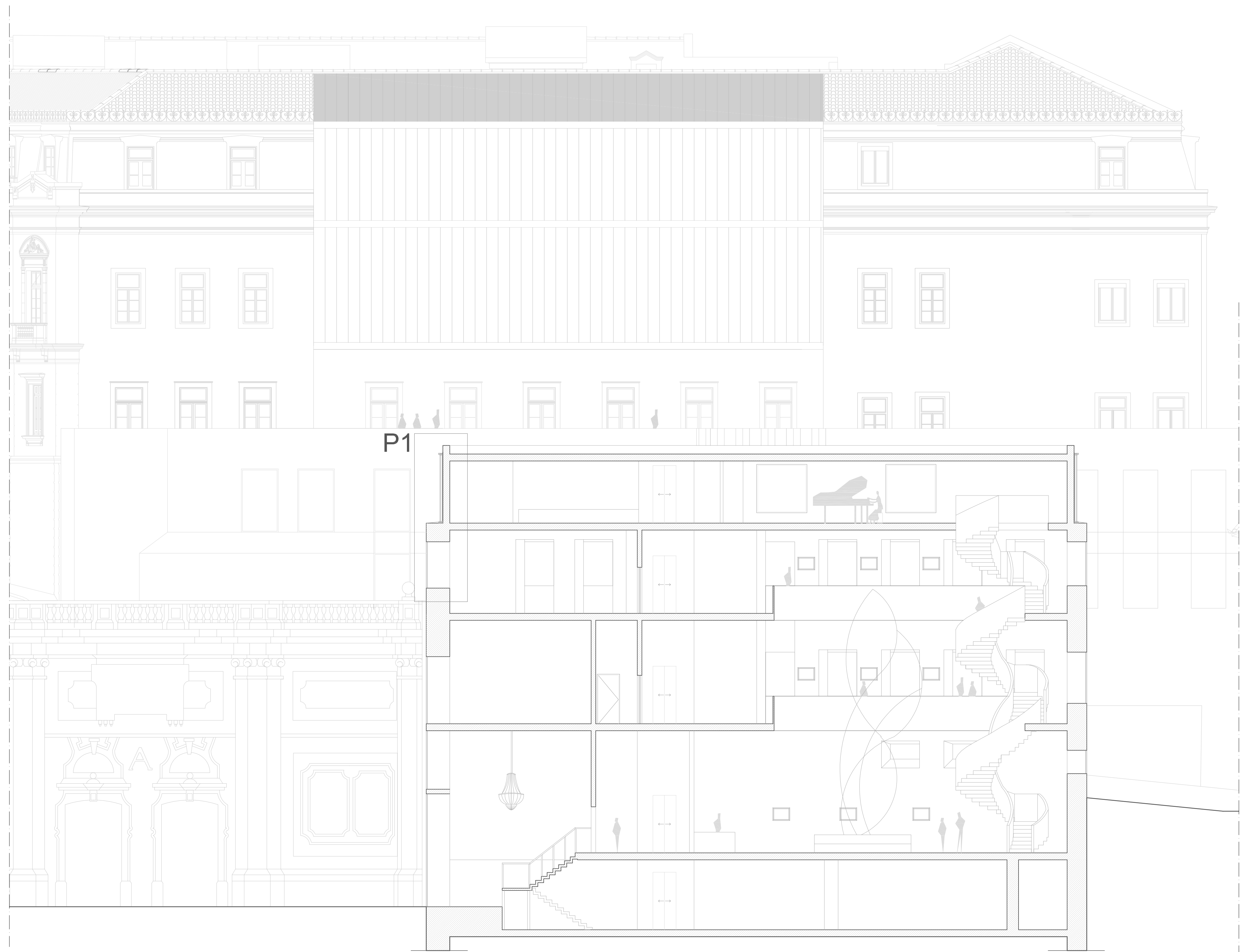
- P1 Legenda:
- 1. Vidro OKAPANE
 - 2. Soalho de madeira
 - 3. Isolamento térmico em cortiça
 - 4. Calha metálica
 - 5. Tecto falso de Gesso Cartonado



P1
esc. 1:20

P1 Legenda:

1. Calha metálica
2. Perfil metálico
3. Vidro OKAPANE
4. Gravilha
5. Camada drenante
6. Isolamento Térmico
7. Impermeabilização
8. Camada de forma
9. Laje Alijeirada
10. Perfil metálico de suporte ao isolamento
11. Caixa de ar
12. Gesso Cartonado
13. Isolamento térmico



Corte Construtivo
Esc. 1:100